

Universidade de Lisboa



**A utilização do telemóvel em sala de aula na disciplina de
Economia no Ensino Profissional**

Rita Alexandra Correia Rebelo dos Santos

Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado pela Professora Doutora Ana Luísa Rodrigues

2018

Este estudo foi enquadrado no âmbito do Projeto Technology Enhanced Learning @ Future Teacher Education Lab financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/MHC-CED/0588/2014)

Dedicatória

“Aos meus amores... a minha família”

“Os bons professores falam com a voz, os professores fascinantes falam com os
olhos.”

Augusto Cury

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela

Agradecimentos

À coordenadora do Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade, Professora Doutora Luísa Cerdeira, por me integrar na nossa área, grupo de recrutamento 430, ensino da Economia e Contabilidade, e por me ter permitido ingressar neste Mestrado que me permitirá realizar o sonho de me tornar docente.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Luísa Rodrigues, pela simpatia, disponibilidade, quer presencial quer via eletrónica (mensagens, e-mails, telefonemas...), pela dedicação ao nosso trabalho ao longo destes dois anos de Mestrado, e, ainda, pelo incentivo ao longo de todo o processo.

Aos professores do Mestrado e aos meus colegas de turma, pela partilha de conhecimentos, pela troca de experiências e pelo trabalho desenvolvido enquanto grupo/turma.

À minha professora cooperante, que se mostrou, sempre, disponível, atenta, participativa, com quem desenvolvi trabalho colaborativo, desde o início e com quem aprendi imenso.

À turma cooperante, 10.º do Curso Profissional de Comércio (PTC) que me recebeu como parte integrante da turma e que colaborou, de forma muito ativa, empenhada e dinâmica em tudo o que lhes propus executarem.

À diretora da Escola Secundária Henriques Nogueira (ESHN) por me ter aceitado a estagiar na Escola e por permitir que o estágio se concretizasse nas melhores condições.

À minha família e amigos, agradeço-vos por toda a paciência, pela atenção dedicada às minhas “palestras”, pelos incentivos e abraços que me deram como estímulo para concretizar “este sonho de ser docente”. A todos vós, abraço-vos, agradecendo com um “muito obrigada!” Prometo compensar cada momento que deixei de passar com cada um de vós.

Índice

Agradecimentos.....	v
Siglas e Abreviaturas.....	ix
Resumo.....	xi
Abstract	xii
1. Introdução	1
2. O problema e justificação do tema.....	4
PARTE I – Contextualização teórica	7
3 – A utilização pedagógica do telemóvel na sala de aula como ferramenta.....	7
3.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação em contexto educativo	7
3.2. A criação e utilização de recursos digitais	10
3.3. A integração e utilização das Tecnologias Digitais pelo professor	12
3.4. A importância da relação pedagógica professor-aluno e da motivação	15
3.5. O papel do professor de Economia no Ensino Profissional	17
PARTE II – Contextualização prática e operacionalização do estudo.....	21
4. Metodologia	21
4.1. Questões e objetivos do estudo	21
4.2. Instrumentos e técnicas de recolha de dados	22
5. Descrição do Contexto	25
5.1. Caracterização da comunidade local e da escola.....	25
5.2. Caracterização da turma cooperante.....	29
5.3. O curso Profissional Técnico de Comércio	32
5.4. Caracterização da disciplina e do módulo lecionados	34
6. Operacionalização do estudo.....	37
6.1. Planificações.....	37
6.2. Procedimentos de avaliação	40
6.3. Análise e discussão dos dados recolhidos	43
6.3.1. Análise e interpretação do questionário aos alunos	43
6.3.2. Resumo do diário de campo.....	54
PARTE III – Conclusões.....	57
7.1. Reflexão sobre a prática de ensino supervisionada	57
7.2. Considerações finais sobre o meu estudo	58
7.3. A importância do Mestrado em Ensino para o desempenho da docência	61
7.4. Dificuldades e desafios.....	62
Referências.....	65

Apêndices.....	69
Apêndice A – Cenário de aprendizagem do Módulo 4	69
Apêndice B – Planos de aulas lecionadas do Módulo	77
Apêndice C – Recursos e materiais didáticos	95
Apêndice D – Questionário	131
Apêndice E – Diário de Campo.....	136
Apêndice F – Entrevista à Professora Cooperante	151
Anexos	154
Anexo A – Critérios de avaliação do curso PTC na ESHN	154

Índice de tabelas e gráficos

Tabela 1 - Plano curricular do curso profissional Técnico de Comércio.....	33
Gráfico 1 - Sexo dos participantes	43
Gráfico 2 - Manuseamento do telemóvel.....	44
Gráfico 3 - Dinamização das aulas de Economia com o uso do telemóvel.	44
Gráfico 4 - Utilização indevida do telemóvel em sala de aula.....	45
Gráfico 5 - O uso das TIC e a relação com a geração tecnológica de estudantes.....	46
Gráfico 6 - Compreensão das orientações da professora para executar no telemóvel.	47
Gráfico 7 - Kahoot	47
Gráfico 8 – Acessibilidade do jogo Kahoot	48
Gráfico 9 - Facilidade de elaboração de um kahoot.....	48
Gráfico 10 - Eficiência na resposta e no domínio de conteúdos, nas questões solicitadas pela professora.....	49
Gráfico 11 - Acesso à Wi-fi da escola.	49
Gráfico 12 - Disponibilidade de ter o telemóvel nas aulas de Economia, em cima da secretária.	50
Gráfico 13 - Manuseamento do telemóvel sem que seja solicitado.	51
Gráfico 14 - Pertinência do uso do telemóvel nas aulas lecionadas de Economia. ...	51
Gráfico 15 - Pertinência do uso do telemóvel nas aulas de Economia.	52
Gráfico 16 - Adoção por outros professores do uso do telemóvel como estratégia de sala de aula.	53

Siglas e Abreviaturas

AE – Agrupamento de Escolas

AEHN – Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira

ANQ – Agência Nacional para a Qualificação

CES – Ciências Económicas e Sociais

CNE – Conselho Nacional de Educação

DL – Decreto-Lei

DT – Diretor(a) de Turma

EE – Encarregados de Educação

EFA – Educação e Formação de adultos

ESHN – Escola Secundária Henriques Nogueira

IPC – Índice de Preços no Consumidor

I&D – Investimento e Desenvolvimento

IE – Instituto da Educação

IPP – Introdução à Prática Profissional

IPP IV – Introdução à Prática Profissional IV

ME – Ministério da Educação

NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

PEE – Projeto Educativo de Escola

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PTC – Profissional Técnico de Comércio

TD – Tecnologias Digitais

TE – Tecnologias Educativas

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UC – Unidade Curricular

UE – União Europeia

UL – Universidade de Lisboa

Resumo

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Introdução à Prática Profissional IV, do Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade. Com este trabalho, pretendeu-se descrever a atividade desenvolvida na escola cooperante, durante o exercício da Prática de Ensino Supervisionada. Neste relatório, encontra-se, também, expressa a investigação teórica realizada acerca da questão do uso do telemóvel em contexto de sala de aula, tendo a mesma sido operacionalizada, numa turma do décimo ano, do curso Profissional de Técnico de Comércio.

O estudo, centrou-se na problemática de como poderão as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), nomeadamente o uso do telemóvel como ferramenta pedagógica, contribuir para o desenvolvimento de competências no processo de ensino-aprendizagem.

Quer nas planificações quer na lecionação das aulas foram incluídos métodos e técnicas pedagógicas, que permitiram operacionalizar o ensino usando as NTIC, designadamente, o telemóvel. Através do dispositivo móvel, foram consolidados os conteúdos programáticos do Módulo 4 – Moeda e Financiamento da Atividade Económica, mediante fichas formativas, pesquisas, aplicação *kahoot* e, resolução de testes interativos. Todas estas ferramentas foram usadas nos telemóveis dos alunos durante as aulas.

Verificou-se que, para que estes métodos de ensino-aprendizagem possam ter sucesso são necessários professores com formação nesta área das tecnologias digitais. Para o efeito, ter-se-á também que flexibilizar o currículo da disciplina de Economia, dedicando um maior número de horas à componente formativa.

Considero que o presente estudo foi relevante, pois verificou-se que o uso pedagógico do telemóvel permitiu a partilha, cooperação, autonomia e responsabilidade entre os alunos e com a professora, constituindo assim uma alavanca para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, na disciplina de Economia do Ensino Profissional.

Palavras-chave: Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC); *Mobile Learning*; Telemóveis; Processo de ensino-aprendizagem.

Abstract

This report was made as part of the subject Introduction to Professional Practice IV of the master's degree in Economics and Accounting Education. With this work I intended to describe the activities developed in the cooperative school, during the year of Supervised Teaching Practice. In addition to this, the report also expresses the theoretical research about the cellphone use in the classroom context. The same have been operationalized, in a class of 10th graders of the Technical Professional Course.

The study focused on the issue of how can TICs can, contribute to the development of skills in teaching, in particular the use of the phone as a pedagogical tool.

In both planning and teaching of classes constructive pedagogical methods and techniques were included, which allowed to operationalize the education, using TICs, namely the mobile phone. Through the mobile device, the programmatic contents of Module 4 – Currency and Financing of Economic Activity have been consolidated, through training, research, kahoot application and resolution of interactive tests. All this tools been used in mobile phones.

However, it was found that in order for these models of teaching and learning succeed, it is necessary to give teachers complementary training in this area; the curriculum of this subject of Economics has to be flexibilized, with a larger number of hours to the training component.

I consider this study relevant because the pedagogical use of the cell phone in the classroom context and in the subject of Economics enabled students to share, cooperate, be autonomous and responsible and to face the teacher and the discipline. This represents a factor of motivation and a lever for the success of the teaching-learning process of this discipline.

Keywords: New information and communication technologies; Mobile Learning; Mobile Phone; Teaching-learning process.

1. Introdução

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionada foi realizado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Iniciação à Prática Profissional IV (IPPIV), do Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade.

O relatório apresenta-se dividido em três partes que visam seguir um fio condutor, traduzido na evolução da prática de ensino supervisionada, no decorrer do Mestrado.

Após a presente introdução, inicia-se com o enquadramento do presente estudo, a visão do investigador, a pertinência e justificação do tema.

Posteriormente, na parte um foi efetuada a contextualização teórica: desde a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em contexto educativo, passando pela criação e utilização de recursos digitais, a respetiva integração e utilização destes pelo professor, até à relação pedagógica professor-aluno e motivação na utilização do uso do telemóvel. Atendendo a que o trabalho empírico foi desenvolvido numa turma cooperante do ensino profissional do curso de Técnico de Comércio (PTC), ainda na primeira parte do presente estudo, foi abordado o papel do professor de Economia no ensino profissional.

Na segunda parte, intitulada de contextualização prática e operacionalização do estudo, abordam-se as metodologias utilizadas, as questões de investigação e os objetivos do estudo. Nesta parte, faz-se também uma descrição do contexto caracterizando a escola cooperante e, o seu ambiente, atendendo em particular à comunidade escolar, à escola cooperante e ao agrupamento de escolas onde está inserida. É ainda analisado o projeto educativo do Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira, bem como a sua oferta educativa e demais aspetos. Ainda nesta parte do trabalho serão caracterizadas quer a turma quer a professora cooperante. Junta-se, em apêndice F, a entrevista realizada à professora. São também caracterizados o curso profissional Técnico de Comércio, e ainda, a disciplina e o módulo lecionado nas aulas de Economia da turma cooperante.

Ainda na segunda parte deste estudo, relata-se a operacionalização do estudo, onde são apresentadas as planificações, os planos das aulas lecionadas e o cenário de aprendizagem que foram aplicados durante a leção das aulas, ou seja, o cenário

de aprendizagem de um Módulo (Módulo 4 – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica) de Economia do 10.º ano do Ensino Profissional. Apresentam-se também os procedimentos de avaliação e termina-se esta parte com a análise, interpretação e discussão dos dados recolhidos junto da turma cooperante.

Da terceira e última parte constará uma conclusão do trabalho e uma reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada, mencionando-se qual a importância do Mestrado em Ensino para a docência. Abordam-se também as potencialidades e perspetivas futuras e, por último, referem-se as dificuldades sentidas ao longo do mestrado e apresentam-se os desafios a alcançar após o término do Mestrado.

O presente estudo coloca a tónica na questão da utilização das TD no decorrer da aula de Economia mais especificamente, o uso do telemóvel como ferramenta pedagógica. Esta ferramenta é muito apreciada pelos jovens, sendo estes, salvo honrosas exceções, portadores de tais objetos. Considera-se que o uso do telemóvel em sala de aula seja um estímulo que provoque reações positivas e motivadoras da aprendizagem por parte dos alunos, trazendo maior dinamismo e participação no decorrer da aula e na lecionação dos conteúdos, e ainda, uma melhoria dos resultados e dos conhecimentos cognitivos dos alunos.

De acordo com Roldão (2009), ensinar é a ação especializada de promover intencionalmente a aprendizagem de alguma coisa por outros. Assim, a ação de ensinar é por si mesma, uma ação estratégica, finalizada, orientada e regulada para a consecução da aprendizagem pretendida no outro. A mesma autora alega que ensinar significa fazer aprender. É uma ação transitiva, pois fazer aprender presume a consciência de que a aprendizagem acontece no outro e só é representativa para ele, se se apropriar dela de forma ativa. Assim sendo, e porque aprender é um processo complexo e interativo, torna-se necessário o trabalho de um profissional de ensino, ou seja, o professor.

O ensino das Ciências Sociais, enquadrado no grupo 430 de Economia e Contabilidade no Sistema Educativo Português, encontra o seu fundamento nos mais variados autores. Porém. Segundo Esteves e Fleming (1985), é seguramente atrativa a ideia de que se trata de uma ciência que possa contemplar a vida social como um todo, que seja capaz de relacionar as diferentes atividades que existam numa determinada

sociedade, e integrá-las num modelo coerente, que possa descobrir e relatar as semelhanças e disparidades constatadas em sociedades distintas.

Pode existir quer interdisciplinaridade, quer transdisciplinaridade, nas Ciências Sociais, devendo os docentes que as lecionam aproveitar essas mesmas características.

Por outro lado, um dos problemas atuais no ensino das Ciências Sociais é as dificuldade e constrangimento na integração das tecnologias, quer na formação inicial, quer na formação contínua de professores (Rodrigues, 2014). As tecnologias digitais são um suporte do desenvolvimento humano em muitas e várias dimensões (Ponte, 2002) e são um instrumento para o exercício da cidadania. (Patrocínio, 2004), contudo ainda pouco exploradas no contexto educativo.

A escola deverá introduzir as tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem, para que os alunos possam construir o seu conhecimento de forma autónoma e responsável, sabendo avaliar os riscos e perigos das informações que se encontram disponíveis (Curado, 2017, pp. 122,123).

Outro aspeto importante a ter em conta é referido por Rodriguez (2007), que afirma que deverá existir uma curta distância entre o conhecimento científico, o conhecimento ensinado pelo professor e o conhecimento aprendido pelo aluno, pois quanto maior for a distância entre os sistemas, mais distorções estará recebendo o aluno no seu ensino-aprendizagem.

Morgado (2006) alega que se exige, para o cidadão do século XXI, uma educação/formação que o prepare para poder integrar-se numa realidade que muda continuamente e que se torna cada vez mais complexa, estando os docentes compelidos a assumir um tipo de intervenção bem distinto do que vinham protagonizando até há pouco tempo atrás.

Deste modo, neste estudo assumiu-se como muito relevante a integração das TD no contexto educativo, através da aplicação de métodos ativos de forma a que o uso do telemóvel como ferramenta pedagógica em sala de aula de Economia se torne uma realidade.

2. O problema e justificação do tema

A incompreensão do uso do telemóvel nas aulas, quer por parte da comunidade escolar em geral, quer por parte da sociedade civil, fez-me avançar com este estudo.

Segundo Ponte (2000) a forma como os docentes encaram as tecnologias é diversa. Alguns olham-nas com desconfiança, procurando adiar o máximo possível o momento do encontro indesejado. Outros usam-nas na sua vida diária, mas não sabem muito bem como as integrar na sua prática profissional. Outros, ainda, procuram usá-las nas suas aulas sem, no entanto, alterar as suas práticas – uma minoria vai explorando sem cessar novas ideias, aplicações, produtos.

Partiu-se do pressuposto que é o uso do telemóvel em contexto de aula uma ferramenta pedagógica útil e facilitadora de aprendizagens, estimulando e motivando os jovens do ensino secundário. Os estudantes sentir-se-ão num registo de maior autonomia, independência face ao controle da aula (do professor) e terão maior vontade de adquirir conhecimentos, seja realizando pesquisas *online* ou elaborando jogos pedagógicos em aplicações digitais. Os jovens poderão sentir uma maior responsabilidade, pois o professor está a depositar confiança neles, incentivando-os a terem os telemóveis em cima da secretária durante o decorrer da aula sem que os usem indevidamente quer para envio de mensagens quer para jogarem ou realizarem outras atividades externas à aula.

Independentemente de os jovens de hoje já “nascerem” com as competências de usar as TD, por vezes não as sabem aproveitar da melhor forma, não retirando delas o maior rendimento possível, a nível académico, sobretudo. Assim, cabe ao professor ser o agente facilitador e o promotor de tal informação, de modo a que os alunos adquiriram essas competências.

É necessário criar novos cenários educativos atendendo aos desafios e oportunidades criadas, tendo por base as abordagens construtivistas. O uso do telemóvel em sala de aula deverá ser entendido como mais uma ferramenta de aprendizagem usada como estratégia designada de *mobile learning*. Devem, os professores de Economia, poder usar o telemóvel nas suas aulas de modo a facilitarem o processo de ensino-aprendizagem. Cabe, então, aos docentes explorar as muitas possibilidades fornecidas pelos telemóveis, como sejam a calculadora, a pesquisa em

browser da internet de conceitos económicos, elaborar e resolver jogos lúdico-didáticos, receber e enviar *e-mails*, visionar *PowerPoints*, entre outras.

A motivação dos alunos deve ser, sempre que possível, estimulada no sentido de aumentar os conhecimentos dos estudantes, através de métodos e formas lúdico-didáticas, através de pesquisas e de seleção de conteúdo. Como expõe Rodrigues (2012) o uso da *internet* (entre outros) pode fomentar a curiosidade, elemento promotor da aprendizagem; ajudar na construção de conceitos e incentivar a transdisciplinaridade. O uso da internet desperta, muitas vezes, nos alunos a curiosidade e o interesse por novos conteúdos ou exploração de alguns temas já conhecidos através, por exemplo, da possibilidade de efetuarem pesquisas.

Neste estudo, realizado com uma turma motivada na Escola Secundária Henriques Nogueira (ESHN), e com acesso a boas condições e equipamentos na sala de aula, pretende-se evidenciar o uso pedagógico do telemóvel como fator facilitador de aprendizagens, tendo-se entendido estarem reunidas as condições necessárias para a implementação deste estudo.

Observou-se que a turma cooperante era dotada de algumas competências compatíveis, nomeadamente: bom comportamento, facilidade de manuseamento do telemóvel, espírito crítico, trabalho em equipa, gosto pela aprendizagem de Economia, gosto pelas TD e por novos métodos de aprendizagem. Estas competências podiam ser desenvolvidas através do uso de novos recursos digitais.

Segundo Arends (2008), ao professor cabe, hoje, um papel que vai muito além de ensinar. O professor confronta-se diariamente com todo um rol de esperanças, dúvidas, alegrias, frustrações, conflitos por parte dos seus alunos, fruto da sua vivência inter-relacional.

Desta forma, a importância e pertinência deste estudo centra-se na possibilidade de utilização do telemóvel como ferramenta pedagógica em sala de aula na disciplina de Economia do ensino profissional.

Apesar de o uso do telemóvel, regra geral, ser proibido em sala de aula em grande número de escolas, pretende-se mostrar que a sua utilização poderá ser benéfica para os alunos da turma mediante vontade de o utilizar e, desta forma, apreendendo o que lhes é transmitido pelo docente. Para este último, o uso do telemóvel constitui um

desafio ao conseguir estabelecer uma forte relação de confiança com os alunos evitando que estes usem o telemóvel, em aula, sem que lhes seja solicitado pelo professor. Constitui um desafio também estando dependente da rede *Wi-fi* da escola e ainda pelo facto de estar constantemente a criar novos métodos, recursos materiais de trabalho com o telemóvel em sala de aula.

Assim, o objetivo do presente trabalho será demonstrar que o uso do telemóvel em sala de aula poderá melhorar o processo de ensino-aprendizagem, desde que se estabeleça uma relação de confiança entre professor-alunos e que não existam abusos no uso indevido do telemóvel. Pretende-se ainda evidenciar as muitas e diferentes formas de abordagem pelo docente do uso do telemóvel em aula, com diversas possibilidades de utilização, nomeadamente do *e-mail*, pesquisas, calculadora, downloads, visualização de vídeos alusivos aos conteúdos abordados em aula, de modo a acompanhar ao minuto a sociedade em que estamos inseridos.

PARTE I – Contextualização teórica

3 – A utilização pedagógica do telemóvel na sala de aula como ferramenta

3.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação em contexto educativo

As novas TIC proporcionam condições de comunicação entre pessoas, como nunca houve, possibilitando redes muito fortes de cidadania em numerosas frentes que dão razão à esperança (Patrocínio, 2004, p. 157).

As NTIC são um dos temas mais tratados, na atualidade, devido à sua importância na Educação, no mundo laboral e na sociedade em todo o seu esplendor. Atualmente, as TD vêm demonstrando que é possível o desenvolvimento de um novo paradigma educacional (Prieto et al., 2005).

Segundo Sampaio (2018), o mundo digital determinou uma inclusão social sem precedentes. Este autor salienta também que só não estuda quem não quer e, cabe ao professor um papel importante de verificação da veracidade da informação exposta na *internet*, fomentando ainda novas metodologias, como a pesquisa e o trabalho de grupo.

De acordo com Silva (1998) os novos suportes digitais não se limitam apenas à obtenção de informação, mas também estabelecem uma rede de conversação comunicacional, onde se trocam reclamações e compromissos, ofertas e promessas, aceitação e recusas, consultas e resoluções.

“O conhecimento tem o seu tempo para ser adquirido, entendido e cimentado, e as tecnologias só trouxeram mais rapidez de acesso, não podem ser um substituto da sua compreensão” (Patrão, 2016, p. 76).

Deste modo, as TIC em contexto educativo, constituem um processo complexo integrado, que implica sujeitos, métodos, ideias, meios e uma organização, a fim de analisar problemas, e de imaginar, implementar, avaliar e gerir as soluções para os problemas que se colocam na aprendizagem humana (Santos, 2002).

Patrocínio (2004) referiu a importância das Tecnologias Digitais (TD) como instrumentos para a mudança reflexiva, alertando para a necessária alteração pedagógica da sua utilização e correlativa necessidade de formação dos docentes. Também Rodrigues (2017) defende a importância da integração pedagógica das TD no processo de ensino, avaliação e aprendizagem e a respetiva adaptação das metodologias e métodos de ensino-aprendizagem a estas associadas.

Segundo Santos (2002), a Tecnologia Educativa (TE) permite a estruturação da realidade e a configuração da relação que o aluno mantém com o conhecimento. Se o projeto curricular não incorpora as contribuições da TE, então dificilmente conseguem concretizar certos princípios e processos de aprendizagem.

A tecnologia não determina a sociedade, nem a sociedade determina a inovação tecnológica, mas sim usa-a. É na confluência de vários fatores, incluindo os que dizem respeito às características das tecnologias disponíveis e o seu impacto no ambiente de aprendizagem, que se situa o potencial inovador dos novos recursos no ensino (Curado, 2017, pp. 62,63).

As tecnologias digitais, no contexto educativo, deverão ser encaradas como instrumentos de transformação e produção de conhecimento, de trabalho colaborativo e de novas formas de interação, contribuindo para uma verdadeira inovação pedagógica (Ponte, 2002).

De acordo com este autor, existem dois momentos marcantes na introdução das Tecnologias Digitais (TD) no sistema educativo português: o Projeto Minerva (de 1985 a 1994), que se traduziu na primeira tentativa de introdução das TD na Educação, tendo sido financiado pelo Ministério da Educação (ME), e o Programa Nónio Século XXI (desde 1996), que veio no seguimento do primeiro Projeto. Silva (2001) alegou que os principais objetivos destes projetos foram a instalação de aparelhos informáticos nas escolas, a formação de professores, o desenvolvimento do software educativo, e a divulgação e incentivo à investigação e utilização das TIC na Educação.

Teodoro (2003) sugere ainda que todos estes percursos, que se têm efetuado em torno do modo de inclusão das TIC nos processos educativos, se podem sistematizar em duas perspetivas, que coexistem em relação ao trabalho com o computador: uma reforça o computador como máquina de fornecer informação e outra reforça o computador como ferramenta auxiliar para a construção de conhecimento.

Contudo, a utilização das TIC no contexto educativo está sempre a ser questionada. Este estudo não deixa de ser diferente e pretende fundamentar o papel do uso pedagógico das TIC, sendo que a diferença consta no facto de ser abordado o papel do telemóvel em sala de aula. É usual analisar-se a importância das TIC na educação, nomeadamente no uso do computador, projetor, tablet, outros aparelhos digitais. O telemóvel tem sido visto como um bem material que, regra geral, todos os adolescentes e jovens possuem e tem sido encarado como sendo um objeto prejudicial à concentração e ao bom desempenho dos alunos nas aulas.

Segundo Moura (2000) *mobile learning* é o processo de aprendizagem que ocorre e é suportado pela utilização de dispositivos móveis. Tem como característica fundamental a portabilidade desses dispositivos e a mobilidade dos sujeitos, que podem estar distantes ou partilhar o mesmo espaço, como é o caso da sala de aula. Há autores (Ryu & Parsons, 2009) que falam de *mobile learning* como um novo paradigma. Acresce a autora Moura (2009), que quando utilizamos uma ferramenta digital conhecida e preferida pelos alunos, como são os telemóveis, é menos provável que se encontre oposição, apresentando, assim, as tecnologias móveis (o telemóvel) um enorme potencial em contexto educativo.

O *mobile learning* aproveita as potencialidades de dispositivos móveis (telemóveis, PDA, PSP, POCKET PC, TABLET PC, NETBOOK) usufruindo de oportunidades de aprendizagem através de diferentes contextos e tempos (Moura, 2000, p. 3).

De acordo com o Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, a sociedade enfrenta atualmente novos desafios, decorrentes de uma globalização e desenvolvimento tecnológico em aceleração, tendo a escola de preparar os alunos, para tecnologias ainda não inventadas. No seu artigo n.º 13.º, números 3 e 4 estabelece-se que as TIC são componentes de integração transversal potenciadas pela dimensão globalizante do ensino, constituindo uma área de natureza instrumental, de suporte às aprendizagens a desenvolver, nos 1.º, 2.º e 3.º ciclos de escolaridade.

Segundo Sampaio (2018) o problema é que em muitas famílias e em muitas escolas, é raro o conhecimento dos adultos sobre o mundo virtual. Desta forma, a utilização dos telemóveis tornou-se um motivo de confronto entre pais e filhos, no qual os mais novos têm mais conhecimentos sobre o mundo digital, como poucas vezes aconteceu na história da família.

[...] levanta-se mais uma vez a questão da autoridade dos pais e educadores. Como exercê-la se os adultos não dominam o tema como os mais novos? Como impor ou negociar regras quando não estamos à vontade nas nossas convicções sobre as vantagens da ligação ao mundo virtual? (Sampaio, 2018, p. 206).

O mesmo autor, refere ainda que, atualmente, são muito frequentes os conflitos existentes nas famílias com os adolescentes, devido ao uso da *internet* em geral e do telemóvel em particular.

Para Patrão (2016) o cenário mais vulgar será o da multiplicidade de utilização das TIC nas escolas. Há descrições de alunos, pais e professores sobre o uso deste

instrumento de forma regular, e da sua importância enquanto ferramenta fundamental. A mesma autora alega ainda que nas escolas, não há coerência quanto à utilização das TIC, verificando-se diferenças dentro da mesma escola. Defende ainda que há um regulamento interno em cada escola, no qual deverá constar alguma indicação quanto ao uso e abuso da tecnologia.

[...] Os professores devem ver o smartphone como um aliado e não como um inimigo, pois é possível desenvolver um sem-número de atividades de aprendizagem utilizando o “minicomputador” que cada um dos alunos traz no bolso. No entanto, existem momentos em que é preciso “desliga-lo” durante um bocadinho [...] (Patrão, 2016, pp. 88, 89).

Segundo Rodrigues (2017) é importante diferenciar a utilização das TD e a sua integração no processo de ensino-aprendizagem. Tendo em consideração que qualquer técnica nova precisa de um período de adaptação, no caso das TD, mais importante do que aprender a utilizar certo programa, é encontrar formas eficazes de integrar as TIC no processo de ensino-aprendizagem, no quadro dos currículos atuais e dentro dos condicionalismos existentes em cada escola.

Assim sendo, a evolução tecnológica tem afetado a nossa forma de estar e de aprender. A diversidade das TD cada vez mais interativas e fáceis de usar proporciona ao professor ferramentas e recursos que ajudam a promover uma pedagogia ativa e uma constante interação professor-alunos e entre alunos, contribuindo para fomentar a aprendizagem colaborativa (Carvalho, 2012, citado em Monteiro & Monteiro, 2012). Cabe, então aos professores demonstrarem que as TIC são indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem, pois através das TIC consegue-se mais facilmente captar a atenção dos jovens, motivá-los para o trabalho e levá-los a participar ativamente nas aulas.

3.2. A criação e utilização de recursos digitais

Para uma eficaz integração das NTIC em contexto educativo será importante criar e procurar recursos digitais adequados e refletir sobre a forma como podem ser utilizados.

Segundo Ponte (2000), para que as transformações possam acontecer são necessárias duas condições fundamentais: o amplo acesso às TD na sociedade em geral e o protagonismo dos professores como atores educativos fundamentais. Assim, cabe

ao docente aceder e seleccionar as melhores ferramentas digitais e transformá-las em ferramentas pedagógicas facilitadoras do processo ensino-aprendizagem.

De acordo com González (2001), uma das funções dos recursos didáticos é encurtar a distância existente entre a teoria e a prática e possibilitar, assim, uma análise global e completa da realidade e o reconhecimento do meio. Os recursos didáticos são uma das ferramentas importantes para o processo de ensino-aprendizagem.

Os principais recursos didáticos, para o ensino em sala de aula, são o quadro de giz ou de pincel, a lousa interativa, os blocos de papel, o retroprojetor, o DVD e os recursos de multimédia (Sallabery, 2017).

As tarefas que se desenvolvem com a sociedade tecnológica são variadas, sejam elas relações de sincronia (*chat*, *videoconferência*), ou de assincronia (*e-mail*, fóruns). Existem ainda as multitarefas que se verificam quando estamos a trabalhar em simultâneo com várias ferramentas digitais, como navegar na *internet*. A navegação na *internet* poderá apresentar diversas vertentes: pesquisas de informação linear, cruzamento de informação, avaliação das fontes e organização da informação.

As próprias escolas, muitas vezes, determinam *sites* "bons" ou "confiáveis" para ajudar os alunos a iniciar a pesquisa na *internet*. Embora seja útil fornecer essa orientação, é igualmente importante promover o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, que permitirão que os alunos façam livre uso da *internet*, em vez de estarem restringidos apenas a alguns *sites* aprovados (Graham & Metaxas, 2003).

Os professores poderão ensinar aos seus alunos métodos de estudo e de trabalho utilizando as NTIC como ferramentas de trabalho. Cabe, ainda aos professores, na atualidade, canalizarem a informação para os seus alunos atendendo às melhores fontes possíveis, fidedignas, pois nem tudo o que circula na *internet* é bom e verdadeiro.

“Os professores de hoje são responsáveis pelos seus métodos de ensino e pelo o que os seus alunos aprendem” (Arends, 2008, p. 14).

Segundo Arends (2008), o professor domina a relação que estabelece com os instrumentos tecnológicos utilizados, podendo produzir informação (para publicação em *sites*, *blogs*, redes sociais, com finalidades, conteúdos, honestidade intelectual), adotar técnicas de segurança, nomeadamente com um programa antivírus. O professor deve adotar postura de civismo *online* e deve estar também disponível para as relações

multiculturais, que se possam desencadear *online*, pois a realidade social da nossa escola é cada vez mais multicultural.

Além disso, o professor deve preferencialmente dominar línguas estrangeiras, em especial o inglês, de forma que consiga mais eficazmente acompanhar a evolução da sociedade atual, bem como a multiculturalidade exposta na escola com alunos de várias nacionalidades, como exposto anteriormente. As NTIC e o inglês têm a particularidade de serem facilitadores do processo ensino-aprendizagem, principalmente para as crianças estrangeiras, pois têm ferramentas alternativas para as ajudarem (como tradutores, *sites* em vários idiomas, dicionários, entre outras).

Segundo Antão (1999), um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor aquilo que escuta e vê, ao mesmo tempo. Existem, atualmente, muitos recursos tecnológicos disponíveis, mas nem sempre os mais sofisticados são os mais aconselháveis. É necessário diversificar esses recursos e começar por aqueles que se dominam bem. A regra é não valorizar mais os meios do que os conteúdos ou os projetos. Caso contrário, a aula pode transformar-se em mero espetáculo de fogo de artifício.

Os professores são uma das entidades responsáveis por atualizar as crianças e jovens no mundo digital, bem como na evolução da sociedade. Por vezes, a realidade familiar dos alunos não é coincidente com os avanços tecnológicos e, nestes casos o papel da escola e dos professores é de extrema relevância, pois cabe-lhes a tarefa de apresentar, explicar e fazer com que se adaptem aos avanços tecnológicos, como sejam os materiais disponíveis em sala de aula.

“Não é possível separar o humano do seu ambiente material, nem dos sinais e imagens através dos quais ele dá sentido à vida e ao mundo.”

Pierre Lévy

3.3. A integração e utilização das Tecnologias Digitais pelo professor

Não poderá ser esquecida a complexidade das variáveis na aula, levando a um relacionamento interpessoal que privilegie as competências comunicacionais. Todas as TD defendem os direitos de alunos e professores, todas valorizam, em maior ou

menor grau, a participação dos alunos na tomada de decisões e têm, como objetivo principal, a promoção global do aluno. Segundo Veiga (2013), a tarefa de promoção global do aluno vai muito além da criação de condições de gestão de sala de aula. Consiste na eliminação dos obstáculos que impedem a satisfação das várias necessidades dos alunos. De acordo com o autor acima referido, trata-se de um trabalho ingente... à espera dos professores!

Como explica Roldão (2009), no processo ensino-aprendizagem são utilizados quatro métodos por parte do docente: o método expositivo, o método interrogativo, o método demonstrativo e o método ativo. Neste último, o aluno é colocado no centro da aprendizagem (trabalhos de grupo, debates, pesquisas, simulações, sala de aula invertida, visitas de estudo). Por outro lado, de acordo com Sallabery (2017), as principais estratégias e métodos de ensino desenvolvidos em sala de aula são a aula expositiva, o estudo de caso, o seminário, os jogos de empresa, a resolução de exercícios, o debate, as palestras, as entrevistas e a avaliação de aprendizagem ou provas. De acordo com Douglas (2006), a aula expositiva é um método de ensino, no qual o professor expõe, em sala de aula, conteúdos, visando a sua compreensão por parte dos alunos. O mesmo autor alega que esse método (aula expositiva) condiciona o estudante a uma posição passiva de ouvinte no processo de ensino-aprendizagem, não despertando nele um espírito crítico, participativo e transformador. Assim, este estudo defende a aplicação do método ativo e demonstrativo de forma a que o uso do telemóvel como ferramenta pedagógica em contexto de sala de aula de Economia se torne uma realidade.

O docente deverá atender a importância das ferramentas tecnológicas e deve consubstanciar o seu trabalho tendo por base, de forma continuada, as NTIC. Cabe ao docente adotar uma postura ativa de mudança na forma como os alunos aprendem, da sua forma de lecionar e da interação existentes entre professor-aluno

Segundo Ponte (1997), o problema é a questão de saber se nos podemos satisfazer com o facto das NTIC poderem proporcionar ligeiros incrementos nas aprendizagens tradicionais. Há que questionar se estamos à procura de pequenos aumentos qualitativos ou de profundas mudanças qualitativas.

O Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, define o perfil de desempenho profissional (comum) dos professores do ensino básico e secundário, sendo que os perfis específicos constam de diplomas próprios. Assim, de acordo com este DL, na

dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, o professor deve promover as aprendizagens significativas no âmbito dos objetivos curriculares, deve desenvolver competências essenciais, deve incorporar adequadamente as TIC nas suas opções didáticas, deve promover o envolvimento ativo dos alunos na aprendizagem, deve desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas e ainda utilizar a avaliação como elemento regulador da aprendizagem.

[...] a realidade mostra-nos que as TIC surgiram com uma grande força nas escolas ... e o professor terá que se adaptar a esta nova realidade integrá-la no processo de ensino-aprendizagem da forma mais harmoniosa e interessante possível (Marques, 2011, p. 7).

As NTIC estão presentes na vida do Homem quer a nível profissional, quer a nível pessoal. Qualquer pessoa, nos dias de hoje, tem acesso a um telemóvel ou a um computador com acesso à *internet*, o que permite o acesso a toda a informação que circula pelo mundo, dando-nos conta da atualidade. Na escola a situação é semelhante. Verificou-se uma inovação no ensino, que beneficiou toda a comunidade escolar, pois as TIC auxiliam em muitas tarefas educativas como a pesquisa, a discussão de temas específicos, a projeção de conteúdos, a partilha de informações e a elaboração de trabalhos individuais, a pares e/ou em grupo.

Com o uso da tecnologia de informação e comunicação, os professores e os alunos têm a possibilidade de utilizar a escrita para descrever e reescrever as suas ideias, comunicar entre si, divulgar factos do quotidiano, trocar experiências, produzir histórias e desenvolver projetos (Almeida, 2000, p. 7).

Encontra-se no diploma legislativo acima referido Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, a fundamentação legal que justifica o recurso a aparelhos digitais e a criação de novas formas de utilização dos mesmos. Assim, será aceitável equacionar o uso do telemóvel dentro da sala de aula sem que isso coloque, em causa o bom desenrolar da aula. A grande maioria dos professores ainda crê que os alunos utilizam o telemóvel em contexto educativo sobretudo de uma forma depreciativa, ou seja, enviar/receber mensagens dos amigos, jogar, entre outras atividades. Por esta razão, está estipulado em inúmeras escolas em Portugal, nos seus Regulamentos Internos, a proibição da utilização dos telemóveis nas salas de aula.

Para que se efetue uma mudança e estas tecnologias possam ser mais utilizadas em contexto de sala de aula, é necessário que os professores estejam muito adaptados e despertos para as NTIC que surgem a todo o momento na sociedade e, deste modo, possam recorrer a elas como ferramentas de trabalho em contexto escolar. Para além

da utilização das NTIC, os professores devem associar metodologias adequadas à integração destas nas aulas que lecionam.

O papel do professor torna-se o de mediador, acompanhando na pesquisa, seleção e tratamento da informação, especialmente na realização de trabalhos de pesquisa individuais, de pares ou grupo (Curado, 2017, pp. 62,63).

3.4. A importância da relação pedagógica professor-aluno e da motivação

Como é vista, a relação entre as crianças e os professores? Será que essa relação tem importância para os intervenientes? Segundo Wentzel (2012) para as crianças, os professores (na escola) são as pessoas mais importantes, no que respeita à transmissão de nova informação, aos instrumentos utilizados para realizar experiências, assim como, à aquisição de mais conhecimento. O mesmo autor alega que o relacionamento professor-aluno tem de obedecer a determinadas estratégias, para que possam ser alcançados resultados positivos. Assim, o professor deverá aplicar regras de comportamento, solicitar a opinião dos alunos, incentivar a participação ativa dos alunos e ainda cuidar do bem-estar físico e emocional destes. Devem ainda existir expectativas de autoconfiança e de autocontrole.

De acordo com o mesmo autor, também as características motivacionais, sociais e académicas dos alunos, como fator influenciador da qualidade das suas relações com os professores, se manifestará na formação de relacionamentos positivos entre eles (relação professor-aluno), adquirindo competências comportamentais e apresentando consequências no desempenho académico do aluno, através dos resultados obtidos nas diversas disciplinas.

Cabrito e Oliveira (1992), defendem que a natureza das tarefas de aprendizagem, a comunicação e interação educativa, os diferentes recursos (didáticos e/educativos digitais), bem como a relação professor-aluno são de extrema importância. Importa também que os recursos didáticos/educativos digitais sejam diferenciados e proporcionadores de variadas formas de aprendizagem, sejam, por isso, facilitadores de conteúdos e da melhor preparação para a vida profissional futura.

A motivação assume um papel central no processo de aprendizagem, enquanto impulsionadora para agir, para persistir, para orientar e planificar, e ser bem-sucedido (Eccles *et al.*, 1998). O professor é um agente facilitador do processo ensino-

aprendizagem, usando ferramentas tecnológicas como ferramentas digitais, selecionando aquelas que mais possam motivar e incentivar os alunos a aprenderem.

Segundo Veríssimo (2013), a motivação académica tem um papel determinante nos processos de ensino-aprendizagem. Os alunos vivem num mundo facilmente motivador, uma vez que as novas tecnologias permitem a gratificação imediata, a diversidade constante, o gozo sem esforço e o contacto sem contacto. Em contrapartida, as aprendizagens escolares exigem esforço, persistência, treino e interação social. É, de igual modo, fundamental que os alunos estejam motivados de forma a regularem o seu processo de aprendizagem, ativarem estratégias eficazes e desencadearem esforços (Boekaerts, 1995).

No fundo, a motivação académica corresponde à energia que põe em funcionamento as capacidades próprias. Tem impacto na intensidade, na persistência e na direção, pois os alunos motivados esforçam-se mais, durante mais tempo, e concentram o seu esforço e atenção no que é relevante. É de extrema importância o facto de os alunos estarem motivados, porque esse é um dos principais fatores promotores da aprendizagem, do rendimento escolar e, ainda, do sucesso educativo em geral. Partimos sempre do princípio de que cabe à escola o papel fundamental de motivar os alunos e os professores, pois a motivação assume um papel central no processo de aprendizagem, enquanto impulsionadora para agir, para persistir, para orientar e planificar, e ser bem-sucedido (Eccles *et al.*, 1998).

Assim, a escola deverá utilizar estratégias como: reforçar-se a si própria como sendo um contexto privilegiado; criar um ambiente de aprendizagem motivador; estabelecer relações pedagógicas personalizadas; promover a curiosidade; proporcionar atividades, tarefas e materiais interessantes e estimulantes, que incluam novidade e variedade; promover atividades numa lógica cooperativa e colaborativa; fornecer *feedback* claro e detalhado; modelar e demonstrar interesse e envolvimento nas atividades e ajudar os alunos a perceber que nem tudo o que se faz é aprazível. Todas estas estratégias, entre outras, são estratégias pedagógicas que têm como objetivo a promoção da motivação dos alunos. Se, por um lado, a motivação pode facilitar a aprendizagem, a relação pedagógica professor-aluno pode contribuir fortemente, seja para o aumento da motivação, seja consequentemente para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

[...] Os professores devem ter as capacidades de relacionamento pessoal e coletivo necessárias para estabelecer relações genuínas com os seus alunos e colegas. Devem também ter uma “paixão” pelo ensino que pode ser traduzida em inspiração para os seus alunos aprenderem. [...] É a partir de relações genuínas com os colegas e da paixão que os objetivos escolares são desenvolvidos e conquistados (Arends 2008, p. 20).

3.5. O papel do professor de Economia no Ensino Profissional

Um bom professor é alguém que, além de dominar a mensagem (conteúdos) e o contexto que está por detrás dela, usa palavras adequadas para expressar conceitos difíceis, relacionamentos ou situações.

É seguramente atrativa a ideia de uma ciência que possa contemplar a vida social como um todo, que seja capaz de relacionar as diferentes atividades que existam numa certa e determinada sociedade e integrá-la num modelo coerente, que posso descobrir e relatar as semelhanças e disparidades constatadas em sociedades distintas (Esteves & Fleming 1985, p. 10).

Segundo Nóvoa (1995), é impossível separar o eu profissional do eu pessoal, pois o processo identitário passa pela capacidade de, com autonomia, os professores exercerem a sua atividade, pelo sentimento de que controlam o seu trabalho. A forma como cada professor leciona está muito dependente do que é, enquanto pessoa, o que se reflete no ensino. O professor, individualmente, desenvolve a sua própria forma de ser e de atuar no seu espaço, independentemente das semelhanças que existam com os seus pares, enquanto profissional.

É de sublinhar, a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Podemos não aceitar a conceção pedagógica deste ou daquela autora, e devemos, inclusive, expor aos alunos as razões pelas quais nos opomos, mas, o que não podemos, é mentir (Freire, 1996, pp. 9,10).

A disciplina de Economia incorpora a componente científica em diversos cursos profissionais e valida a aquisição de instrumentos fundamentais que permitam compreender a dimensão da realidade económica e social.

Esta disciplina permite fomentar uma maior compreensão da realidade atual da nossa sociedade e dos seus problemas, desenvolver nos alunos a capacidade crítica, o espírito inovador, a participação ativa e o despertar a curiosidade sobre o mundo atual. Também pode facilitar a inserção dos jovens no mercado de trabalho, contribuindo para o desenvolvimento e formação dos jovens.

O professor de Ciências Económicas e Sociais segue o perfil geral dos professores e atende aos aspetos específicos das suas competências profissionais. Deste modo, o docente do grupo de recrutamento 430 deve dominar os conhecimentos, metodologias e técnicas de trabalho das Ciências Económicas e Sociais (CES) no ensino secundário; deve ser capaz de analisar, avaliar, adaptar e colocar em prática currículos e unidades da área das CES; deve conceber, planificar, organizar e conduzir o ensino, incluindo a conceção e gestão de situações de ensino-aprendizagem na área das CES; deve ser capaz de identificar, caracterizar, avaliar e comunicar os resultados de aprendizagem das CES, de acordo com as finalidades e objetivos curriculares; cabe ainda ao docente de Economia colaborar com professores do mesmo grupo de recrutamento, bem como com outros docentes de áreas disciplinares diferentes; os professores de Economia desenvolvem as competências de professor de CES, mantendo-se atualizado sobre os desenvolvimentos a nível científico, do currículo, da investigação educacional e da prática profissional.

Segundo Cabrito e Oliveira (1992), são utilizadas diferentes formas de tratamento pedagógico-didático do mesmo tema, pois consciencializa o aluno de que não há formas melhores ou piores de trabalhar, mas sim, formas distintas.

Assim, o ensino-aprendizagem deverá ser centrado no aluno. Este processo atenderá aos interesses e motivações dos alunos, bem como dos professores. Logo, as estratégias serão diversificadas e adequadas aos interesses específicos dos alunos e às saídas profissionais do curso profissional. As metodologias utilizadas deverão ser focadas na resolução de problemas e, em concreto, na realização de projetos. Cabe, aqui, ao professor, o papel de dinamizador de todo o processo (DGVE, 2004).

Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: a sociedade é que determina a tecnologia (Castells, 2006) e, segundo Costa *et al.* (2012), para que a mudança aconteça, temos que partir dos professores como agentes de mudança.

“Os professores lideram os seus alunos planeando, motivando e facilitando a aprendizagem [...] O aspeto mais importante do trabalho de um professor é dar instrução no contacto direto com os seus alunos” (Arends, 2008, p. 24).

No que respeita ao ensino profissional, o Decreto-Lei n.º 4/98 de 8 de janeiro, que tem por objetivo a criação, organização e funcionamento de escolas e cursos profissionais no âmbito do ensino não superior, veio reforçar o papel importante dos cursos profissionais no combate às fragilidades existentes no sistema educativo.

Segundo Azevedo (2014), os cursos profissionais surgiram como um meio de “estancar o insucesso escolar e proporcionar uma qualificação profissional para um maior número de jovens”. A Agência Nacional para a Qualificação (ANQ) (2010) abona que os cursos profissionais são um dos percursos do nível do Ensino Secundário, caracterizado por ter uma forte ligação com o mundo do trabalho. Estes têm em conta o perfil pessoal do aluno, (onde) são valorizadas as competências para o exercício de uma profissão, bem como o desenvolvimento dessas mesmas competências. Estes cursos profissionais têm como parceiros sociais os empresários locais, que se disponibilizam para receber os alunos na época de estágio. Dividem-se por módulos, o que permite uma maior flexibilidade e respeito pelos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos e o plano de estudos destes inclui três componentes de formação: sociocultural, científica e técnica. A carga horária global não está compartimentada pelos três anos letivos de formação, sendo esta gestão feita pela escola, no âmbito da sua autonomia pedagógica. Estes cursos terminam com a realização de uma prova de aptidão profissional (PAP), na qual os alunos demonstrarão as competências e saberes que desenvolveram ao longo da sua formação.

No que toca à PAP, Fernandes (2007) explica que a avaliação da mesma será realizada por um júri professores, pessoas ligadas ao curso em questão, e por individualidade de mérito na área tecnológica, artística ou profissional do curso em causa.

A avaliação, nos cursos profissionais, deverá ser contínua e revestir a forma diagnóstica, formativa e sumativa (ANQ, 2010).

Os alunos, que pretendam prosseguir os seus estudos ou formação, podem fazê-lo num curso de especialização tecnológica ou podem candidatar-se ao ensino superior, desde que cumpram os requisitos exigidos para a frequência dos mesmos. Assim, os cursos profissionais representam uma oferta formativa enriquecida, que origina a dupla certificação e cumpre com o objetivo principal que consiste na inserção dos jovens no mercado de trabalho ou poderão prosseguir os seus estudos para a universidade realizando os exames nacionais específicos para o curso que pretendam ingressar de acordo com o estabelecido no Decreto-lei n.º 139/2012 de 5 de julho.

A formação de Professores, como exposto por Nóvoa (2010) é um tema por diversas vezes abordado e analisado, onde são defendidas teorias e formas de

desenvolver a formação de professores. Assim, o mesmo autor, defende que os princípios a aplicar na formação de professores poucas vezes se concretizam nos programas de formação de docentes. Qual será o motivo para que tal suceda? De acordo com o autor anteriormente mencionado, a resposta prende-se com o facto de a formação de professores estar muito longe da profissão de docente, das suas rotinas, e culturas profissionais. Desta forma, deverá partir-se de algumas características do “bom professor”, para defender uma formação de professores construída dentro da profissão.

[...] a importância de conceber a formação de professores num contexto de responsabilidade profissional, sugerindo uma atenção constante à necessidade de mudanças nas rotinas de trabalho, pessoais, coletivas ou organizacionais. A inovação é um elemento central do próprio processo de formação (Nóvoa, 2010, p. 5).

PARTE II – Contextualização prática e operacionalização do estudo

4. Metodologia

4.1. Questões e objetivos do estudo

A Prática Profissional foi realizada no Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira (AEHN), em Torres Vedras, tendo como professora cooperante uma docente do grupo de recrutamento 430.

As questões de investigação consistem num sistema orientado para transformar os alunos, desenvolvendo um conjunto de valores, uma cultura e um leque de aptidões profissionais que ajudem não só a preservar, mas também a renovar a sociedade, que contribuam para a sua inserção social e profissional, ajudando-os a evoluir social, política economicamente.

As mudanças na Educação não só são necessárias e inevitáveis, devem ser entendidas e encaradas como a expressão de um compromisso decidido e sustentável no tempo, como um propósito moral e social marcando uma diferença positiva na vida de todos os alunos, bem como a aspiração de revitalizar as conexões entre a Educação e a vida social em democracia (Escudero citado em Alonso, 2004, p. 145).

Segundo Pacheco (1996), as Reformas Educativas são a transformação da política educativa de um país a nível de estratégias, objetivos e prioridades. Esta transformação pode ser traduzida por conceitos como inovação, renovação, mudança e melhoria que têm como denominador comum a introdução de algo de novo.

As questões que coloquei neste estudo foram as seguintes: Poderá ser permitido o livre acesso aos telemóveis em contexto sala de aula? Deve-se usar o telemóvel como ferramenta digital em sala de aula de Economia? Poderá o telemóvel, através da sua utilização ser considerada uma ferramenta pedagógica?

O objetivo geral deste estudo traduz-se em analisar a utilização do telemóvel como ferramenta pedagógica nas aulas de Economia numa turma cooperante.

Como objetivos específicos pretendeu-se: averiguar o interesse dos alunos no uso do telemóvel e a sua participação na resolução das tarefas propostas, de forma a operacionalizar os conteúdos adquiridos em Economia.

Neste estudo participaram doze alunos, oito raparigas e quatro rapazes, alunos que integram a Turma Cooperante, do 10.º do Curso Profissional Técnico de Comércio (PTC), na disciplina de Economia, lecionada pela professora.

De modo a operacionalizar o estudo, foram utilizados instrumentos de recolha de dados de natureza qualitativa. Foi também efetuada observação direta nas aulas assistidas da professora cooperante, uma entrevista à professora cooperante e foi ainda aplicado um questionário à turma cooperante.

4.2. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Segundo Bogdan & Biklen (1994), o investigador, na investigação qualitativa, recolhe os dados diretamente no terreno. Estes autores defendem que se deve usar várias fontes de dados, pois permitem assegurar a validade dos dados recolhidos. Os dados recolhidos podem incluir entrevistas e apontamentos no diário de campo. Ainda de acordo com estes autores, através da observação verificam-se certos comportamentos padrão, levantam-se questões, aferem-se aproveitamentos. Estes autores alegam que a localização e o acesso às fontes podem ser determinante na recolha e tratamento de dados. Neste estudo, as fontes utilizadas foram: a observação em sala de aula e a correspondente grelha de observação em IPP III, o diário de campo elaborado pela discente e o questionário aplicados aos alunos da turma.

A observação traduziu-se na atenção dada às interações estabelecidas entre os alunos da turma com a professora cooperante. Nas aulas assistidas, foram observadas as relações estabelecidas entre alunos e entre alunos e a professora cooperante, nomeadamente no empenhamento de cada um e do grupo, em geral, nas atividades desenvolvidas nas aulas de Economia. A investigadora, assumiu um papel interventivo nas aulas lecionadas ao participar no desenrolar das atividades propostas. Sempre que possível, a investigadora tirou apontamentos da postura e comportamento dos participantes nas diferentes tarefas. A empatia entre os alunos, professora cooperante e investigadora tornaram-se evidentes tendo facilitado a observação, pois a investigadora foi, por diversas vezes, abordada no sentido de opinar ou receber opiniões sobre os procedimentos adotados na aula de Economia, desenvolvendo assim o espírito crítico dos alunos bem como a participação ativa nas atividades a

desenvolver nas aulas. Segundo Bell (2008), após a observação, o investigador assumirá uma posição de reflexão identificando o sentido da observação.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994), as entrevistas sistematizam os dados recolhidos e preenchem falhas da observação. A entrevista realizada à professora cooperante teve como objetivo que esta se expressasse livremente, visando explorar a sua experiência como docente.

A discente entrevistou a professora cooperante acerca dos temas: ensino profissional e as diferenças em relação ao ensino regular; o ambiente e funcionamento da turma (a que a discente assistiu às aulas); quais os conhecimentos da turma em relação a idades, comportamento e aproveitamento, nas diferentes disciplinas lecionadas pela professora cooperante (Economia A e C); conversaram sobre as diferentes metodologias, técnicas pedagógicas e recursos utilizados; sobre planificações (curto, médio e longo prazo) sobre outros papéis que o professor desenvolva no agrupamento. As questões sujeitas à entrevista constaram de um guião de entrevista que a discente enviou à professora orientadora para avaliar o referido guião, junto como apêndice F.

Segundo a professora cooperante, o ensino profissional visa proporcionar aos alunos um desenvolvimento pessoal e humano global, como pessoas aptas a inseri-los de modo crítico, construtivo e personalizado no mercado de trabalho e na sociedade. Este ensino engloba não só os alunos com “dificuldades de aprendizagem”, mas também aqueles que pretendem desenvolver uma formação em que coexista a teoria e a prática. A professora defende que o ensino profissional está mais vocacionado para os alunos que pretendam uma inserção mais rápida no mercado de trabalho e que o ensino regular está mais direcionado para o prosseguimento de estudos. Embora seja possível para os alunos do ensino profissional ingressar no ensino superior, como já foi referido no presente trabalho.

Em relação à turma, a professora expôs a questão das idades como sendo muito homogénea. Em relação ao comportamento, refere que o mesmo é muito positivo. O aproveitamento na disciplina de Economia, disciplina lecionada pela professora cooperante, é de razoável a bom.

No que toca às metodologias, técnicas pedagógicas e recursos utilizados na disciplina lecionada, a professora alega que dependem dos conteúdos programados

para os diferentes módulos. Diz que utiliza essencialmente o método expositivo, embora recorra, muitas vezes, à análise e discussão de temas concretos estimulando a participação ativa dos alunos. A professora intercala ainda, com exercícios teórico-práticos. Recorre sempre a recursos da *internet* nas diversas disciplinas que permitem rever e aprofundar conhecimentos. Usa, muitas vezes, o suporte de *PowerPoint*.

Quanto às planificações, a professora cooperante referiu que tinha prazos a cumprir em relação à sua elaboração e que as entrega ao coordenador do departamento de Ciências Económicas e Empresariais e ainda às diretoras dos cursos. As planificações de curto prazo são o produto daquilo que vai sendo o *feedback* da turma, das necessidades, entretanto detetadas e dos atrasos/avanços em relação à planificação de médio/longo prazo. A professora referiu ainda que procura, na medida do possível, introduzir algum fator inovação ou surpresa na abordagem, no entanto alega que nem sempre é fácil, perante certos hábitos enraizados, dos alunos e dos professores, e pela falta de condições/salas/*hardware* e *software* operacionais na escola.

Foi também perguntado acerca da prática letiva e outros papéis que desempenhe na escola, ao que a professora mencionou que já fez parte de diversos grupos de trabalho, como podem constatar na entrevista que se junta em anexo como apêndice F, entrevista à professora cooperante.

Segundo Antão (1999), os inquéritos e o respetivo tratamento de informação são uma forma, não só de consolidar os conhecimentos matemáticos/estatísticos, mas também de se obter uma melhor noção da situação atual de determinado tema do ponto de vista humano.

Após a observação e leção das aulas na Turma Cooperante, tornou-se necessário a aplicação de um método de recolha de dados de análise das atividades e procedimentos adotados, de forma a avaliar o tema do estudo “A utilização do telemóvel em sala de aula na disciplina de Economia no Ensino Profissional”.

Foi escolhido o questionário como método de recolha de dados. A recolha de dados utilizando o questionário necessita da criação de um formulário prévio como alegam Rodríguez *et al.* (1999). Houve, neste estudo, a necessidade de identificar tipos de questões e encontrar processos de análise e apresentação de respostas. Neste questionário, formulário Google, procedeu-se às respostas em escala, de forma a calcular a opinião dos intervenientes, os alunos do 10.º PTC (Bell, 2004). O *link* de

acesso aos questionários sobre a utilização dos telemóveis em sala de aula, bem como o próprio questionário encontram-se juntos, em apêndice D.

O formulário Google ficou disponível aos alunos da Turma Cooperante *no e-mail* da turma. Todos os alunos da turma responderam ao questionário.

O questionário foi composto por quinze questões sobre a ferramenta digital, o telemóvel, o seu manuseamento pelos alunos da turma e a utilização do telemóvel nas aulas, em particular, nas aulas de Economia. Este questionário foi enviado pela discente para o *e-mail* da turma e, no prazo de uma semana, foi respondido por todos os alunos da turma. Os alunos responderam ao questionário usando os seus telemóveis e/ou computadores portáteis, como afirmaram à discente aquando da avaliação do referido instrumento.

5. Descrição do Contexto

5.1. Caracterização da comunidade local e da escola

Guerra Junqueiro defendeu que “a Escola é a única alavanca capaz de elevar o povo ao nível da moral”.

O Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira (AEHN) surgiu em resultado do processo de reorganização da rede escolar para 2013/2014, tendo nascido da fusão do Agrupamento de Escolas do Maxial (constituído no final do ano escolar de 2002/2003), ao abrigo do disposto no Decreto Regulamentar n.º 12/2000 de 29 de agosto, com a Escola Secundária Henriques Nogueira.

Encontra-se o AEHN localizado no concelho de Torres Vedras que integra a Comunidade Intermunicipal do Oeste. Pertence ao distrito de Lisboa, sendo um dos seus dezasseis municípios.

O patrono da escola chama-se José Félix Henriques Nogueira (15 de janeiro de 1823 – 23 de janeiro de 1858), o qual teve uma morte prematura, com apenas 35 anos. Foi um seguidor do republicanismo e do socialismo em Portugal, teórico do iberismo e do federalismo dos Estados Ibéricos. Foi, ainda defensor do cooperativismo e do municipalismo. Apesar da sua morte prematura, produziu uma obra muito interessante

no processo ideológico português do Século XIX. As suas obras mais importantes foram *O Município no Século XIX* e *Estudos sobre a Reforma em Portugal*. O autor colaborou, também, em algumas publicações periódicas. Henriques Nogueira defendia a escolaridade pública, universal e gratuita.

Integram o AEHN a Escola Secundária Henriques Nogueira, a Escola Básica do 2.º e 3.º ciclos do Maxial, os centros educativos de Outeiro da Cabeça e Monte Redondo (com escolas básicas e jardins de infância), as escolas básicas com jardins de infância de Maxial, Ramalhal e Ameal, as escolas do 1.º ciclo e os jardins de infância localizados em Ereira, Matacães, Aldeia Grande e ainda o jardim de infância de Abrunheira.

A Escola Secundária Henriques Nogueira é sede de agrupamento, desde 2013, e situa-se em Torres Vedras, no centro da cidade. É uma escola secundária com cerca de 1200 alunos e 150 professores. Esta disponibiliza a frequência de Cursos Científico-Humanísticos nas áreas de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades, e Artes Visuais.

Nos cursos do ramo profissional, a oferta formativa compreende o curso de Técnico de Design Gráfico, Técnico de Instalações Elétricas, Técnico de Processamento e Controlo da Qualidade Alimentar, Técnico de Comércio, Técnico de Gestão, Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, Técnico Comercial, Técnico de Auxiliar de Saúde e Técnico de Multimédia. Todos têm a posterior qualificação profissional.

Esta escola possibilita, ainda, a frequência do ensino noturno, apresentando a seguinte oferta formativa: educação e formação de adultos (EFA), com diversas opções em ensino recorrente (módulos capitalizáveis), formação de adultos (competências básicas), Cursos EFA B3 (Escolar e Dupla Certificação), EFA secundário de Dupla Certificação (nível 4), Técnico de Qualidade, Técnico de Informação e Animação em Turismo, Português para falantes de língua estrangeira e Formação Modular Certificada.

Esta escola tem procurado marcar a sua prática no sentido da formação para a cidadania, quer através das ofertas educativas, quer pelos projetos e atividades que permitam aproximar e/ou ligar a escola à comunidade local. A escola tem recebido

diversos prémios e menções, como resultado do seu envolvimento em iniciativas, projetos e concursos de âmbito nacional e internacional.

É este legado de compromisso cívico, de harmonização entre o local e o universal, entre o amor à tradição e a abertura à modernidade, entre utopia e realismo, que cremos fazer todo o sentido enquanto motivo orientador da ação deste estabelecimento de instrução pública.¹

A Escola Secundária Henriques Nogueira aceitou ser escola cooperante com o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, no desenvolvimento das atividades da Prática Profissional Supervisionada do Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade. Assim, a direção do agrupamento de escolas, na pessoa da sua diretora, após ter lido o protocolo, aceitou o desafio de me ter como mestranda na sua escola secundária.

Como futura docente, cabe-me abordar as diferentes temáticas da escola, de diversas perspetivas. Deste modo, tornou-se imprescindível que tomasse conhecimento e que soubesse analisar um projeto educativo que, por si só, representa um dos documentos mais importantes da escola. Nele, é feita uma caracterização do AEHN. O Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira, sito na cidade de Torres Vedras, está a ser aplicado no período de 2015/2018, portanto em vigor. Posteriormente, são apresentadas a missão e a visão do agrupamento, seguida da apresentação de um diagnóstico e uma avaliação interna, onde constam os resultados académicos e a avaliação interna do referido agrupamento. De seguida, aborda-se a questão da avaliação externa do AEHN e faz-se uma abordagem à ordenação e à questão dos *rankings*. Não foram esquecidos, durante a análise do referido Projeto Educativo, quer os pontos fortes, quer os pontos fracos que se verificam no agrupamento, bem como as estratégias em desenvolvimento no sentido de aperfeiçoar os pontos fracos.

Não pode deixar de se fazer uma reflexão estratégica, centrada nos estabelecimentos de ensino e nos seus Projetos Educativos, pois é neles que os desafios iniciam e temos de os agarrar com utopia e realismo. É, então, necessário olhar para a

¹ texto adaptado de www.aehn.net

escola como uma utopia, isto significa, como um tempo e um espaço onde podemos exprimir a nossa natureza pessoal e social (Nóvoa, 1992).

Após uma leitura cuidada do Projeto Educativo, tentou-se aferir da coerência e fundamentação legal do supracitado Projeto de acordo, com o Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril e o Decreto-Lei n.º 137/2012 de 2 de junho. O primeiro Decreto-Lei estabelece o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar, e dos ensinos básico e secundário (artigo 1.º). No artigo 2.º, no seu n.º 2 é referido que se consideram estabelecimentos públicos de ensino os Agrupamentos de Escolas e as escolas não agrupadas.

No preâmbulo do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira, doravante designado AEHN, afirma-se que o Projeto Educativo é o “documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou escolas não agrupadas, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão, para um horizonte de três anos (2015-2018), no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias, segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa”, de acordo com o estipulado no Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 02 de junho é ainda referido que este projeto educativo deverá ser “um documento objetivo, conciso e rigoroso, tendo em vista a clarificação e comunicação da missão e das metas da escola no quadro da sua autonomia pedagógica, curricular, cultural, administrativa e patrimonial, assim como a sua apropriação individual e coletiva”.

O Projeto Educativo do AEHN apresenta o seguinte alinhamento: perfil do agrupamento, missão e visão, diagnóstico e avaliação interna, avaliação interna, objetivos/ indicadores/ metas, prestação do serviço educativo/ projetos e parcerias, monitorização/ avaliação e a divulgação do referido Projeto Educativo.

Nos vários ciclos de ensino do ensino básico, os resultados obtidos pelos alunos que frequentam o AEHN, embora sendo um pouco abaixo da média nacional, têm evoluído positivamente, após o agrupamento ter implementado algumas estratégias para aumento do sucesso escolar. No ensino secundário, apesar de os resultados serem mais positivos, ainda se encontram, de uma forma geral, abaixo da média nacional.

As infraestruturas da escola são boas, pois foi recentemente remodelada. Contudo, há aspetos de desagrado, em comum, aos alunos e aos professores: o facto de não conseguirem fechar as janelas (muito altas); a existência de falhas tanto no sistema informático como no sistema elétrico e a não existência de um pátio grande, coberto, para quando está a chover.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, as aulas lecionadas decorreram na sala da Turma Cooperante, A406, sem que tivéssemos sentido quebras/faltas quer de rede *Wi-Fi*, quer de eletricidade, no entanto, constatei que as janelas elétricas e a falta de estores são incomodativas tanto para a turma, como para a professora cooperante. O papel de alumínio que tapa as janelas faz barulho quando o vento embate e provoca alguma perturbação no normal decorrer das aulas.

5.2. Caracterização da turma cooperante

A turma cooperante é uma turma do 10.º ano de escolaridade, do ensino secundário profissional, do curso Técnico de Comércio. Era composta no início do ano letivo por um total de catorze elementos, contudo um aluno desistiu de estudar no ensino diurno, tendo passado a estudar à noite, e existe, ainda, uma aluna que não frequenta as aulas, tendo, no entanto, de se continuar a marcar faltas, pelo facto de ainda não ter atingido a maioridade. A turma é composta, então, por doze elementos (que a discente conheceu em sala de aula), quatro rapazes e oito raparigas. A média de idade dos alunos é de dezasseis anos, tendo todos os alunos como Encarregada de Educação a mãe. Só dois alunos são da cidade de Torres Vedras, sendo os restantes do concelho de Torres Vedras, mas habitam nas freguesias adjacentes, indo para a escola de autocarro.

Apraz dizer que não é uma turma “típica” do Ensino Profissional, pois estes jovens não escolheram um curso profissional por ser mais fácil concluí-lo ou por sentirem sérias dificuldades de aprendizagem num curso do Ensino Regular. Estes estudantes decidiram optar pelo Curso Profissional de Técnico de Comércio pela oferta formativa, pelas saídas profissionais ou simplesmente por ser um curso com acesso mais cedo ao mercado de trabalho. A maioria dos alunos tem 14/15 anos de idade (a idade dita ‘normal’ de frequência do 10.º ano de escolaridade, no ensino regular).

Alguns dos alunos pretendem ir para a faculdade, nomeadamente, para cursos na área do Turismo, Marketing e Gestão de Recursos Humanos. Os alunos que frequentam este curso mencionam diversas razões para a sua frequência, tais como “*Não me adaptei no grupo de Humanidades*”, “*Quero seguir Turismo*”, “*Quero ir cedo para o mercado de trabalho*”, “*Foi o curso que me despertou maior interesse*”, “*A minha primeira opção foi marketing, mas como não quis mudar de escola, fiquei neste curso*”. Não obstante à diversidade de respostas, a verdade é que na disciplina de Economia todos, sem exceção, participam ativamente, mostram-se motivados, são curiosos, criativos e demonstram respeito pela sala de aula, as suas infraestruturas, os professores, os colegas e demais elementos da comunidade escolar.

Quando lhes é perguntado sobre qual a característica mais importante na relação pedagógica professor-aluno, respondem, sem hesitação “*Respeito*”, alegando que os alunos têm de respeitar os professores e que os professores têm de ser exigentes, fazer-se ouvir perante a turma e estarem atentos às necessidades educativas dos alunos nas suas disciplinas. Quando lhes é perguntado o contrário, também não hesitam e respondem, em uníssono, “*o desrespeito*”.

O comportamento desta turma é muito bom. Até o aluno mais conversador gosta de desafios e, se for motivado, participa ativamente nas aulas. Sugerir-lhe que me auxiliasse em tudo o que eu precisasse, e a verdade é que era ele quem ligava e desligava o projetor, apagava o quadro, estava sempre atento e era o primeiro a copiar para o caderno diário os apontamentos e a terminar a resolução dos exercícios.

Esta turma é focada nos objetivos propostos. São empenhados e dedicados ao trabalho, na sua generalidade. O desafio da discente foi motivá-los, captando a sua atenção para algo novo (*kahoot*, jogo lúdico-didático *online*, jogado no telemóvel), ou simplesmente para o telemóvel, ainda não explorado em sala de aula, enquanto instrumento de trabalho em componente letiva.

Esta turma tem a vantagem de ser uma turma reduzida, o que permitiu realizar um apoio individualizado durante a realização de exercícios, durante as pesquisas efetuadas, o que numa turma maior seria mais difícil de executar.

Os alunos valorizaram o facto de a mestrandia ter feito revisões dos conteúdos lecionados, ter realizado fichas formativas sobre os referidos conteúdos e tenha dado a conhecer o *kahoot* (jogo lúdico-didático, bastante fácil de usar, em aula ou fora dela).

Eles consideraram estes recursos pedagógicos de elevado interesse para a consolidação de conteúdos antes das fichas de avaliação sumativa, pois permitem identificar as suas dificuldades e ainda lhes permite o esclarecimento de dúvidas.

Existem muitas outras atividades que envolvem poucos recursos tecnológicos e que são, geralmente, do agrado dos alunos. Uma das minhas favoritas são os *quinze* aos quais os alunos podem responder utilizando o seu *smartphone*. Utilizando aplicações como o *socrative* ou o *kahoot*, o professor pode, após se ter registado no respetivo *site*, preparar um conjunto de questões, ao qual fica associado um código, que os alunos devem inserir no seu *smartphone*, após terem acedido ao respetivo *site*, para responderem às questões (Patrão, 2016, p. 92).

A turma, no geral, apresenta um bom nível de conhecimentos. Em relação à participação dos alunos nas questões suscitadas pela professora cooperante, é de salientar que a mesma solicitou a participação dos alunos mais reservados e mais fracos em questões de aprendizagem, no sentido de os encorajar a participarem ativamente, bem como, motivá-los para as aulas da disciplina de Economia. Constatou-se que a mestrande, na sua prática letiva, seguia o exemplo da professora cooperante, pois, para esses alunos, colocou-lhes questões mais fáceis, para que consigam responder, de forma positiva, contribuindo, deste modo, para o bom desenrolar da aula e trabalhando a sua autoestima e motivação.

Considerou a mestrande ser bastante pertinente, quando, numa aula que assistiu, um dos alunos ter questionado a professora cooperante acerca dos valores monetários, atribuídos pela União Europeia (UE) na questão dos incêndios. A professora aproveitou para ir mais além do que responder simplesmente à pergunta que foi colocada. Sob o olhar atento de toda a turma, falou sobre a realidade social, atual e económica do nosso país e sobre os Fundos da UE. Desta forma, contribuiu para a consciencialização dos alunos para questões atuais como os incêndios (causas e consequências).

O tema do estudo da discente despertou curiosidade nos alunos acerca das diversas possibilidades de utilização do telemóvel em sala de aula, bem como, motivação pelo mesmo motivo e por se traduzir em aulas mais dinâmicas e diferentes na sua execução. Em IPP IV, a discente lecionou aulas de Economia com recursos diversificados no âmbito das NTIC (projetor, computador portátil, telemóvel, rede *Wi-fi*, *e-mail*, testes interativos).

Em IPP IV, a discente tentou melhorar os aspetos referidos como pontos a aperfeiçoar pela professora cooperante e pela professora orientadora do Instituto da Educação (em IPP III), que pensa que a poderão ajudar a ser uma melhor docente. Assim, houve uma tentativa de dar igual oportunidade a todos os alunos de participarem nas aulas; promoveu-se o trabalho em grupo com as NTIC, de forma a avaliar o comportamento; houve uma organização, motivação, empenho, criatividade, inovação, ética, gestão de tempo dos alunos em grupo e com as NTIC.

5.3. O curso Profissional Técnico de Comércio

As condições de acesso ao Curso Profissional Técnico de Comércio são a conclusão do 9.º ano de escolaridade ou equivalente. Este curso atribui, aos alunos que concluem o 12.º ano de escolaridade, um Certificado Profissional de nível III e ainda confere a possibilidade de prosseguirem estudos. Este curso permite, aos jovens que o concluem, tornarem-se Técnicos de Comércio, profissionais qualificados, aptos a organizar e planear a venda de produtos e/ou serviços em estabelecimentos comerciais, garantindo a satisfação dos clientes, tendo como objetivo principal a sua fidelização.

Concluídos os três anos de formação, os Técnicos de Comércio diplomados possuem competências para:

- Estudar os produtos e ou serviços da empresa, caracterizar o tipo de clientes e recolher informação sobre a concorrência e o mercado em geral, de forma a responder adequadamente às necessidades do mercado;
- Participar na conceção, organização e animação do ponto de venda;
- Desenvolver ações empreendedoras com carácter inovador, criativo e dinâmico;
- Colaborar na pesquisa, definição e composição do sortido, apresentando propostas, tendo em conta a evolução do mercado, as suas tendências e a procura;
- Atender e aconselhar clientes, tendo em vista a sua fidelização e a satisfação das suas necessidades;
- Processar a venda de produtos e ou serviços, recorrendo a equipamento informático e outros meios disponíveis;
- Proceder a operações de abertura e fecho do dia através do controlo de caixa e ou suporte informático;

- Efetuar o controlo quantitativo e qualitativo de produtos do ponto de venda, recebendo, conferindo, armazenando e etiquetando, controlando *stocks* e inventariando existências;
- Assegurar o serviço pós-venda, recebendo e analisando reclamações com vista à sua resolução, procedendo à troca de produtos e a reembolsos, tratando de devoluções e de outras situações colocadas pelos clientes;
- Organização da documentação referente ao processo de compra e venda;
- Participar na gestão comercial e do pessoal afeto à atividade,
- Utilizar as novas TIC nas atividades da função comercial e de gestão;
- Planear e acompanhar o *site* de comércio eletrónico em colaboração com a gestão da empresa e com técnicos internos/externos à empresa de áreas multidisciplinares;
- Aplicar as normas de segurança, higiene e saúde respeitantes à sua atividade profissional.

As saídas profissionais que o Curso Profissional Técnico de Comércio possibilita são: agente ou delegado comercial, promotor de vendas, auxiliar administrativo, Técnico de Comércio em estabelecimentos comerciais direcionados para a venda de bens e serviços.

Plano Curricular:

Componentes de Formação	Disciplinas	Carga Horária
Sociocultural	Português	320
Língua Estrangeira I ou II	220	
Área de Integração	220	
Tecnologias da Informação e Comunicação	100	
Educação Física	140	
Científica	Economia	200
Matemática	300	
Técnica	Comercializar e Vender	480
Organizar e Gerir a Empresa	360	
Comunicar no Ponto de Venda	250	
Comunicar em Francês/ Comunicar em Espanhol	90	
Formação em Contexto de Trabalho	600	

Tabela 1 - Plano curricular do curso profissional Técnico de Comércio.

5.4. Caracterização da disciplina e do módulo lecionados

Ensinar economia visa propiciar a alfabetização económica da população. Permite ao aluno adquirir uma formação, compreendendo o mundo social, a dimensão ética, as decisões económicas, como por exemplo, enquanto consumidores, cidadãos e produtores (González, 2001).

[...], a disciplina de Economia deverá transmitir um conjunto de saberes humanísticos, científicos e técnicos no sentido de desenvolver as competências vocacionais dos alunos orientadas quer para uma efetiva inserção no mundo do trabalho, quer para o exercício responsável de uma cidadania ativa. (DGE, 2004, p. 3).

Os objetivos gerais do ensino da Economia consistem em ter consciência da autonomia pessoal e integração social; ter consciência da globalidade (pensar globalmente, atuar localmente e vice-versa); assumir uma consciência que problematize, através da resolução de problemas da vida quotidiana; ter uma consciência ambientalista, tendo em consideração os efeitos nefastos causados por todos para com o meio ambiente; compreender o jogo de interesses e intencionalidades, adotando uma atitude crítica (González, 2001).

A disciplina de Economia incorpora a componente científica em diversos Cursos Profissionais e valida a aquisição de instrumentos fundamentais, que permitam compreender a dimensão da realidade económica e social. Está distribuída por três anos, de acordo com o Elenco Modular da ANQEP (Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional).

De acordo com a ANQEP, os Módulos da disciplina de Economia são os seguintes: Módulo 1 – “A Economia e o Problema Económico”; Módulo 2 – “Agentes Económicos e Atividades Económicas”; Módulo 3 – Mercados de Bens e Serviços e de Fatores de Produção”; Módulo 4 – “Moeda e Financiamento da Atividade Económica”; Módulo 5 – “O Estado e a Atividade Económica”; Módulo 6 – “A Interdependência das Economias Atuais”; Módulo 7 – “Crescimento, Desenvolvimento e Flutuações da Atividade Económica” e o Módulo 8 – “A Economia Portuguesa na Atualidade”. O número de horas atribuídos à leção dos diferentes módulos difere, atendendo à complexidade e exigência dos diferentes temas a serem abordados.

Os conteúdos programáticos da disciplina de Economia, acima expostos, foram selecionados a partir das finalidades definidas, atendendo ao público a que se destinam, e os meios e recursos disponíveis. (DGVE, 2004).

A relevância científica, a sua atualidade e importância no funcionamento da atividade económica das sociedades contemporâneas, em particular, da sociedade portuguesa, foi o que se teve em especial atenção, aquando da seleção dos temas e escolha das abordagens a realizar na disciplina. (DGVE, 2004).

A disciplina de Economia fomenta uma maior compreensão da realidade atual da nossa sociedade e dos seus problemas, o que permite desenvolver, nos alunos, a capacidade crítica, o espírito inovador, a participação ativa e o despertar da curiosidade sobre o mundo atual. Esta disciplina é facilitadora da inserção dos jovens no mercado de trabalho, contribuindo para o desenvolvimento e formação dos mesmos.

A disciplina de Economia é indispensável à formação geral do cidadão português e da União Europeia (doravante UE), independentemente do percurso académico que venha a seguir (ME, 2001). Esta disciplina é essencial para uma melhor compreensão do mundo atual, por parte dos jovens. Assim sendo, o seu estudo deverá ser desenvolvido e valorizado quer em sala de aula, quer na escola, e ainda no país (macro), onde se operacionaliza o desenvolvimento curricular (Gaspar & Roldão, 2007).

A disciplina de Economia está sujeita a avaliação sumativa externa, concretizada no Exame Nacional, no final do 11.º. Deste modo, os alunos do ramo profissional, que pretendam prosseguir os estudos a nível superior, terão de realizar o referido exame, que incide sobre os oito módulos da disciplina, de acordo com o estipulado no artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, conjugado com o artigo 26.º da Portaria n.º 550-C/2004, de 21 de maio.

“Não existe uma parte da realidade que é económica e que é o objetivo da Economia. O que existe é uma forma económica de olhar para a realidade, toda a realidade” (Neves, 1998).

O Módulo lecionado em IPP IV foi o Módulo 4 – A Moeda e Financiamento da Atividade Económica. Coube-me a missão de o introduzir e lecionar a moeda, as suas funções e os suportes que esta tem assumido ao longo do tempo. Além da moeda, também lecionei os fatores que condicionam a formação dos preços dos bens e dos serviços, bem como o fenómeno da inflação, tendo terminado as aulas de Prática

Profissional Supervisionada com o conteúdo Poupança, demonstrando a utilização dos rendimentos nesta perspetiva e relacionando a Poupança com o financiamento da atividade económica.

Neste módulo, além das competências gerais, constantes no Programa de Economia, ressaltam os seguintes objetivos:

- Usar os conceitos económicos, de forma a compreender aspetos importantes da organização económica das sociedades, como por exemplo, as formas de pagamento, a inflação, a formação dos preços e a poupança.
- Utilizar instrumentos económicos que possibilitem a evolução da inflação em Portugal e na União Europeia.

Como objetivos de aprendizagem, no módulo 4, na parte lecionada pela mestranda, tiveram enfoque os seguintes:

- Caracterizar dos diferentes tipos de moeda.
- Enumerar e explicar as funções da moeda.
- Evidenciar e relacionar a evolução tecnológica com as novas formas de pagamento.
- Explicitar os fatores que influenciam a formação dos preços.
- Explicar o Índice de Preços no Consumidor (IPC) e taxa de Inflação.
- Distinguir formas de cálculo de inflação.
- Explicar as consequências da inflação.
- Integrar a variável ‘tempo’ nas decisões sobre a utilização dos rendimentos.
- Referir os destinos da poupança.

Os alunos tiveram de conhecer e explicar todos os conceitos inerentes aos conteúdos acima expostos (como moeda, tipos de moeda, a desmaterialização da moeda, o preço, a inflação, poder de compra, poupança).

Atenta ao que consta no programa de Economia, quanto às situações de aprendizagem e avaliação, as aulas lecionadas no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada tiveram isso em conta, tendo partido do programa algumas das atividades desenvolvidas com a turma cooperante.

A avaliação do processo de trabalho fez-se através de grelhas de observação, tanto individual, como dos trabalhos em grupo ou em pares; para além da avaliação

formativa, fez-se avaliação diagnóstica, no início, dos diversos temas abordados, e avaliação no final de cada tema. No final das aulas lecionadas, fez-se a auto e heteroavaliação (alunos e Professora Cooperantes, e Mestranda) da Prática Profissional da mestranda.

6. Operacionalização do estudo

6.1. Planificações

A planificação das aulas, incluídas no apêndice (B) do presente trabalho, foram realizadas de acordo com a planificação do módulo, apresentado aqui como Cenário de Aprendizagem, junto em apêndice A, tendo-se realizado ao longo de nove aulas, de cinquenta minutos, cada. A mestranda tentou cumprir os objetivos incluídos nos planos de aulas, usando para tal as estratégias neles estabelecidas e utilizando os recursos previstos.

Planear ações de ensinamento eficazes implica assumir uma postura estratégica, isto é, conceber um percurso orientado para a melhor forma de atingir uma finalidade (Roldão, 2009).

Segundo Rodriguez (2007), as sequências didáticas e as planificações convergem nas planificações de longo e curto prazo, e de facto, através da sua execução, os professores ensinam os conteúdos que promovem a formação das capacidades. A planificação de longo prazo é a planificação propriamente dita em que o professor ensinará os conteúdos mediante a execução das sequências didáticas eleitas pelo docente (na planificação longa) e que instrumentalizará na planificação de médio e curto prazo (plano de aula). Os conteúdos que o docente pretende construir/transmitir configuram as sequências didáticas. A sua ordem de apresentação é lógica interna inerente à disciplina e à maturidade do tema em aprendizagem.

Roldão (2009) alega que a planificação é uma estratégia global, à avaliação. Cabe ao professor ‘desenhar’ uma estratégia do que se está a passar e do que quer que se passe no processo de apropriação cognitiva pelos alunos.

Planear ações de ensinar eficazes implica assumir uma postura estratégica, isto é, conceber um percurso orientado para a melhor forma de atingir uma finalidade [...] (Roldão, 2009, pp. 57-58).

De acordo com esta autora, por vezes, o docente tem de ajustar a atividade/tarefa em desenvolvimento ou a desenvolver, sem deixar de possibilitar a realização do objetivo e, ainda organizar o trabalho posterior de modo diferenciado, já que a primeira atividade demonstrou estar a ser inadequada e pouco eficaz.

A planificação de aula é útil e exigida ao professor, pois trata-se de um instrumento de elevada importância, que permite organizar e estruturar cada aula em geral e em particular. Nas planificações devem constar: as competências gerais, os conteúdos a lecionar, os objetivos, as estratégias/métodos, os recursos, a calendarização e a avaliação (referente a cada tipo de planificação).

Na planificação plurianual do ensino profissional, incluem-se as competências e objetivos essenciais a todos os módulos da disciplina. Na planificação de médio prazo aborda-se apenas um módulo, onde se inclui, além das competências e objetivos essenciais da disciplina, as competências específicas do respetivo módulo.

No presente trabalho, em alternativa às planificações de médio e longo prazo apresentarei um cenário de aprendizagem. Os cenários de aprendizagem são entendidos como histórias que possuem vários elementos característicos, pois incluem ou propõem um ambiente, incluem agentes ou atores que têm determinados objetivos e possuem um enredo, incluindo sequências de ações e de eventos. (Matos, 2014).

De acordo com o mesmo autor, cabe aos cenários assumirem uma necessidade de explicitar trajetórias (possíveis) de aprendizagem, trajetórias estas que exigem a caracterização dos quadros onde poderão acontecer e criar os recursos e as condições para que se concretizem com sucesso. Assim, o professor desenha ou antecipa, diferentes tipos de situações que procurou criar com a elaboração daquele cenário.

O objetivo de um cenário de aprendizagem é o de ajudar as pessoas a alterar as suas formas de pensamento – ou os seus mapas conceptuais – sobre o pensamento das coisas (Wollenberg *et al.*, 2000).

De acordo com Matos (2014), na elaboração dos cenários de aprendizagem, deve constar um conjunto de características; devem ser inovadores; permitir a transformação; devem prever o futuro e tomada de decisões apropriadas referentes a condições incertas; devem ser criativos; ser adaptados aos objetivos dos professores e às características dos seus alunos; os cenários devem fornecer opções dirigidas a

diferentes estilos de aprendizagem e estilos individuais de ensino, podendo começar num nível elementar e torná-lo mais complexo; deverá possuir uma maior ou menor abrangência, podendo incluir projetos multidisciplinares para serem trabalhados com os alunos durante longos períodos de tempo e devem, os cenários de aprendizagem, serem construídos de uma forma possibilitadora de atividades colaborativas (síncronas e assíncronas), incluindo ferramentas tecnológicas propiciando partilha e construção colaborativa de objetos.

Os cenários de aprendizagem surgem como os contextos mínimos para o desenvolvimento do raciocínio do *design* orientado para o utilizador. Existem cinco razões para o *design* baseado em cenários: os cenários evocam a reflexão; são concretos e fluidos; cada um tem muitas perspetivas possíveis; podem ser genéricos e categorizáveis; promovem a orientação para o trabalho. Importa, assim que os cenários de aprendizagem perspetivem o trabalho dos alunos com as tecnologias digitais também ao nível da atividade (Matos, 2014).

O *design* dos cenários de aprendizagem deve incluir propostas de trabalho com as tecnologias digitais que devem indicar preocupações respeitantes a operações a executar e tarefas de suporte às ações previstas. Verifica-se a existência de seis princípios para o *design* de cenários de aprendizagem: os cenários de aprendizagem devem ser construídos com base na ideia de *design* participativo; devem basear-se no contexto e nas necessidades dos seus utilizadores; devem decorrer de um processo dinâmico de experimentação e reflexão; devem, ainda ajudar a prender e a pensar; podem incluir sugestões que complementem o uso das tecnologias digitais; devem proporcionar novos desafios e permitir a consolidação de outros (Matos, 2014). O cenário de aprendizagem respeitante ao Módulo 4 encontra-se junto em apêndice A.

Segundo ANQ (2010), o plano de aula é de extrema importância, pois é nele que o docente relata, ao pormenor, o decorrer da aula. No plano de aula deve constar: os conteúdos a lecionar, os objetivos, as competências específicas, qual o tempo necessário para cada atividade a desenvolver, quais os recursos a utilizar, quais os métodos e estratégias a desenvolver com os alunos na respetiva aula e ainda a forma de avaliar os alunos na aula, como objeto do plano de aula.

No plano de aula ainda estão presentes elementos identificadores quer da turma, quer do docente, disciplina, data e hora para facilmente se identificar a aula que se

procura. Este serve como uma peça fundamental para o professor e o bom desenrolar das aulas. Nele os docentes apresentam o desenvolvimento do programa da disciplina através das estratégias de ensino-aprendizagem e do elenco dos conteúdos a lecionar na dita aula. Estratégias essas diversificadas e ajustadas à turma, bem como aos diferentes conteúdos a lecionar. São utilizadas diferentes metodologias e tenta-se encontrar um equilíbrio com uma metodologia orientada numa perspectiva teórico-prática, com frequente ligação ao real, estimuladora de um permanente trabalho de transversalidade.

Os planos das aulas lecionados pela mestranda na ESHN, com a assistência da professora cooperante, encontram-se junto em apêndice B. Assim, constam os nove planos de aulas lecionadas, sendo que a aula do dia 28 de fevereiro além de assistida pela professora cooperante, foi também assistida pela professora orientadora do Mestrado. Encontram-se ainda, junto em apêndice C, os recursos e materiais didáticos utilizados nas aulas lecionadas de Prática Supervisionada.

6.2. Procedimentos de avaliação

A avaliação sumativa, avaliação dos resultados em termos de aprendizagem alcançados, deve fazer parte da estratégia global e ser coerente com ela, pois tem que estar articulada com o modo como todo o trabalho foi conduzido.

[...] avaliar o que foi intencionalmente trabalhado, e não o que resulta dos dotes ou possibilidades culturais do aluno exteriores ao processo de ensino e, por outro lado, criar situações de avaliação – que não se esgotam, nem muitas vezes se adequam, à clássica formulação de pergunta/resposta -, situações e instrumentos que permitam perceber se o aluno sabe usar o que aprendeu numa situação ou tarefa diferente do contexto em que a adquiriu (Roldão, 2009).

González (2001) defende que a avaliação consiste na regulação do processo ensino-aprendizagem através da elaboração de juízos de contrastes sobre o desenrolar dos processos de ensino-aprendizagem que permitem compreender e tomar decisões para melhor o seu funcionamento. Afeta, assim o processo de aprendizagem dos alunos, mas também o processo de ensino desencadeado pelos professores.

Segundo Fernandes (2007) apesar dos inegáveis e significativos progressos desenvolvidos a partir de abril de 1974, continuam a prevalecer modelos que dão

ênfase ao ensino de procedimentos rotineiros, que pouco mais exigem dos alunos do que a reprodução de informação previamente transmitida. Segundo o mesmo autor, continuam a reprovar largas dezenas de milhares de alunos todos os anos, logo a partir dos sete anos de idade, pondo em risco a sua integração na sociedade e a sua coesão social. Continua a sentir-se um generalizado mal-estar com os processos, os conteúdos e os resultados do sistema educativo português. As retenções dos alunos na escola básica deviam ser apenas no final de cada ciclo.

A retenção é sempre considerada uma medida excecional em todos os normativos da legislação portuguesa. Na prática, tal não acontece. Ainda de acordo com o autor anteriormente citado, a investigação tem evidenciado, claramente, que a utilização sistemática e regular de práticas de avaliação formativa melhora de forma muito significativa as aprendizagens das crianças e dos jovens e, consequentemente, a qualidade geral do sistema educativo.

Fernandes (2007) defende que, no tocante à avaliação externa na educação, por meio dos exames nacionais, o Ministério da Educação (ME) pretende controlar se o currículo nacional está a ser desenvolvido nas escolas de acordo com o previsto. Além disso, o ME pretende também monitorizar o sistema educativo, pois os exames podem permitir que as escolas prestem contas do seu trabalho à sociedade e à administração educativa. Segundo o mesmo autor, o currículo português possui um sistema de avaliação das aprendizagens dos alunos que se pode considerar progressista e consistente, com recomendações decorrentes da literatura de investigação. Este sistema de avaliação pode, até, ser considerado inovador. Apesar disto, a verdade é que persistem os problemas endémicos do sistema educativo português. Deste modo, os principais problemas são, principalmente, a utilização quase exclusiva da avaliação para classificar os alunos, os níveis anormalmente elevados de retenção dos alunos e os resultados modestos, ou mesmo fracos, em provas de avaliação externa (nacionais e internacionais), sobretudo quando as questões exigem a mobilização, a integração e a aplicação de conhecimentos.

Rodriguez (2007) alega que a avaliação do processo de ensino-aprendizagem nas Ciências Sociais é de importância fulcral, como o é nas outras áreas das ciências. São de considerar, para todas as ciências, diversos pontos importantes, como por exemplo: explicar muito claramente a forma de avaliação exercida no contrato

didático, valorizar todo o processo (conteúdos, procedimentos e atitudes), utilizar diferentes métodos e instrumentos de avaliação e valorizar a autoavaliação.

A avaliação da aprendizagem consiste na aplicação de instrumentos de verificação do conhecimento adquirido comumente conhecido como prova, que os alunos devem responder para mensuração dos conhecimentos adquiridos. Acrescenta, ainda o mesmo autor, que a avaliação deve ser entendida como parte integrante do processo de aprendizagem (Sallabery, 2017).

González (2001) defende que os instrumentos de avaliação representam o conjunto de meios e atividades realizados para comprovar o grau de execução dos objetivos formulados. São instrumentos de avaliação o diário de campo do professor em que é feita uma reflexão sobre as aulas lecionadas, a observação da sala de aula (direta ou indireta) e a análise do material elaborado pelos alunos, como seja o caderno dos alunos e os testes (diagnósticos, formativos e sumativos).

O mesmo autor argumenta que o processo de avaliação apresenta diferentes fases. Uma fase inicial que é realizada para perceber os conhecimentos dos alunos nos conteúdos a lecionar, seguida de uma avaliação durante a leção dos conteúdos de forma a regular o processo de ensino-aprendizagem, podendo ser necessário efetuar alguns ajustes na forma de lecionar/apresentar os conteúdos. Por fim, existirá a avaliação final, a sumativa, que possibilita a verificação dos progressos alcançados e das avaliações conseguidas.

Ainda de acordo com González (2001), o processo de avaliação apresenta uma dupla função visto tratar-se de um instrumento de investigação didático, na medida em que informa sobre como avalia a planificação inicial e as estratégias seguidas e também informa os alunos das avaliações e níveis alcançados.

A avaliação será realizada de forma sistemática, tendo como focos quer o produto, quer os processos, atitudes e comportamentos. Assim, a avaliação integrada no processo de ensino-aprendizagem permite uma regulação das práticas pedagógicas e das aprendizagens dos alunos. Inicialmente, deverá fazer-se uma avaliação diagnóstica (sempre no início de cada unidade modular) de forma a averiguar o que os alunos conhecem dos conteúdos que abrange aquele módulo. A avaliação será formativa, ao longo do processo, possibilitando ao professor uma reflexão contínua e ao aluno o estímulo ao aprender a aprender. Haverá auto e heteroavaliação. No final

de cada módulo, a avaliação terá uma força de caráter sumativo interno e que refletirá o grau de consecução das aprendizagens realizadas e, posterior publicação junto de todos os intervenientes (DGVE, 2004).

6.3. Análise e discussão dos dados recolhidos

6.3.1. Análise e interpretação do questionário aos alunos

O questionário sobre a utilização dos telemóveis em sala de aula de Economia no ensino profissional foi elaborado no Google *Forms* encontra-se junto em apêndice D. Este questionário, composto por dezasseis questões foi respondido por oito raparigas e quatro rapazes, ou seja, todos os alunos da turma cooperante.

O questionário teve como objetivo avaliar a motivação para o uso dos telemóveis nas aulas de Economia, bem como, a própria utilização do uso dessa ferramenta tecnológica como ferramenta pedagógica. O questionário foi respondido de forma anónima e destinou-se exclusivamente para efeitos do presente estudo.

Sexo:

12 respostas

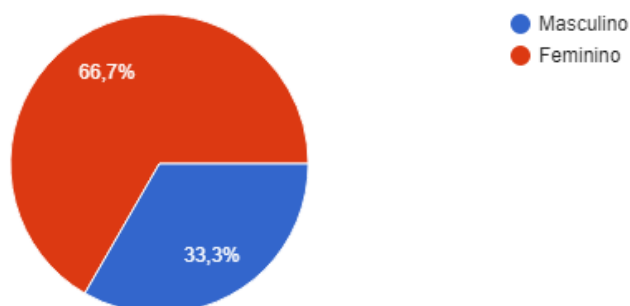


Gráfico 1 - Sexo dos participantes

Os alunos foram unânimes quanto às dificuldades de manuseamento do telemóvel. Todos eles responderam que não sentiram dificuldades nenhuma em manusear a ferramenta digital em causa.

1 - Tem alguma dificuldade em manusear o seu telemóvel?

11 respostas

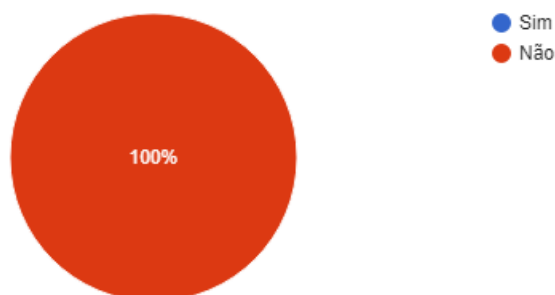


Gráfico 2 - Manuseamento do telemóvel.

Quando questionados acerca da dinamização das aulas de Economia com o uso do telemóvel, os alunos, na sua maioria (66,7%) entenderam que o telemóvel poderá dinamizar muito as aulas de Economia. Apenas 16,7% responderam que sim (o telemóvel dinamiza as aulas de Economia) e dois participantes (16,7%) alegaram que, às vezes, o uso do telemóvel dinamiza as aulas de Economia.

2 - Considera que o uso do telemóvel pode dinamizar as aulas de Economia?

12 respostas

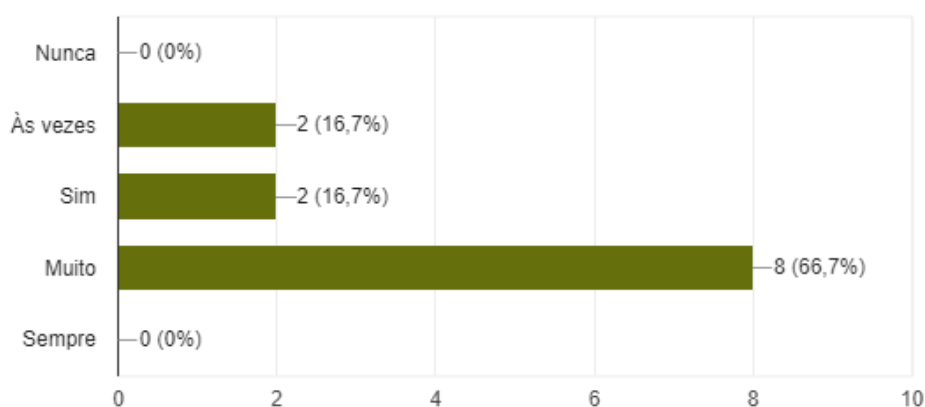


Gráfico 3 - Dinamização das aulas de Economia com o uso do telemóvel.

50% dos alunos afirmaram que, às vezes, usam indevidamente o telemóvel no decorrer das aulas. Cinco alunos (41,7%) alegaram que usam o telemóvel nas aulas e só um aluno (8,3%) referiu que utiliza muito o telemóvel em aulas, sem o consentimento dos professores.

3 - Costuma usar o telemóvel em sala de aula, mesmo sem autorização do(a) professor(a)?

12 respostas

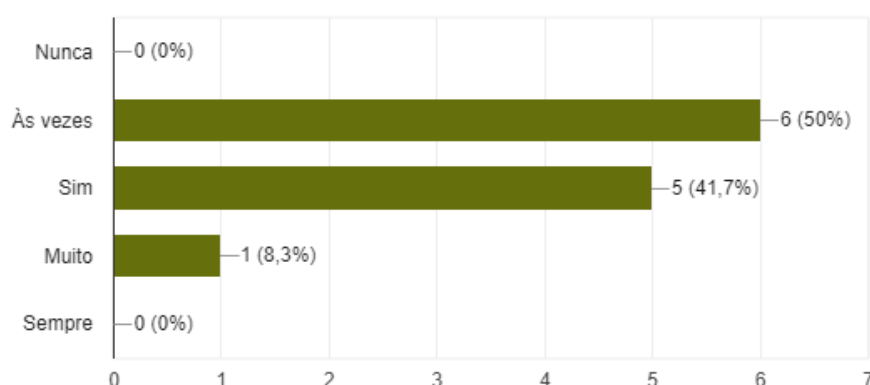


Gráfico 4 - Utilização indevida do telemóvel em sala de aula.

Os alunos apresentaram diferenças de opinião acerca da questão do uso do telemóvel poder ou não diminuir a geração tecnológica de estudantes. Seis alunos (50%) afirmaram que não, ou seja, o uso das TIC, nomeadamente, o uso do telemóvel não diminui a geração tecnológica de estudantes. Pelo contrário, cinco alunos (41,7%) responderam que sim e um aluno (8,3%) mostrou indecisão na resposta ao responder que dependia.

4 - O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial o uso do telemóvel, poderá diminuir ain...a geração tecnológica de estudantes?

12 respostas

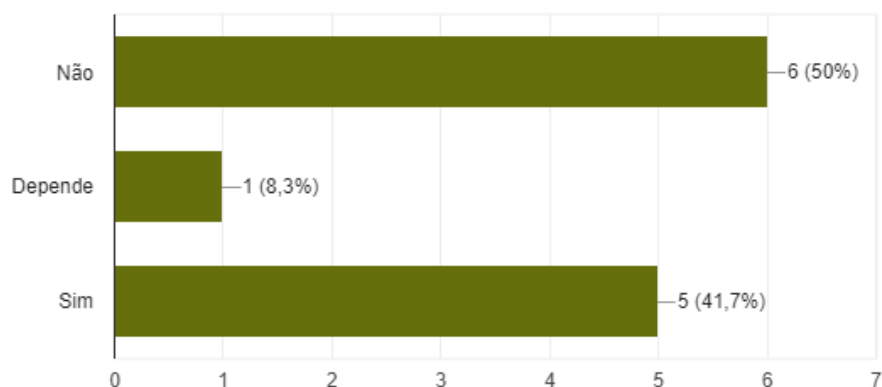


Gráfico 5 - O uso das TIC e a relação com a geração tecnológica de estudantes.

Na resposta à questão 5, os alunos dividiram-se, de forma igual, quatro participantes (33.3%) em cada resposta. Quatro alunos disseram que as orientações dadas pela professora eram fáceis de entender; quatro alunos alegaram que as orientações eram muito fáceis de entender e, por último, outros quatro participantes afirmaram que as orientações fornecidas pela professora foram sempre de fácil entendimento.

5 - É fácil entender e executar as orientações dadas pela professora para a uso do telemóvel nas aulas de Economia?

12 respostas

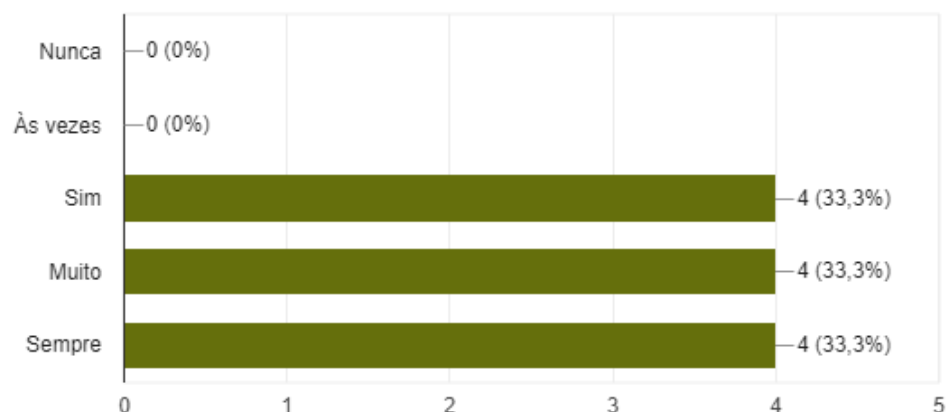


Gráfico 6 - Compreensão das orientações da professora para executar no telemóvel.

58,3% dos alunos não conheciam a aplicação *kahoot.com* e 41,7% já conheciam a denominada aplicação.

6 - Já conhecia o jogo Kahoot?

12 respostas

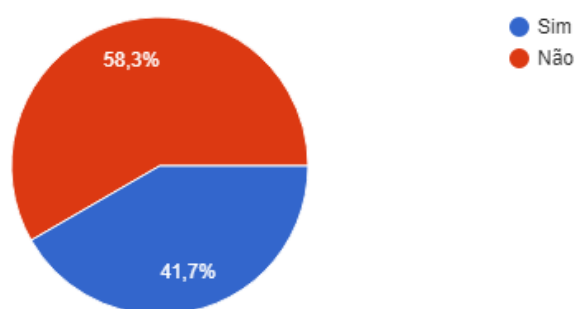


Gráfico 7 - Kahoot

Todos os alunos afirmaram que, após as explicações fornecidas pela professora, foi fácil jogar o *kahoot* através do telemóvel.

7 - Após a explicação concedida pela professora, foi fácil jogar Kahoot através do telemóvel?

12 respostas

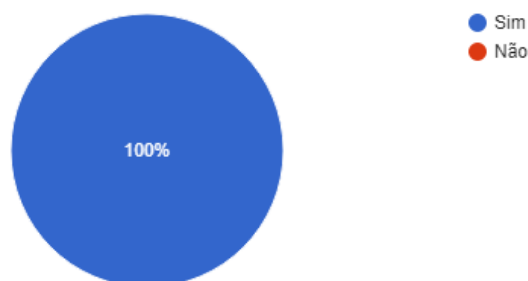


Gráfico 8 – Acessibilidade do jogo Kahoot

91.7% dos alunos, ou seja, onze alunos, afirmaram ter sido fácil elaborar um *kahoot* com os conteúdos lecionados na disciplina de Economia, após as explicações dadas pela professora em relação às instruções e regras do jogo.

8 - Através das explicações dadas pela professora foi fácil elaborar um Kahoot com os conteúdos da disciplina?

12 respostas

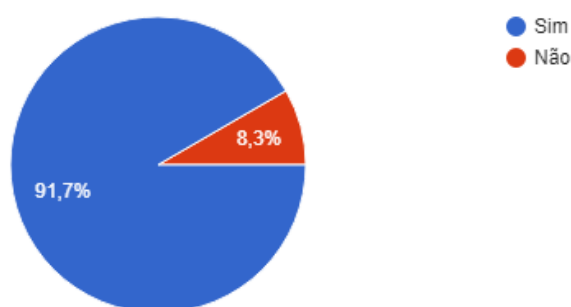


Gráfico 9 - Facilidade de elaboração de um kahoot

Em relação à eficiência do uso do telemóvel quanto às pesquisas solicitadas pela professora, cinco alunos (41,7%) afirmaram que sim, o telemóvel mostrou ser uma ferramenta eficiente; três alunos (25%) alegaram muita eficiência para a utilização do telemóvel; dois alunos (16,7%) expuseram que o uso do telemóvel foi

sempre eficiente ao contrário de outros dois alunos que responderam que só às vezes é que o uso do telemóvel é eficiente.

9 - Em relação às pesquisas solicitadas pela professora, o uso do telemóvel permitiu uma maior eficiência...esposta e de domínio dos conteúdos)?

12 respostas

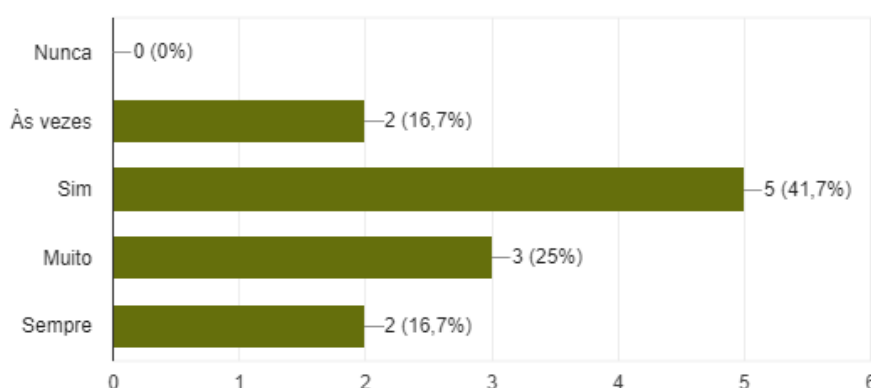


Gráfico 10 - Eficiência na resposta e no domínio de conteúdos, nas questões solicitadas pela professora.

O acesso à rede *Wi-fi* é possível às vezes segundo a opinião de oito alunos (66,7%), é sempre possível para três alunos (25%) e para um aluno (8,3%) é de fácil acesso.

10 - O acesso à Internet foi possível pela "Wifi" da escola?

12 respostas

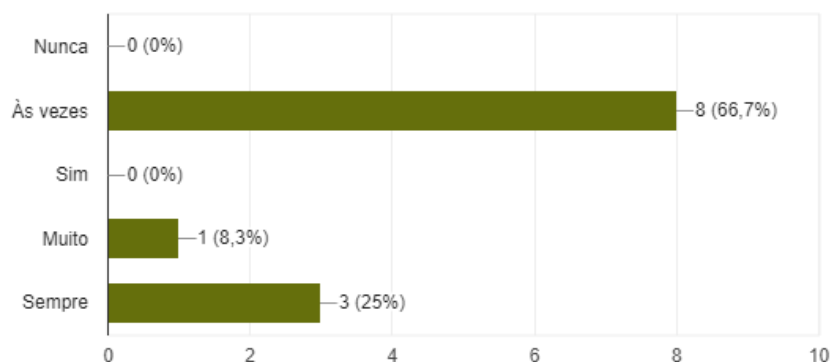


Gráfico 11 - Acesso à Wi-fi da escola.

Dez alunos (83,3%) responderam afirmativamente quanto ao facto de ser possível ter sempre disponível o telemóvel para uso no decorrer das aulas de Economia. Nesta questão somente dois alunos (16,7%) afirmaram que iria depender da necessidade ou não da utilização do telemóvel, aula a aula.

11 - Gosta da ideia de ter sempre disponível o telemóvel para o desenrolar das aulas de Economia?

12 respostas

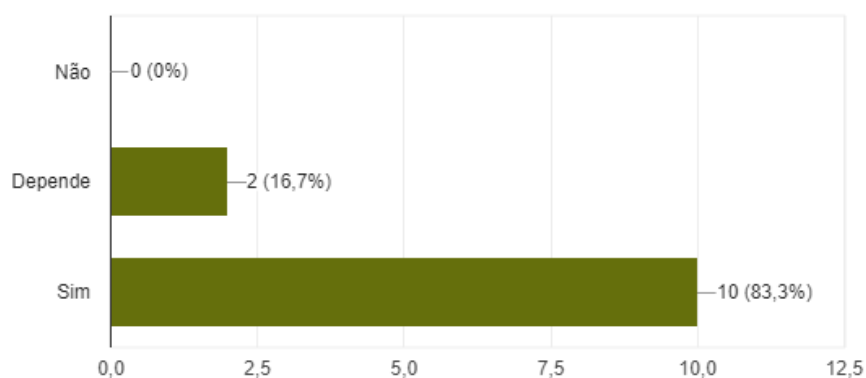


Gráfico 12 - Disponibilidade de ter o telemóvel nas aulas de Economia, em cima da secretária.

Na questão número treze, os alunos dividiram-se nas suas respostas. 50% dos alunos afirmam que o facto de ter o telemóvel em cima da sua secretária é tentador em manuseá-lo sem que a sua utilização tenha sido solicitada pela professora. Os outros 50% dos alunos dizem que não é tentador ter o telemóvel em cima da secretária, de forma a que rapidamente possa ser utilizado em contexto de aula de Economia.

12 - O facto de ter o telemóvel em cima da secretária, de forma a poder ser rapidamente utilizado, é tentador em m... sua utilização tenha sido solicitada?

12 respostas

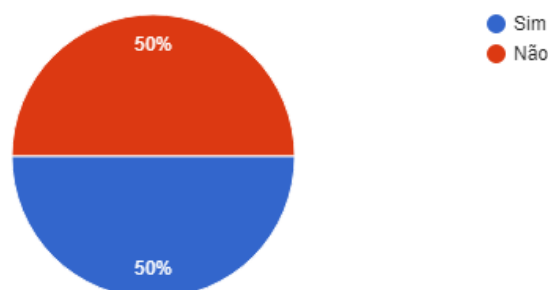


Gráfico 13 - Manuseamento do telemóvel sem que seja solicitado.

Quando questionados sobre a importância do uso do telemóvel na leção e compreensão dos conteúdos de Economia, os alunos da turma, na sua maioria, oito (66,7%), responderam que o uso do telemóvel foi bastante útil na compreensão dos conteúdos lecionados, três alunos (25%) da turma responderam que foi útil e um aluno (8,3%) afirmou que foi sempre útil a utilização do telemóvel aquando da leção dos conteúdos na disciplina de Economia, conforme verificado, no gráfico abaixo exposto.

13 - De forma geral, considera que a utilização do telemóvel, em aula, foi útil aquando da leção e compree...nteúdos da disciplina de Economia?

12 respostas

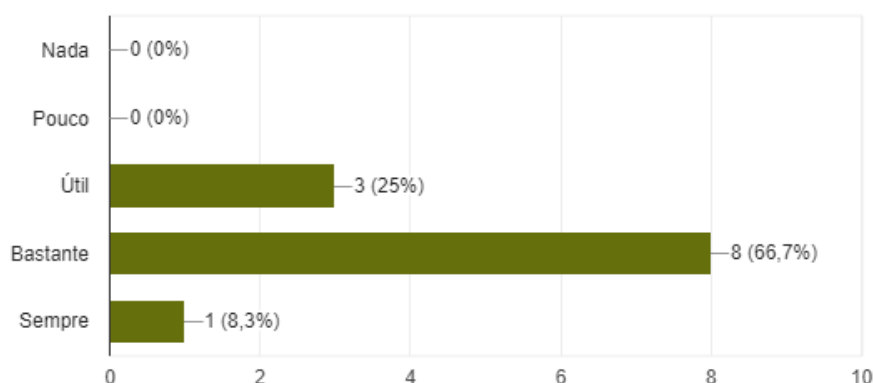


Gráfico 14 - Pertinência do uso do telemóvel nas aulas lecionadas de Economia.

Quanto à pertinência do uso do telemóvel em contexto de sala de aula, os alunos dividiram-se nas suas respostas, 41,7% das respostas dadas afirmaram que sim, o uso do telemóvel foi pertinente nas aulas de Economia; outros cinco alunos responderam que a utilização da ferramenta digital foi bastante útil; um aluno (8,3%) disse que foi sempre útil e um outro aluno (8,3%) expos que só às vezes foi útil.

14 - De uma forma global, considera pertinente o uso do telemóvel nas aulas de Economia?

12 respostas

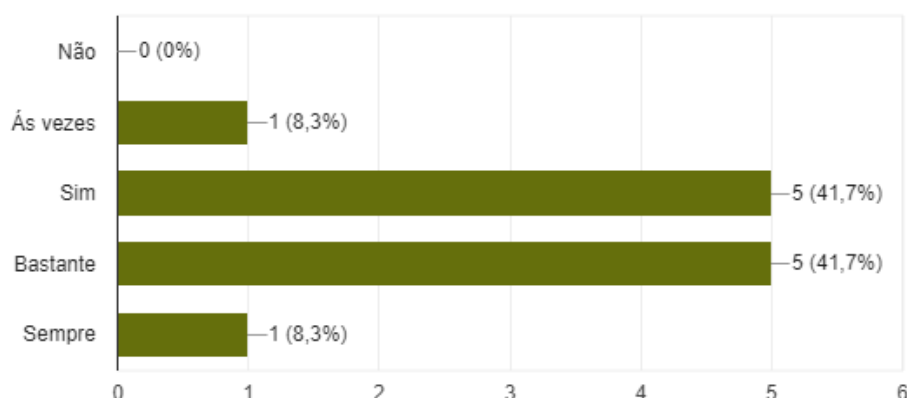


Gráfico 15 - Pertinência do uso do telemóvel nas aulas de Economia.

Quando questionados acerca da mais-valia da adoção por outros professores da utilização do telemóvel nas suas aulas, os alunos do 10.º PTC foram bem explícitos, pois na sua maioria (dez alunos a que corresponde uma percentagem de 83,3%) afirmaram que sim, querem que outros professores utilizem o telemóvel em sala de aula como ferramenta digital. Ainda houve um aluno que respondeu que não deseja que os outros professores utilizem o telemóvel como material de trabalho em sala de aula e um outro aluno (8,3%) respondeu que dependeria, mostrando indecisão quanto ao uso do telemóvel em contexto sala de aula.

15 - Gostaria que outros professores adotassem estratégias no sentido de utilizarem o telemóvel, nas suas aulas, das diferentes disciplinas?

12 respostas

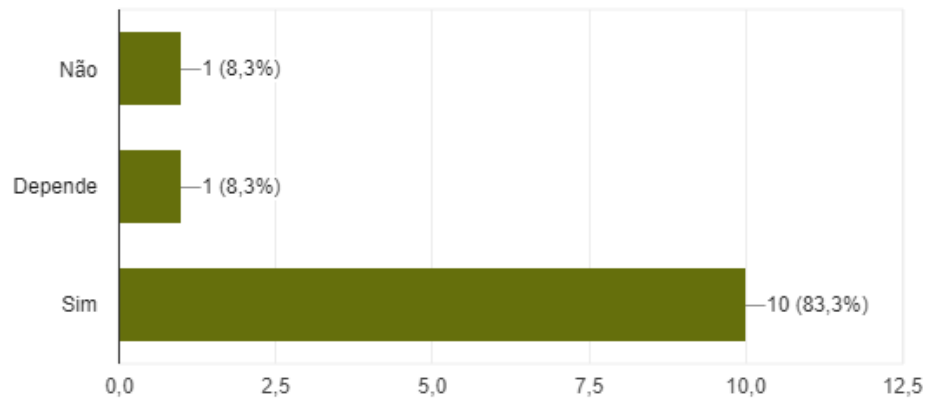


Gráfico 16 - Adoção por outros professores do uso do telemóvel como estratégia de sala de aula.

Em suma, de acordo com o que foi exposto no questionário, os alunos não têm quaisquer dificuldades em manusear o telemóvel. Regra geral, todos os alunos atribuem importância ao uso do telemóvel como instrumento digital quer nas aulas de Economia quer nas outras aulas, caso os professores adiram à utilização do telemóvel como uma ferramenta digital. Os alunos divergem nas suas opiniões quanto ao facto de serem portadores, em cima das suas secretárias, do telemóvel de forma a estar sempre disponível para utilização no decorrer das aulas de Economia.

Segundo a maioria dos alunos, o uso do telemóvel em contexto sala de aula é eficiente, sendo um instrumento facilitador de pesquisas, permitindo a fácil compreensão dos conteúdos lecionados. Entendem ainda que conseguem, regra geral, aceder à rede *Wi-fi* da escola onde estudam.

Quando questionados acerca do jogo didático *kahoot*, eram muitos os alunos que não o conheciam (41,7%). No entanto, afirmaram (100%) que, após as explicações fornecidas pela discente, foi fácil jogar nos seus telemóveis o *kahoot*, elaborado pela mestrande, bem como elaborar e, posteriormente, jogar um *kahoot*.

Este questionário foi enviado pela discente para a *e-mail* da turma e, posteriormente foi respondido, no prazo de uma semana, por todos os alunos da turma, como já foi referido. Os alunos responderam ao questionário usando os seus

telemóveis e ou computadores portáteis, como afirmaram à discente aquando da avaliação do questionário.

6.3.2. Resumo do diário de campo

Durante a Prática de Ensino Supervisionada, a discente conheceu a escola, professora e turma cooperantes. Da ESHN, leu os documentos mais relevantes (Projeto Educativo 2015-18, o Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno), conheceu as suas instalações e compreendeu a sua missão.

Com a professora cooperante, reuniu, sempre que necessário, tendo a mesma participado em toda a sua prática, de forma muito ativa e atenta. Assistiu a aulas de diferentes turmas, do ensino regular e do ensino profissional, de forma a selecionar a turma cooperante, atendendo à questão de investigação e às atividades que pretendia desenvolver com os alunos.

Após ter assistido às aulas da professora cooperante (doze aulas na sua totalidade, entre duas turmas do ensino profissional e duas turmas do ensino regular, na disciplina de Economia), decidiu, em concordância com a professora, qual seria a turma cooperante (10.º PTC), e delinearam um horário de lecionação de aulas.

Antes de começar a lecionar os conteúdos estipulados para as datas acordadas, reuniu com a professora cooperante e esta fez-lhe uma breve apresentação, quer do grupo/turma, quer de cada aluno, individualmente. Tais informações foram muito úteis, tanto na elaboração do cenário de aprendizagem, como na seleção das atividades a desenvolver com a turma do 10.º PTC.

A mestranda acredita que a sua motivação e o seu entusiasmo “contaminaram” o grupo/turma, pois todas as atividades propostas foram realizadas no tempo previsto, cumprindo criteriosamente o prazo estipulado. Foram realizadas diversas atividades, como o envio de diapositivos em *PowerPoints* pela discente aos alunos, via *e-mail*, que lhes permitiram acompanhar os conteúdos da aula em questão, com o visionamento dos mesmos, através dos seus dispositivos tecnológicos; os alunos resolveram testes interativos de consolidação dos conteúdos programáticos; jogaram, também com a aplicação *kahoot* sobre questões de escolha múltiplas elaboradas pela discente e outras criadas por eles próprios; resolveram, ainda os exercícios constantes no manual adotado pela ESHN, bem como as fichas formativas que a discente lhes

entregou, umas em papel outras projetadas no quadro (juntas em apêndice C), de forma a constatar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, no decorrer da sua leção, e averiguar a necessidade de consolidação de algum tópico ou questão.

Em todas as aulas a discente utilizou *slides* em *PowerPoint*, como ferramenta de auxílio das temáticas a lecionar. Foi utilizado, de igual modo, o manual da disciplina adotado pela escola, as aplicações interativas da Editora Leya e da Escola Virtual. O *browser* da *internet* esteve sempre ligado, de forma a que, em qualquer momento da aula, pudéssemos efetuar pesquisas, o que acabou por suceder em diversas ocasiões.

Os alunos reagiram de forma muito positiva quando lhes foi solicitada uma pesquisa no telemóvel, no Google, sobre o significado de MARL (na segunda aula lecionada). Quando a mestrande lecionou o conteúdo “O preço dos bens”, solicitou aos alunos que fizessem uma pesquisa de preços de alguns bens alimentares, listados por ela, no quadro branco, em *sites* dos hipermercados que conhecessem. Este trabalho foi desenvolvido a pares e tinha como objetivo que os alunos encontrassem a melhor opção “preço/qualidade”.

A atividade que mais motivou os alunos, e que fez com que estes aprofundassem os seus conhecimentos nos conteúdos abordados, foram os jogos pedagógicos como o *kahoot*, quer fosse a jogar ou a criar um. Segundo Correia (2016), “a utilização dos jogos pedagógicos informáticos no processo de ensino e aprendizagem [...] só pode dar certo passando pelas mãos dos professores.”

Outra tarefa que os motivou e que realizaram, afincadamente, a pares ou em trio, foi a pesquisa de pequenos vídeos sobre a inflação, no *Youtube*. O objetivo fulcral desta pesquisa (o visionamento e a avaliação dos vídeos), foi encontrar o vídeo que melhor lhes explicasse a inflação de uma forma lúdica.

Todas as aulas lecionadas, quinze no total, tiveram início com um breve resumo (oral) dos conteúdos lecionados na aula anterior. No decorrer do processo de leção das aulas, foram realizadas atividades muito diversificadas, que motivaram a mestrande e que foram assumidas como desafios que tinha como objetivo vencer. As quinze aulas, lecionadas pela discente sob a supervisão da professora cooperante, desenvolveram-se como estava planeado e os objetivos para as mesmas foram atingidos.

Os alunos, ao longo das quinze aulas lecionadas, colaboraram de forma positiva no bom desenrolar das mesmas. Estiveram atentos, foram criativos, apresentaram espírito crítico e iniciativa construtiva. Junto em apêndice E encontra-se o diário de campo quer das aulas assistidas pela discente quer das aulas lecionadas pela mesma sob a supervisão da professora cooperante.

A professora cooperante, além de me ter cedido as suas planificações (anual e de médio prazo), esteve sempre disponível para me receber, comunicar por telemóvel/mensagem/*e-mail*, esclarecendo sempre todas as questões que lhe fui colocando, sendo umas questões referentes à turma, outras referentes ou à escola, ou acerca dos conteúdos programáticos a lecionar.

PARTE III – Conclusões

O docente é responsável enquanto “detentor” de um saber, facilitador da aprendizagem, fonte de recursos para os alunos, promotor de atitudes de respeito pelos outros. O professor promove, ainda a participação dos alunos, motiva a curiosidade científica e alimenta o gosto pela pesquisa, promove a responsabilização e a autonomia (Cabrito & Oliveira, 1992).

7.1. Reflexão sobre a prática de ensino supervisionada

A Parte 3 do estudo versa sobre as reflexões e considerações finais, quer da Prática de Ensino Supervisionada na ESHN, quer sobre a investigação: “A utilização do telemóvel em sala de aula na disciplina de Economia no ensino profissional”. São ainda apresentadas as conclusões sobre o estudo desenvolvido no Mestrado em Ensino da Economia e de Contabilidade.

A mestranda afirma ter gostado imenso da Prática Supervisionada, pois pôde avaliar quer a sua experiência em contexto sala de aula, quer os seus conhecimentos de Economia. Foi, também, recebida como sendo parte integrante da turma cooperante da ESHN. Esta é uma escola dotada de infraestruturas recentes, que lhe permitiram desenvolver o seu estudo sem ter encontrado obstáculos, como por exemplo, a rede *Wi-Fi* ir abaixo. A sua localização também foi um fator facilitador, pois a mestranda trabalha a uma distância de 15 km da escola cooperante.

Um dos aspetos mais facilitadores e motivadores da Prática Supervisionada foi o facto de a professora cooperante estar sempre disponível a ajudar no que fosse necessário. A mestranda teve, ainda, o gosto enorme de estar a trabalhar com uma turma (10.º PTC), que considera ser de excelência em comportamento e dedicação ao processo de ensino-aprendizagem.

No decorrer das aulas de Didática das Ciências Sociais, unidade curricular do primeiro semestre, do primeiro ano do presente Mestrado, o Professor Doutor Tomás Patrocínio, falou-nos, por diversas vezes, no “corredor de liberdade do professor”. Esta frase transmite, na plenitude, o que entendo ser um bom professor. Assim, um bom professor acompanha os seus alunos, motivando-os na descoberta, aliciando-os a desenvolverem estratégias e utilizando os mais diversificados recursos disponíveis (didáticos ou digitais). Um bom professor deverá cativar os seus alunos, utilizando os diferentes métodos: expositivo, interrogativo, demonstrativo e ativo, conjugando-os e

alterando a forma de lecionar, mostrando dinâmica, espírito crítico, trabalho cooperativo, autonomia e respeito pelos outros. Um bom professor deverá estar sempre atualizado, pois a nossa sociedade está em constante evolução. Esta frase, desde então, faz parte integrante dos meus pensamentos e do meu trabalho, enquanto docente.

Através da elaboração deste estudo, a mestranda adquiriu conhecimentos diversificados sobre a educação, através da investigação educacional e da experiência profissional. Foi-lhe inculcado e reconheceu a importância do pensamento crítico e da reflexão sobre a prática, bem como, os significados da avaliação das aprendizagens e da gestão curricular na condução da prática letiva. Desenvolveu a criatividade, a capacidade de organização e de trabalho cooperativo. Por fim, é de realçar que desenvolveu, também, competências de comunicação e de integração das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Com este estudo, a mestranda efetuou uma compilação criteriosa dos trabalhos apresentados em sala de aula, os seus pontos fortes, mencionou literatura recomendada, apresentou a sala de aula da turma da professora cooperante, bem como a própria a lecionar a disciplina de Economia, as suas metodologias, ideias e estratégias, cumprindo, assim, os objetivos propostos para a execução do presente trabalho. Apresentou, ainda, a turma cooperante, as aulas que lecionou, através das planificações, cenário de aprendizagem, planos de aulas e reflexões quer das aulas assistidas, quer das aulas lecionadas. Nessas reflexões, expôs os pontos fortes e os pontos fracos das suas intervenções junto da turma cooperante, e das infraestruturas da sala de aula e da escola. Por último, fez uma avaliação do seu estudo.

Os alunos esforçam-se mais em ambientes cujas tarefas de aprendizagem sejam vistas como sendo agradáveis. As matérias e exemplos novos e entusiasmantes podem constituir motivações poderosas na aprendizagem dos alunos (Arends, 2008, p. 157).

7.2. Considerações finais sobre o meu estudo

[...] É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se

reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2016, p. 25).

Segundo Nóvoa (2010), a sobrevivência da profissão de docente depende da qualidade do trabalho interno nas escolas e ainda da sua capacidade de intervenção no espaço público da Educação. Desta feita, se os programas de formação de professores não incluírem esta nova realidade da profissão, os professores não responderão a uma das questões mais colocadas e um dos maiores desafios do início do século XXI. O autor defende ainda que é essencial que os professores tenham uma formação justa, adequada e proporcional à sua profissão, baseada numa combinação complexa de componentes científicas, pedagógicas e técnicas, tendo como foco principal os professores, em especial, os docentes mais experientes e reconhecidos.

Um bom professor é alguém que, além de dominar a mensagem (conteúdos) e o contexto que está por detrás dela, usa palavras adequadas para expressar conceitos difíceis, relacionamentos ou situações.

É essencial que os professores tenham uma formação justa, adequada e proporcional à sua profissão, baseada numa combinação complexa de componentes científicas, pedagógicas e técnicas, tendo como foco principal os professores, em especial, os docentes mais experientes e reconhecidos (Nóvoa, 2010). Estes devem ainda ser capazes de utilizar estratégias para desenvolverem um pensamento crítico e para resolverem problemas. Devem, ainda, ser capazes de utilizar estratégias de avaliação formativa e sumativa, de modo a assegurarem uma contínua aprendizagem pelos alunos.

Os docentes também devem ter formação em TIC. Terá de haver uma gestão de sala de aula eficaz e colaboração assertiva com os pais e os restantes membros da comunidade escolar. Por fim, os docentes são capazes de justificar o uso de determinadas metodologias e estratégias.

No Instituto de Educação, a formação dos diplomados no mestrado em ensino de Economia e Contabilidade visa que os mesmos sejam capazes de: [...] 7. Implementar estratégias conducentes à promoção das seguintes dimensões formativas: [...] Capacidade de pesquisar informação em diferentes fontes, nomeadamente as tecnologias da informação e comunicação (Curado, 2017, pp. 30,31).

O objetivo do presente estudo foi o de analisar em que medida a utilização do telemóvel enquanto ferramenta, em sala de aula, poderia ser benéfico para o processo de ensino-aprendizagem.

Os motivos de seleção deste tema, já atrás expostos, foram a alavanca para a pesquisa, seleção, aplicação e avaliação de determinadas metodologias de ensino-aprendizagem na turma cooperante. As atividades foram, todas elas, aplicadas e avaliadas. Como fator diferenciador, menciona-se o facto de a turma cooperante apresentar um comportamento muito bom, os alunos eram assíduos, pontuais, motivados e dedicados ao trabalho.

A mestranda, ao longo do Mestrado, reconheceu a importância do pensamento crítico e da reflexão sobre a prática, bem como, compreendeu os significados da avaliação das aprendizagens e da gestão curricular na condução da prática letiva. Foi desenvolvida a criatividade, a capacidade de organização e de trabalho cooperativo. Por fim, é de realçar que os mestrandos desenvolvem também competências de comunicação e de integração das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Foram usadas, nas diversas UC, múltiplas metodologias de ensino, predominantemente formativas, nomeadamente análise e discussão de textos, de artigos e de temas do programa, reflexão crítica sobre a prática profissional, realização de trabalhos de grupo e utilização das tecnologias digitais para comunicação integradas no processo de ensino-aprendizagem. Muito deste trabalho foi realizado na denominada ‘Sala do Futuro’, no Instituto da Educação (FTE-LAB). Estas aulas inspiraram a discente na utilização, de forma dinâmica, das tecnologias existentes na sala de aula (tradicional) da turma cooperante, nomeadamente, numa disposição diferenciada das secretárias na sala de aula, em pesquisas realizadas e no uso do *e-mail* no telemóvel.

Através da elaboração deste estudo, a discente adquiriu conhecimentos diversificados sobre educação, através da investigação educacional e da experiência profissional.

A mestranda considera ter alcançado os objetivos para os quais se propôs.

Este estudo deixa em aberto outras perspectivas de análise, porque as escolas têm realidades diferentes: a sua localização, no meio rural ou na cidade, no Norte ou no Sul do país, no litoral ou no interior; o número maior ou menor de alunos e docentes, com maior ou menor adaptação às TIC, quer em infraestruturas, quer em recursos. Seria interessante demonstrar como será a utilização do telemóvel em sala de aula, na disciplina de Economia no ensino profissional, numa escola secundária, num outro contexto.

Num outro estudo, poder-se-á desenvolver atividades semelhantes, numa turma cooperante, diferenciada em nível de postura e comportamento. Poder-se-á, também, avaliar novos instrumentos digitais, visto a sociedade estar em constante desenvolvimento e a todo o momento surgirem novas ferramentas.

A compreensão do espaço e a aceleração do tempo, resultantes da velocidade instantânea da comunicação e de circulação de informação, constituem o traço mais marcantes da era atual (Patrocínio, 2004, p. 101).

7.3. A importância do Mestrado em Ensino para o desempenho da docência

Hoje, a mestranda é capaz de responder, sem hesitar, a questões como qual a importância do Mestrado em Ensino da Economia e de Contabilidade, pois, este Mestrado, permitiu-lhe adquirir diferentes e vastos conhecimentos pedagógicos, didáticos, de criação e utilização de recursos, de avaliação, e contribuirá, decerto, para o seu sucesso enquanto professora a lecionar no grupo 430.

“O ensino é também uma arte baseada nas experiências dos professores e na sabedoria da prática” (Arends, 2008, p. 4).

Com este Mestrado, a mestranda adquiriu conhecimento acerca do desenvolvimento curricular: conceito, modelos, a inserção das NTIC no ensino, a abordagem curricular, o desenvolvimento de estratégias de ensino e conheceu o papel do professor, qual será o seu papel quando terminar o mestrado e ingressar na educação, como docente profissionalizada. Foi também abordada a questão da avaliação no processo ensino-aprendizagem, através dos modelos existentes e práticas de avaliação, os procedimentos e instrumentos de avaliação.

Ao longo do Mestrado, foram transmitidos aos mestrandos muitos conhecimentos como o conceito de currículo, as teorias do currículo, como se enquadra o currículo no sistema educativo português, bem como o facto de sermos capazes de argumentar e contra-argumentar acerca dos princípios curriculares do sistema educativo português e da europeização do currículo. Nas aulas abordaram-se questões como a flexibilização do currículo, o perfil do aluno, as características do bom professor, entre muitas outras questões de igual relevância e importância e permanentemente discutidas na sociedade académica.

Ao longo das aulas das diferentes UC, nos diferentes semestres, os mestrandos foram trabalhando as diferentes temáticas, todas ligadas entre si pelos temas, através de apresentações em *PowerPoint* expostas pelos professores e, ainda, através dos trabalhos (individuais e em grupo) desenvolvidos nas aulas e/ou em casa, da análise de casos práticos de situações educativas e estratégias de ensino. Este Mestrado estava, todo ele, bem estruturado e a interligação existente entre os temas, permitiu que os discentes soubessem, desde o início até à sua conclusão, o pretendido a realizar em todas as situações que lhes foram sendo propostas.

Antes do Mestrado, a mestranda era igualmente dedicada ao trabalho, dedicada aos seus alunos e à escola, no entanto, após o Mestrado, considera que enriqueceu quer a nível profissional, quer a nível pessoal. Além de ter conhecido pessoas fantásticas, professores e colegas, com realidades de vida profissional bem diferentes da sua, aprendeu imenso (em especial, em didática, pedagogia e elaboração de recursos pedagógicos e digitais) e sabe que, no futuro, será uma melhor professora com todas as competências, experiências e partilhas adquiridas com o Mestrado.

“As escolas de hoje precisam que os professores tenham um reportório de estratégias de ensino eficazes que permitam satisfazer as necessidades de cada aluno” (Arends, 2008, p. 10).

7.4. Dificuldades e desafios

As dificuldades sentidas foram inerentes ao facto de a mestranda lecionar no Ensino Privado, desde 2010. Tinha receio de enfrentar turmas do ensino público, devido às diferenças de comportamento dos alunos, motivação dos mesmos e a questão

se havia ou não empenho... A verdade??? Não existem diferenças assinaláveis. Existem jovens com características semelhantes nos dois regimes.

Arends (2008), citando Dan Rather, afirma que “O sonho começa com um professor que acredita em ti, que te empurra, te puxa e te encaminha até ao próximo nível” (p. 4).

A maior dificuldade para a mestranda foi a gestão de tempo, pois queria retirar o máximo de potencialidades das aulas e, por vezes, cria expectativas tão elevadas, que não consegue responder assertivamente a tudo. Tentou controlar a gestão de tempo nas aulas que lecionou e pensa que tenha corrido bem, pois conseguiu cumprir o que constava na planificação, em específico nos planos de aula.

Quando se fala em gestão de tempo, são múltiplos os fatores nela presentes, até o ritmo individual de cada aluno. A mestranda entende que cada plano de aula tem de conter tempo necessário para que todos os alunos possam executar as tarefas propostas, e crê ser necessário conter atividades extras, relacionadas com o tema que se estiver a tratar, de forma a manter a motivação dos alunos com ritmos mais rápidos. A gestão de sala de aula é, de facto, um dos desafios mais importantes que os professores iniciantes enfrentam (Arends, 2008).

Além dos conteúdos lecionados, a discente teve ainda de explicar e trabalhar conteúdos de NTIC, considerando pertinente a transversalidade de conteúdos entre disciplinas (neste caso, Economia, TIC e Área Projeto). Tomou como um desafio acrescido e estudou a área das TIC, para poder transmitir conhecimentos aos alunos do 10.º PTC. No fim, sentiu que o objetivo foi alcançado com sucesso.

“A gestão preventiva é a perspetiva segundo a qual muitos dos problemas da sala de aula podem ser resolvidos através de uma boa planificação, de aulas relevantes e interessantes, e de um ensino eficaz” (Arends, 2008, p. 173).

Outro aspeto, em que sentiu dificuldades acrescidas, foi o facto de ser trabalhadora-estudante, visto não dispor do tempo pretendido de dedicação ao presente estudo e ao respetivo Mestrado em Ensino da Economia e de Contabilidade. Foi difícil conciliar aulas no Instituto, a Prática de Ensino Supervisionada na ESHN, o trabalho na escola onde leciona, os trabalhos individuais e de grupo do Mestrado e a vida pessoal. Contudo, é de admitir que, quando se quer realmente algo, consegue-se alcançar, pois com dedicação, trabalho e empenho tudo se consegue!

O seu trabalho vai preencher uma grande parte da sua vida, e a única maneira de ficar realmente satisfeito é fazer o que você acredita ser um ótimo trabalho. A única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que se faz (Steve Jobs).

Referências

- ANQ, A. (2010). *Programa componente de formação técnica. Disciplina de Economia*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira. Disponível em: www.aehn.net
- Almeida, M.E.B.T.P.O (2000). *O computador na escola: contextualizando a formação de professores – praticar a teoria, refletir a prática*. São Paulo: PSCSP.
- Alonso, L. (2004). Competências Essenciais no Currículo: que práticas nas escolas? In *Saberes básicos de todos os cidadãos no Século XXI*. Universidade do Minho. 145-175.
- Antão, J. (1999). *A Comunicação na Sala de Aula*, Porto: Edições Asa.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. 7.^a Edição. Madrid. Editora MacGraw-Hill.
- Azevedo, J. (2014). *O ensino profissional em Portugal, 1989-2014: viagem da periferia para o centro das políticas educativas*. In Rodrigues, M-L- (org). 40 anos de políticas de educação em Portugal. Vol. I. Coimbra: Almedina.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação. Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.
- Boekaerts, M. (1995), Self-regulated learning: Bridging the gap between metacognitive and metamotivation theories. In *Journal of Education Psychologist*, 30, 195-200.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1991). *Investigação qualitativa em educação, Uma Introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cabrito, B. & Oliveira, M.L. (1992). *Didáctica das Ciências Económico-Sociais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castells, M. (2006). *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política*. In G. Cardoso, J. M. Pinto & J. Caraça (Coord.). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Correia, S. (2016). *Os recursos tecnológicos e os trabalhos de grupo no ensino da Área de Integração numa Escola Profissional no Alentejo*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- Costa, F., Rodriguez, C., Cruz, E. & Fradão, S. (2012). *Repensar as TIC na Educação. O Professor como Agente Transformador*. Lisboa: Santillana.
- Curado, A. P. (2017). *Economia no Secundário: Como Ensinar?* Lisboa. Chiado Editora.
- Douglas, L.; & Edgard C.J. (2006). A Aula Expositiva no Ensino da Contabilidade. *Contabilidade Vista & Revista*, 17, (3), 91-113, julio-septiembre 2006. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Eccles, Jacquelynne, S., Wigfield, A.& Schiefele, U. (1998), *Motivation to Succeed*. John Wiley & Sons Inc.
- Escudero, J. M. (2002). *Prólogo*. In M. Fullan: *Los nuevos significados del cambio en educación*. Barcelona: Octaedro. 13-17.

- Esteves, A. J. & Fleming, A. (1985). *Sociologia*, Volume I, Porto Editora.
- Fernandes, D. (2007). A avaliação das aprendizagens no Sistema Educativo Português. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 33, n. 3, 581-600, set/dez. 2007.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra. (Coleção Leitura).
- Gaspar, M. & Roldão, M. (2007). *Elementos de Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Universidade Aberta.
- González, T.G. (2001). *Didáctica de la economía en el bachillerato*. Madrid: Síntesis Educación.
- Graham, L. & Metaxas, P. (2003). “Of course it’s true: I saw it on the Internet!” – Critical Thinking in the Internet Era. *Communication of the ACM*. 46, (5). 71-75. Disponível em <http://cs.wellesley.edu/~pmetaxas/CriticalThinking.pdf>
- Marques, P. S., Silva, M. & Guedes, A. *As TIC e empreendedorismo: o papel das redes sociais*. ESTGL. Instituto Politécnico de Viseu. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.19/979>
- Matos, J.F. (2014). *Princípios orientadores para o desenho de Cenários de Aprendizagem* [Online]. Retirado de <https://drive.google.com/open?id=0Bw9y3mpURWiUFpsV2FyVkk>
- Monteiro, A., Leite, C., & Lima, L. (2012). Ensinar e aprender com tecnologias digitais no ensino superior. In Moreira J.A., Monteiro A. (org.). *Ensinar e aprender online com tecnologias digitais*. 31-44. Porto: Porto Editora.
- Morgado, J.C. & Ferreira, J. (2006). Globalização e autonomia: desafios, compromissos e congruências. In Moreira, A: Pacheco, J. (ed.) *Globalização e Educação: desafios para políticas e práticas*. Porto Editora: Porto.
- Moura, A. (2000). *Apropriação do telemóvel como ferramenta de mediação em Mobile Learning. Estudos de Casos em contexto educativo*. Universidade do Minho. Instituto da Educação. Braga.
- Neves, J. C., 1998. *Princípios da Economia Política*, Verbo, Santarém.
- Nóvoa, A. (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa. Publicações D. Quixote – IIE.
- Nóvoa, A. (1995). (Coord.). *Os professores e a sua formação*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (2010). *Formação de Professores construída dentro da Profissão, publicado na Revista da Educação do Ministério da Educação Espanhol*. Retirado de http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf
- Nóvoa, A. (2012). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Pacheco, J. A. (1996). “Teorias curriculares: políticas, lógicas e processos de regulação regional das práticas curriculares.” Conferência realizada no âmbito do Seminário “O Currículo Regional”, Terceira, Açores, 4 de setembro de 2003.

- Patrão, I. (2016). *Geração Cordão – A geração que não desliga*. Lisboa. Edição Factor – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Patrocínio, T. (2004). *Tornar-se Pessoa e Cidadão Digital. Tese de Doutoramento*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- Ponte, J.P. (1997). *As Novas Tecnologias e a Educação*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P. (2000). Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? *Revista Ibero-Americana de Educação*, (24), 63-90.
- Ponte, J.P. (2002). As TIC no início da escolaridade. In J.P. Ponte (org.), *A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico* (Cadernos da Formação de Professores, n.º 4, pp. 19-26). Porto. Porto Editora.
- Portugal (8 de janeiro de 1998). Decreto-Lei n.º 4/98, de 8 de janeiro. Diário da República N.º 6/1998, Série I-A de 1998-01-08.
- Portugal (30 de agosto de 2001). Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto. Diário da República. N.º 201/2001, Série I-A de 2001-08-30.
- Portugal (5 de julho de 2012). Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho. Diário da República. N.º 129/2012, Série I de 2012-07-05.
- Portugal (06 de julho de 2018). Decreto-Lei n.º 55/2018. Diário da República, 1.ª série – N.º 129 – 6 de julho de 2018.
- Prieto, L., M., Trevisan, M., I., & Falkembach, G., M. (junho de 2005). Uso das tecnologias digitais em atividades didáticas nas séries iniciais. (C. UFRGS, Ed.) *RENOTE – Revista novas tecnologias na educação*, 3 (1), 1-11.
- Rodrigues, A.L. (2012). *O papel das novas tecnologias para a aprendizagem autónoma e a criação de conhecimento*. Universidade de Lisboa, Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, Lisboa.
- Rodrigues, A. L. (2014). Dificuldades, Constrangimentos e Desafios na Integração das Tecnologias Digitais no Processo de Formação de Professores. In *Aprendizagem Online, Atas do III Congresso Internacional das TIC na Educação (tic EDUCA2014)*. Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Rodrigues, A. L. (2017). A formação ativa dos professores – um projeto de investigação-formação com integração das tecnologias digitais. *Investigar em Educação – IIª Série*, 6, 199-223.
- Rodríguez, G., Flores, J. & Jiménez, E. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Ajibe.
- Rodriguez, C.E. (2007). *Didática das ciências económicas*. Edição eletrónica. Texto completo em www.eumed.net/libros/2007c/322/
- Roldão, M.C. (2009). *Estratégias de Ensino – o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia. Fundação Manuel Leão.
- Ryu, H. & Parsons, D. (2009). *Innovative mobile learning: technique and technologie*. Hersey, PA: Information Science Reference.

- Sallabery, D. J., Vendruscolo, M. I. y B., Rocha, B. (2017) A eficácia dos métodos de ensino em contabilidade, *Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo*.
- Sampaio, D. (2018). *Do telemóvel para o Mundo – Pais e Adolescentes no Tempo da Internet*. Alfragide. Caminho.
- Santos, L. (2002). Auto-avaliação regulada: porquê, o quê e como? In Paulo Abrantes e Filomena Araújo (Orgs.), *Avaliação das Aprendizagens. Das concepções às práticas*. Lisboa: ME, Departamento da Educação Básica.
- Silva, B. (1998). Linhas de orientação para a integração curricular dos média. In *Actas do III Colóquio sobre questões curriculares*. 201-216. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, B. D. (2001). As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal, *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade do Minho. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/491>
- Teodoro, V. (2003), *Modellus: Learning Physics with Mathematical Modelling*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa.
- Veiga, F. H. (Coord.) (2013). *Psicologia da educação: Teoria, investigação e aplicação – Envolvimento dos alunos na escola*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Veríssimo, L. (2013). *Motivar a Escola – Sucesso Escolar, Disciplina, motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*. In Bolivar, A. (et. al), *Motivar os alunos, motivar os professores: faces de uma mesma moeda*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Wentzel, K. (2012). Commentary: Socio-Cultural Contexts, Social Competence, and Engagement at School. In S. L. Christenson, A. L. Reschly, & C. Wylie (Eds.), *Handbook of research on student engagement* (pp. 479-488). New York: Springer.

Apêndices

Apêndice A – Cenário de aprendizagem do Módulo 4

Modelo de Cenário de Aprendizagem

Este modelo pode ser usado em conjunto com as ferramentas disponibilizadas no toolset 3.1 do Kit de Ferramentas do Future classroom Lab.

Tendência(s) Relevante(s)

Anote a tendência ou tendências a que o cenário se destina a responder e se necessita(m) de se adaptar ao futuro ou abraçar o futuro indicado pela tendência. Por norma, 1 ou 2 tendências são suficientes.

Necessidade de aproximar as dinâmicas de sala de aula, muitas ainda seguindo modelos clássicos e as características das gerações atuais, em particular no que respeita ao afastamento existente entre as práticas mais tradicionais que os docentes assumem em sala de aula e as práticas sociais dos alunos.

Verifica-se a necessidade de desenvolver aulas com um carácter eminentemente prático que permitam o desenvolvimento de competências, numa perspetiva construtivista, com utilização de metodologias ativas (*active learning*) que possibilitem aos alunos fazer, criar, pensar, pesquisar e desenvolver o pensamento crítico, trabalho colaborativo e, ainda desenvolver a reflexão.

Tem como finalidade, ainda responder à tendência e exigência na sociedade contemporânea de integração das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) nos processos de ensino-aprendizagem, neste caso também com um objetivo isomórfico de transferência de competências para os futuros professores.

Qual o nível de maturidade que o cenário pretende alcançar. Este deve ser o nível acima do nível de maturidade atual do Modelo de Maturidade da Sala de Aula do Futuro.

DE: nível atual de Maturidade da Sala de Aula do Futuro	PARA: nível desejado de Maturidade da Sala de Aula do Futuro
Aluno: Nível 2 e 3 – Enriquecer Aperfeiçoar.	Aluno: Nível 3 e 4 – Enriquecer Aperfeiçoar.

Professor: Nível 4 - Expandir.	Professor: Nível 5 – Capacitar.
Objetivos de Aprendizagem e Avaliação: Nível 2 e 3 – Enriquecer e Aperfeiçoar.	Objetivos de Aprendizagem e Avaliação: Nível 4 – Expandir.
Ferramentas e Recursos: Nível 3 e 4- Aperfeiçoar e Expandir	Ferramentas e Recursos: Nível 4 – Expandir.

Breve descrição

Em que a UC e respetiva temática se inscreve este cenário? De que modo este contribui para o desenvolvimento das competências desenvolvidas na UC?

Com este módulo, módulo 4 – moeda e financiamento da atividade económica, pretende-se que os alunos caracterizem as funções da moeda e os suportes que esta tem assumido ao longo do tempo. Ainda se pretende os alunos conheçam os fatores que condicionam a formação dos preços dos bens e dos serviços, bem como a inflação.

No decorrer da leção do módulo, continuar-se-á a elencar as diversas atividades económicas, propondo-se o estudo da utilização dos rendimentos através da poupança, relacionando-a com o financiamento da atividade económica. Neste módulo, dar-se-á especial relevância ao investimento e a sua grande importância para a economia.

Objetivos de Aprendizagem

Quais são os objetivos de aprendizagem assumidos para este cenário? Como é que se relacionam com as competências que os alunos de mestrado deverão desenvolver?

Neste cenário pretende-se que os mestrados sejam capazes de:

- Caracterizar os diferentes tipos de moeda.
- Explicitar as funções da moeda.
- Relacionar as novas formas de pagamento com a evolução tecnológica.
- Explicitar fatores que influenciam a formação dos preços.

- Relacionar Índice de Preços no Consumidor (IPC) e taxa de inflação.
- Distinguir formas de cálculo da inflação.
- Explicar consequências da inflação.
- Integrar a variável tempo nas decisões sobre utilização dos rendimentos.
- Referir os destinos da poupança.
- Explicar as funções do investimento na atividade económica.
- Distinguir os diversos tipos de investimento.
- Justificar a importância económica do investimento em Investimento e Desenvolvimento (I&D) na atividade económica.
- Distinguir financiamento interno (autofinanciamento) de financiamento externo.
- Distinguir as diferentes formas de financiamento externo.
- Relacionar o crédito bancário com o financiamento externo indireto.
- Reconhecer o mercado de títulos como uma fonte de financiamento externo direto.

Papel dos Alunos

Em que tipo de atividades serão envolvidos os alunos?

Os alunos, ao longo das sessões do cenário de aprendizagem, realizarão as seguintes atividades:

- Realizar pesquisas nos seus telemóveis.
- Trabalhar em pares, de forma a desenvolver as competências de seleção de informação, espírito crítico e trabalho de grupo.
- Resolver e analisar a correção dos exercícios previstos no manual adotado pela escola, respeitantes ao módulo 4.
- Resolver a ficha formativa elaborada pela discente e junta em apêndice C.
- Jogar e elaborar jogos didáticos, nomeadamente o *kahoot*, nos seus telemóveis.
- Resolver testes interativos referentes aos conteúdos do Módulo, na plataforma Leya, da Texto Editores.

- Aceder e analisar *PowerPoints* (PPT) nos seus telemóveis, elaborados pela discente sobre os conteúdos lecionados no presente módulo, junto em apêndice C.
- Aceder e analisar os e-mails enviados pela discente para o e-mail da turma com indicações para as aulas lecionadas pela mesma.

Que tipo de competências irão essas atividades promover de acordo com o UNESCO *ICT competency framework* for teachers?

- Usar os conceitos económicos para compreender aspetos relevantes da organização económica das sociedades;
- Utilizar instrumentos económicos para conhecer a evolução da inflação e do investimento em Portugal e na União Europeia (UE);
- Pesquisa e seleção de informação referente ao módulo;
- Interpretar textos, PPT, gráficos e imagens de cariz económico;
- Gerir o tempo;
- Desenvolver a autonomia e o espírito crítico;
- Cooperar com os colegas na realização dos trabalhos a pares/grupo;
- Respeitar os outros elementos da turma, nomeadamente através da diferença de opiniões.

Papel do Professor

O que deve fazer o professor para orientar a aprendizagem e assegurar que os alunos alcancem os seus objetivos?

O/A professor/a deve:

- Analisar e discutir criticamente o texto disponibilizado e apresentado pelos alunos;
- Acompanhar as planificações, a construção de materiais e instrumentos pedagógicos;
- Planear, organizar e dar feedback dos trabalhos (a pares / em grupo) realizados pelos alunos;

- Planificar, elaborar e acompanhar a resolução de exercícios, jogos (*Kahoot*), PPT sobre os conteúdos abordados;
- Selecionar vídeos, informação e apresentá-los à turma;
- Acompanhar o processo ensino-aprendizagem de forma individual e ajustada ao tempo necessário de aprendizagem de cada aluno.

Que tipo de competências irá estas atividades promover em mim enquanto docente de acordo com o UNESCO ICT competency framework for teachers?

- Competências digitais;
- Capacidade de análise crítica;
- Responsabilidade;
- Capacidade de comunicação;
- Resiliência.

Ferramentas e Recursos

Que recursos, inclusivamente tecnológicos, serão pertinentes utilizar? De que modo serão usados?

Os principais recursos e ferramentas necessários são:

- Roteiro e calendarização das aulas e atividades;
- Programa da disciplina de Economia, dos Cursos Profissionais;
- Computador portátil e videoprojetor;
- Telemóveis (cada aluno ter o seu telemóvel nas aulas de Economia);
- Rede *Wi-Fi*;
- Manual adotado da disciplina pela escola;
- Plataforma digital da Leya;
- Aplicação digital *kahoot*.

Pessoas e lugares

Quem mais estará envolvido no cenário (outros docentes, membros da comunidade, empregadores, especialistas externos, etc.) e que papel desempenhará, cada um deles? Considere papéis não tradicionais.

As aulas serão assistidas pela professora cooperante e numa das aulas lecionadas pela discente estará presente também a professora orientadora do mestrado.

Onde terá lugar a aprendizagem: na sala de aula, na biblioteca, ao ar livre, num ambiente online?

As aulas terão lugar na sala de aula da turma do 10.º PTC e usar-se-á a comunicação via e-mail nos momentos antes e após as aulas lecionadas pela discente.

Tempos

O cenário tem uma duração prevista de 24 aulas, considerando uma turma de 12 alunos.

Incluindo uma primeira aula de introdução, apresentação do módulo e dos seus conteúdos e objetivos. Nessa aula também se fará o planeamento das aulas em que será lecionado o módulo, os trabalhos a ser realizados, os recursos a utilizar e o tipo de avaliação a aplicar.

A segunda aula será uma aula dedicada a abordagem do módulo, dos seus conceitos essenciais, da sua temática através de visionamento de pequenos vídeos e de pesquisas realizadas pelos alunos.

O desenvolvimento do módulo, dos seus conteúdos decorrerão ao longo de quinze aulas, onde serão realizados trabalhos a pares e em grupo, exercícios no manual, testes interativos, *kahoots*.

Estão previstas três aulas para consolidação dos conteúdos lecionados. Duas aulas para realização da ficha sumativa referente ao módulo sendo a mesma corrigida numa outra aula.

A última aula deste módulo será a aula de auto e heteroavaliação respeitante ao módulo 4 – A moeda e financiamento da atividade económica.

O número de aulas dependerá do número de alunos da turma e do tempo definido para cada tarefa, tendo que se ter também em consideração o tempo de debate, avaliação e *feedback* necessário depois de cada atividade.

Avaliação

Como é que as atividades desenvolvidas serão avaliadas (tipo de avaliação, instrumentos, ...)? Sobre o que se foca (objetivos, competências, ...)?

A avaliação será predominantemente formativa, focada na construção e desenvolvimento de competências, baseando-se na apresentação e discussão de trabalhos individuais, a pares ou em grupo, na resolução de exercícios, na participação e assiduidade, bem como no comportamento dos alunos.

Para efeitos de avaliação do módulo será realizada uma ficha sumativa, no final da lecionação do respetivo módulo e das aulas de consolidação dos conteúdos abordados.

Modelo TPACK

Em que medida o tipo de cenário desenvolvido se encontra em alinhamento com o Modelo TPACK? Como são consideradas articuladamente as 3 dimensões centrais?

O cenário desenvolvido está enquadrado no Modelo TPACK, visto interceder conteúdo científico, na área da disciplina de Economia, conteúdo pedagógico, através das metodologias de ensino utilizadas, e conteúdo tecnológico, pela integração de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Narrativa do Cenário de Aprendizagem

Título: MÓDULO - A MOEDA E FINANCIAMENTO DA ATIVIDADE ECONÓMICA

A narrativa do Cenário deve ser redigida para descrever a visão do ensino-aprendizagem da perspetiva do professor ou da perspetiva dos alunos. Considere-a como uma história que descreve a experiência de aprendizagem. Deve ter cerca de 500 palavras e pode descrever uma experiência de aprendizagem tão longa ou tão curta quanto se pretenda, por vezes numa só aula, mas normalmente abrangendo mais do que uma aula, como por exemplo um projeto cuja conclusão possa demorar várias aulas.

O cenário foi pensado para a disciplina de Economia, nos cursos profissionais. Este cenário segue as metodologias ativas, usando as NTIC para a execução e desenrolar das aulas.

A exposição teórica dos conceitos, temas e questões do módulo serão abordados através dos textos presentes no manual adotado pela escola, através de pequenos vídeos selecionados pela discente, de *PowerPoints* elaborados sobre os diferentes conteúdos e repartidos pelas diferentes aulas, por fichas formativas, pela resolução de testes interativos e jogos didáticos, como o *kahoot*.

Nas aulas de consolidação dos conteúdos lecionados do módulo far-se-á um esquema-síntese do módulo 4, usando para tal os quadros (três) de que a sala dispõe e de marcadores. Este esquema-síntese será elaborado pela discente participando na sua elaboração todos os alunos da turma, de forma individual, podendo consultar quer os apontamentos do caderno diário quer o manual adotado.

Os alunos serão submetidos a uma ficha sumativa, regime de avaliação exigido por lei, no entanto a percentagem maior de avaliar os alunos será a avaliação formativa.

As aulas terão um carácter mais prático que permitam o desenvolvimento de competências, numa perspetiva construtivista, com utilização de metodologias ativas (*active learning*) que possibilitem aos alunos fazer, criar, pensar e desenvolver o pensamento crítico, trabalho colaborativo e reflexão.

Tem como finalidade promover a integração das NTIC nos processos de ensino-aprendizagem. Sucintamente, este cenário pretende desenvolver as capacidades analítica, de organização, de autonomia, de trabalho cooperativo e de reflexão sobre a prática pedagógica e também promover competências de comunicação e de integração das NTIC no processo de ensino-aprendizagem, dentro e fora da sala de aula.

*Este documento faz parte do **Kit de Ferramentas da Sala de Aula do Futuro**, desenvolvido no âmbito do projeto iTEC (2010-2014) com o apoio do 7.º Programa-Quadro da Comissão Europeia. O kit de ferramentas está disponível em <http://fcl.eun.org/toolkit>*



Apêndice B – Planos de aulas lecionadas do Módulo

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia

MÓDULO 4: – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica

SUBUNIDADE: Moeda: evolução e tipos.

Aula n.º 92	22/02/2018	SUMÁRIO: Módulo 4 – A Moeda: Evolução (da troca direta à troca indireta). Tipos de moeda (moeda-mercadoria, moeda metálica, moeda-papel, papel-moeda e moeda escritural).
--------------------	-------------------	--

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
● Moeda: - Noção. - Evolução: da troca direta à troca indireta. - Tipos de moeda	- Compreender a noção de moeda. - Explicitar a evolução da moeda (da troca direta à troca indireta). - Caracterizar os tipos de moeda.	- Registrar a noção de moeda. - Analisar criticamente o vídeo sobre a moeda. - Compreender as vantagens da moeda metálica. - Identificar os diferentes tipos de moeda.	Entrada e registo de presença. Sumário. Introdução ao tema com questões sobre o que é a moeda. - Enquadramento teórico em <i>PowerPoint</i> . - Visionamento e análise “A história do dinheiro”. - Cópia dos apontamentos do <i>PowerPoint</i> para os cadernos diários. - Preenchimento de um cheque (imagem retirada da <i>internet</i>).	5 min. 3 min. 15 min. 10 min. 10 min. 7 min.	Método expositivo, interrogativo e ativo. Apresentação do <i>Powerpoint</i> . Diálogo com os alunos. Trabalho individual. Apoio pedagógico.	- Computador e <i>datashow</i> - Quadro - Manual - Caderno diário - Material de escrita - Recursos interativos Computadores ligados à <i>internet</i>	Avaliação formativa: - Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate. - Por observação direta. - Por questões colocadas oralmente pelo professor/ alunos. - Exercício de preenchimento do cheque.

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Exposição da noção de moeda.
- Visionamento e análise crítica do vídeo “A história do dinheiro”, projetado na sala de aula.
- Explicitar a evolução da moeda (da troca direta à troca indireta).
- Caracterizar os tipos de moeda.
- Consolidação dos conteúdos lecionados e cópia dos apontamentos do *PowerPoint* (elaborado pela discente e projetado na sala de aula) para os cadernos diários.
- Preenchimento de um cheque (imagem retirada da *internet*).

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é a moeda?
- Como evoluiu a moeda no mundo?
- Quais as principais vantagens da moeda metálica?
- Quais são os diferentes tipos de moeda?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia **MÓDULO 4:** – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica

SUBUNIDADE: 1 – Moeda: Funções.

Aula n.º 93 **22/02/2018** **SUMÁRIO:** Módulo 4 – As funções da moeda. Trabalho a pares: Pesquisa, seleção e visionamento de pequenos vídeos sobre a moeda (uso do telemóvel).

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>● Moeda:</p> <p>- Noção.</p> <p>- As funções da moeda (meio de pagamento, medida de valor e reserva de valor)</p>	<p>- Compreender a noção de moeda.</p> <p>- Explicitar as funções da moeda.</p> <p>- Avaliar os conhecimentos adquiridos na aula.</p>	<p>- Relembrar a noção de moeda.</p> <p>- Identificar as funções da moeda.</p> <p>- Exemplificar situações com as funções da moeda.</p> <p>- Resolver exercícios sobre as formas e funções da moeda.</p>	<p>Entrada e registo de presença. Sumário.</p> <p>- Enquadramento teórico em <i>PowerPoint</i>.</p> <p>- Resolução e correção do teste digital “Formas e funções da moeda”.</p> <p>- Resolução (oral) das questões das páginas 111 e 113 do manual.</p> <p>- Pesquisa, seleção e projeção de vídeos sobre a moeda, trabalho a pares no telemóvel.</p>	<p>5 min.</p> <p>7 min.</p> <p>8 min.</p> <p>5 min.</p> <p>25 min.</p>	<p>Método expositivo, interrogativo e ativo.</p> <p>Apresentação do <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Resolução de teste interativo.</p> <p>Resolução de exercícios (oral).</p> <p>Pesquisa no telemóvel.</p> <p>Apoio pedagógico.</p>	<p>- Computador e <i>datashow</i></p> <p>- Quadro</p> <p>- Manual</p> <p>- Caderno diário</p> <p>- Material de escrita</p> <p>- Recursos interativos</p> <p>Computadores ligados à internet</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>- Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate.</p> <p>- Por observação direta.</p> <p>- Por questões colocadas oralmente pelo professor/ alunos.</p> <p>- Teste interativo.</p> <p>- Pesquisa realizada no telemóvel.</p>

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Exposição da noção de moeda.
- Exemplificar situações com as funções da moeda.
- Resolução do texto da Leya “As formas e funções da moeda”.
- Resolução de exercícios (oralmente) do manual adotado (pp. 111 e 113).
- Pesquisa, seleção e projeção de vídeos sobre a moeda, trabalho a pares, no telemóvel.

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é a moeda?
- Quais são as funções da moeda?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia
– desmaterialização da moeda.

MÓDULO 4: – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica

SUBUNIDADE: 2. A Moeda: as novas formas de pagamento

Aula n.º 94 **26/02/2018** **SUMÁRIO:** Módulo 4 – Resumo dos conteúdos lecionados da moeda através de uma análise crítica. A desmaterialização da moeda. Leitura e interpretação do texto “O processo de desmaterialização da moeda”.

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
• A Moeda: - O processo de desmaterialização da moeda.	- Compreender a noção e a evolução da moeda. - Identificar as funções da moeda. - Explicitar o processo de desmaterialização da moeda. - Avaliar os conhecimentos	- Compreender a evolução da moeda e a sua definição. - Identificar as funções da moeda. - Explicitar o processo de desmaterialização da moeda. - Análise crítica. - Resumo.	Entrada e registo de presença. Sumário. - Visionamento do vídeo “A história do dinheiro”. - Análise crítica ao vídeo. - Elaboração de um esquema-síntese. - <i>PowerPoint</i> (desmaterialização da moeda). - Leitura, em voz alta, de um texto e interpretação do mesmo.	5 min. 5 min. 15 min. 5 min. 10 min. 10 min.	Método expositivo, interrogativo e ativo. Vídeo. Diálogo com os alunos. Resumo e esquema dos conteúdos lecionados. Explicar o processo de desmaterialização da moeda. Leitura e interpretação de um texto. Apoio pedagógico.	- Computador e <i>datashow</i> . - Quadro. - Manual. - Caderno diário. - Recursos interativos. Computadores ligados à <i>internet</i> . - Fotocópia.	Avaliação formativa: - Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate. - Por observação direta. - Por questões colocadas pelo professor. - Exercícios, leitura e interpretação de um texto.

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Visionamento do vídeo “A história do dinheiro” e análise crítica ao vídeo, enquadrando os conteúdos lecionados e resumindo-os.
- Elaboração, no quadro, de um esquema-síntese.
- Explicitação do processo de desmaterialização da moeda.
- Leitura, em voz alta, de um texto e interpretação do mesmo.

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é a moeda?
- Como é que decorreu a evolução da moeda?
- Quais são os tipos da moeda?
- Quais são as funções da moeda?
- Em que consiste o processo de desmaterialização da moeda?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia **MÓDULO 4:** – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica
desmaterialização da moeda.

SUBUNIDADE: 2. A Moeda: as novas formas de pagamento – a

Aula n.º 95 **26/02/2018** **SUMÁRIO:** Módulo 4 – Resolução e correção das atividades propostas no manual, na página 115, acerca da desmaterialização da moeda. Resolução e correção do texto interativo 2, da Leya (Economia A, 10.º). Elaboração de um Kahoot.

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>● A Moeda: (Consolidação de conteúdos)</p> <p>- A evolução.</p> <p>- Os tipos.</p> <p>- As funções.</p> <p>- A desmaterialização da moeda.</p> <p>- Fatores que influenciam a sua formação.</p>	<p>- Consolidar os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores (92.º, 93.º e 94.º).</p>	<p>- Resolução de exercícios sobre a moeda.</p> <p>- Competências digitais.</p> <p>- Espírito criativo.</p> <p>- Trabalho em equipa.</p>	<p>Entrada e registo de presença. Sumário.</p> <p>- Resolução e correção dos exercícios da p. 115 do manual (trabalho a pares/trio).</p> <p>- Resolução e correção do teste digital “A desmaterialização da moeda”.</p> <p>- Elaboração de um <i>kahoot</i> (trabalho a pares/trio).</p> <p>- Jogar os cinco <i>kahoots</i>.</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>8 min.</p> <p>10 min.</p> <p>17 min.</p>	<p>Método expositivo, interrogativo e ativo.</p> <p>Apresentação do <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Resolução de exercícios, do manual.</p> <p>Elaboração de <i>Kahoot</i>.</p> <p>Jogo de <i>Kahoot</i>, no telemóvel.</p> <p>Apoio pedagógico.</p>	<p>- Computador e <i>dashow</i></p> <p>- Quadro</p> <p>- Manual</p> <p>- Caderno diário</p> <p>- Material de escrita</p> <p>- Recursos interativos</p> <p>Computadores ligados à internet.</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>- Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate.</p> <p>- Por observação direta.</p> <p>- Por questões colocadas pelo professor.</p> <p>- Teste interativo.</p> <p>- Elaboração de <i>kahoot</i>.</p>

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Resolução e correção dos exercícios no manual (trabalho a pares/trio).
- Resolução e correção do teste digital “A desmaterialização da moeda”.
- Elaboração de um *Kahoot* (trabalho a pares/trio).
- Jogar os cinco *Kahoots*.

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é a moeda?
- Como é que decorreu a evolução da moeda?
- Quais são os tipos da moeda?
- Quais são as funções da moeda?
- Em que consiste o processo de desmaterialização da moeda?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia **MÓDULO 4:** – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica

SUBUNIDADE: 2. Preço de um bem: noção e componentes.

Aula n.º 96 **28/02/2018** **SUMÁRIO:** Módulo 4 – O preço de um bem – noção e componentes. Resolução de um teste interativo e de uma ficha formativa. Pesquisa de preços de bens em sites de hipermercados.

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>● Preço:</p> <p>- Noção.</p> <p>- Fatores que influenciam a sua formação.</p>	<p>- Compreender a noção de preço.</p> <p>- Explicitar fatores influenciadores da formação dos preços (custo de produção, mecanismo de mercado).</p> <p>- Relacionar preço de custo</p>	<p>- Registrar a noção de preço e os fatores que influenciam a formação dos preços.</p> <p>- Exemplificar fatores influenciadores dos preços.</p> <p>- Identificar preços de custo e preços de venda.</p> <p>- Resolver exercícios sobre o preço e os fatores que</p>	<p>Entrada e registo de presença. Sumário.</p> <p>Introdução ao tema com questões sobre o que é o preço dos bens.</p> <p>- Enquadramento teórico em <i>PowerPoint</i>.</p> <p>- Interpretação de um texto sobre o preço dos bens (análise crítica oral).</p> <p>- Resolução e correção do teste digital “Preço de um</p>	<p>5 min.</p> <p>3 min.</p> <p>15 min.</p> <p>8 min.</p> <p>9 min.</p>	<p>Método expositivo, interrogativo e ativo.</p> <p>Apresentação do PowerPoint.</p> <p>Resolução de exercícios.</p>	<p>- Computador e <i>datashow</i></p> <p>- Quadro de parede</p> <p>- Caderno diário</p> <p>- Material de escrita</p> <p>- Recursos interativos</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>- Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate.</p> <p>- Por observação direta.</p> <p>- Por questões colocadas oralmente pelo professor/ alunos.</p>

	e preço de venda - Avaliar os conhecimentos	influenciam o preço dos bens.	bem – noção e componentes”. - Pesquisa no telemóvel de preços, em <i>sites</i> de hipermercados (interativo, trabalho a pares).	10 min.	Pesquisa no telemóvel. Apoio pedagógico.	- Computadores ligados à <i>internet</i>	- Exercícios, do teste interativo. - Pesquisa realizada no telemóvel.
--	--	-------------------------------	--	---------	---	--	--

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Exposição da noção de preço; relacionar o preço de custo e o preço de venda; identificar e explicar os fatores que influenciam o preço.
- Leitura e interpretação de um texto acedido em www.portal-gestao.com, enviado para o *e-mail* da turma, acedido pelo telemóvel dos alunos.
- Resolução do texto da Leya “O preço de um bem – noção e componentes”.
- Pesquisa (livre) de preços, na *internet*, atendendo às indicações cedidas pela professora (*sites* de hipermercados).

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é o preço?
- Quais são os fatores que influenciam o preço?
- Qual a diferença entre o preço de custo e o preço de venda?
- Como decidir qual o melhor preço?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia **MÓDULO 4:** – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica
Consequências.

SUBUNIDADE: 3. A inflação: noção. Formas de cálculo.

Aula n.º 97 **01/03/2018** **SUMÁRIO:** Módulo 4 – A inflação: noção (inflação e deflação); as consequências da inflação. Pesquisa, seleção e visionamento de pequenos vídeos, no Youtube, sobre a inflação (trabalho a pares).

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
• A inflação: - Noção. - Formas de cálculo. - Consequências.	- Compreender a noção de inflação. - Distinguir formas de cálculo da inflação. - Explicar as consequências da inflação.	- Registrar a noção de inflação e deflação. - Identificar as formas de cálculo da inflação. - Exemplificar consequências da inflação. - Resolver exercícios sobre a inflação. - Pesquisar e seleção de vídeos sobre a inflação.	Entrada e registo de presença. Sumário. - Descarregar o <i>PowerPoint</i> , enviado por e-mail, sobre a inflação (enquadramento teórico). - Resolução e correção, a pares e trio, dos exercícios da p. 117 do manual. - Pesquisa no telemóvel de vídeos sobre a inflação, (interativo, trabalho a pares), visionamento dos mesmos e seleção do melhor vídeo.	5 min. 5 min. 10 min. 30 min.	Método expositivo, interrogativo e ativo. Apresentação do <i>PowerPoint</i> . Resolução de exercícios.	- Computador e <i>datashow</i> - Quadro de parede - Manual adotado - Caderno diário - Material de escrita - Recursos interativos	Avaliação formativa: - Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate. - Por observação direta. - Por questões colocadas oralmente pelo professor/ alunos. - Pesquisa realizada no telemóvel.

					Pesquisa no telemóvel. Apoio pedagógico.	Computadores ligados à <i>internet</i>	
--	--	--	--	--	---	--	--

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Descarregar o *PowerPoint*, enviado por *e-mail*, sobre a inflação (enquadramento teórico).
- Resolução e correção dos exercícios, do manual, referentes à inflação.
- Pesquisa no telemóvel de vídeos sobre a inflação, (interativo, trabalho a pares), visionamento dos mesmos e seleção do melhor vídeo.

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é a inflação?
- O que é a deflação?
- Quais são as formas de cálculo da inflação e como se distinguem?
- Quais são as consequências da inflação?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia **MÓDULO 4:** – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica
consequências.

SUBUNIDADE: 3. A Inflação: as formas de cálculo. As

Aula n.º 98 **01/03/2018** **SUMÁRIO:** Módulo 4 – A medida de Preços no Consumidor (o IPC); a fórmula; as taxas de variação. Resolução e correção de exercícios no manual.

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>● A inflação:</p> <p>- O Índice de Preços no Consumidor (IPC).</p> <p>- A forma de cálculo.</p> <p>- As taxas de variação.</p>	<p>- Compreender a noção de IPC.</p> <p>- Identificar a forma de cálculo do IPC.</p> <p>- Integrar a variável tempo nas decisões sobre utilização dos rendimentos.</p>	<p>- Registrar a noção de IPC e a fórmula de cálculo.</p> <p>- Identificar a fórmula de cálculo do IPC.</p> <p>- Compreender as taxas de variação.</p> <p>- Resolver exercícios no manual sobre o IPC.</p>	<p>Entrada e registo de presença. Sumário.</p> <p>Introdução ao tema com questões sobre o que é o IPC.</p> <p>- Enquadramento teórico em <i>PowerPoint</i>.</p> <p>- Resolução e correção de exercícios na p. 124 do manual.</p>	<p>5 min.</p> <p>5 min.</p> <p>25 min.</p> <p>15 min.</p>	<p>Método expositivo, interrogativo e ativo.</p> <p>Apresentação do <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Resolução de exercícios.</p> <p>Apoio pedagógico.</p>	<p>- Computador e <i>datashow</i></p> <p>- Quadro de parede</p> <p>- Manual adotado</p> <p>- Caderno diário</p> <p>- Material de escrita</p> <p>- Recursos interativos</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>- Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate.</p> <p>- Por observação direta.</p> <p>- Por questões colocadas oralmente pelo professor/ alunos.</p> <p>- Pesquisa realizada no telemóvel.</p>

						Computadores ligados à internet.	
--	--	--	--	--	--	----------------------------------	--

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Exposição da noção de preço; relacionar o preço de custo e o preço de venda; identificar e explicar os fatores que influenciam o preço.
- Leitura e interpretação de um texto acedido em www.portal-gestao.com, enviado para o e-mail da turma, acedido pelo telemóvel dos alunos.
- Resolução do texto da Leya “O preço de um bem – noção e componentes”.
- Pesquisa (livre) de preços, na *internet*, atendendo às indicações cedidas pela professora (*sites* de hipermercados).

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é o preço?
- Quais são os fatores que influenciam o preço?
- Qual a diferença entre o preço de custo e o preço de venda?
- Como decidir qual o melhor preço?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia

MÓDULO 4: – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica

SUBUNIDADE: 4. A Poupança.

Aula n.º 99 **05/03/2018** **SUMÁRIO:** Módulo 4 – A poupança: noção e destinos. A taxa da poupança. Resolução e correção dos exercícios da página 125 do manual.

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
• A Poupança: - Noção. - Os destinos da poupança.	- Compreender a noção de poupança. - Referir os destinos da poupança. - Identificar a fórmula da taxa de poupança. - Avaliar os conhecimentos adquiridos na aula.	- Registrar a noção de poupança. - Identificar os destinos da poupança. - Resolver exercícios sobre a poupança e os destinos da poupança.	Entrada e registo de presença. Sumário. - Introdução ao tema com questões sobre a poupança, através de dois vídeos. - Análise dos vídeos. - Elaboração e cópia da noção de poupança e os destinos da mesma. - Resolução dos exercícios da p. 125 do manual.	5 min. 10 min. 15 min. 10 min. 10 min.	Método expositivo, interrogativo e ativo. Vídeos. Trabalho no caderno diário. Resolução de exercícios, com recurso da calculadora do telemóvel. Apoio pedagógico.	- Computador e <i>datashow</i> - Quadro de parede - Manual adotado - Caderno diário - Material de escrita - Recursos interativos	Avaliação formativa: - Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate. - Por observação direta. - Por questões colocadas oralmente pelo professor/ alunos. - Exercícios no manual.

						Computadores ligados à <i>internet</i>	
--	--	--	--	--	--	--	--

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Visionamento de dois vídeos e análise dos mesmos, sobre a poupança e os destinos da poupança.
- Elaboração e cópia da noção de poupança e os destinos da mesma.
- Resolução dos exercícios do manual.

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é a poupança?
- Quais são os destinos da poupança?

PLANO DE AULA

CURSO: Profissional

ANO (S): 10.º

TURMA: PTC

DISCIPLINA: Economia

MÓDULO 4: – A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica

SUBUNIDADE: 4. A Poupança: noção e destinos.

Aula n.º 100

05/03/2018

SUMÁRIO: Módulo 4 – Correção dos exercícios resolvidos na aula anterior. Resolução e verificação do teste interativo “A utilização da poupança – O Consumo e a Poupança”. Conversa com os alunos sobre o uso do telemóvel nas aulas de Economia.

Conteúdos	Objetivos	Competências específicas	Atividades	Tempo	Métodos/ Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>● A poupança:</p> <p>- Noção.</p> <p>- Os destinos da poupança.</p>	<p>- Compreender a noção de poupança.</p> <p>- Referir os destinos da poupança.</p> <p>- Identificar a fórmula da taxa de poupança.</p> <p>- Avaliar os conhecimentos adquiridos na aula.</p>	<p>- Registrar a noção de poupança.</p> <p>- Identificar os destinos da poupança.</p> <p>- Correção de exercícios sobre a poupança e os destinos da poupança.</p>	<p>Entrada e registo de presença através de observação direta. Sumário.</p> <p>- Correção dos exercícios da p. 125, resolvidos na aula anterior.</p> <p>- Resolução e correção do teste digital “A utilização da poupança – o consumo e a poupança”.</p> <p>- Conversa com os alunos sobre o uso do telemóvel nas aulas de Economia.</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>10 min.</p> <p>25 min.</p>	<p>Método expositivo, interrogativo e ativo.</p> <p>Correção de exercícios.</p> <p>Teste interativo.</p> <p>Apoio pedagógico.</p>	<p>- Computador e <i>datashow</i></p> <p>- Quadro de parede</p> <p>- Manual adotado</p> <p>- Caderno diário</p> <p>- Material de escrita</p> <p>- Recursos interativos</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>- Grelha de observação de empenho, motivação e participação dos alunos no decorrer da aula e no envolvimento na resolução dos exercícios e debate.</p> <p>- Por observação direta.</p> <p>- Por questões colocadas oralmente pelo professor/ alunos.</p> <p>- Exercícios, do teste interativo (consolidação).</p>

						Computadores ligados à <i>internet</i>	
--	--	--	--	--	--	--	--

DESENVOLVIMENTO DA AULA

- Chamada.
- Sumário.
- Correção dos exercícios da p. 125, do manual, resolvidos na aula anterior.
- Resolução e correção do teste digital “A utilização da poupança – o consumo e a poupança”.
- Conversa com os alunos sobre o uso do telemóvel nas aulas de Economia.

QUESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA ORAL

- O que é a poupança?
- Quais são os destinos da poupança?

Apêndice C – Recursos e materiais didáticos

PowerPoints utilizado nas aulas lecionadas em IPP III



O comércio e distribuição



Rita Rebelo Santos

Se der coloca as partes 1, 2 e 3 a iniciar nas páginas. Os capítulos podem ficar seguidos



O comércio e distribuição

Os bens desde a sua produção ao seu consumo têm que passar por diversas etapas:

- Compra dos bens ao produtor;
- Transporte e armazenagem dos bens;
- Fracionamento e embalagem;
- Comercialização dos bens.



Rita Rebelo Santos

O comércio e distribuição

Os bens para satisfazerem as nossas necessidades têm que chegar junto dos consumidores. Seria quase impossível adquirir todos os produtos de que necessitamos diretamente do produtor.

Assim, têm que existir um **conjunto de atividades intermediárias entre a produção e o consumo**.

Essas atividades designam-se por **distribuição** e colocam os bens e serviços à disposição do consumidor.



Rita Rebelo Santos

Tipos de comércio

O comércio faz parte da distribuição. Existem dois tipos de comércio:

- **Grossista**- Este contacta diretamente com o produtor, adquire bens em grandes quantidades e concentra várias produções que por vezes se encontram dispersas.



Rita Rebelo Santos

Tipos de comércio

O comércio faz parte da distribuição. Existem dois tipos de comércio:

- **Retalhista**- Este adquire os seus produtos ao grossista (por vezes ao produtor) e coloca-os à disposição dos consumidores. É a face do produtor.



Rita Rebelo Santos

Circuitos de distribuição

São as etapas percorridas pelos bens e serviços desde o seu local de produção até chegarem ao consumidor, passando por diferentes agentes económicos com diversas funções.



Rita Rebelo Santos

Tipos de Circuitos de distribuição

Ultracurto – Quando os consumidores vão buscar diretamente os produtos ao produtor.

Produtor → Consumidor

Ex: é o caso da venda à porta da fábrica.



Rita Rebelo Santos

Tipos de Circuitos de distribuição

Curto – Entre o produtor e o consumidor apenas existe o retalhista.

Produtor → Retalhista → Consumidor

Ex: É o caso dos concessionários de automóveis.

Rita Rebelo Santos

Tipos de Circuitos de distribuição

Longo – Quando entre o produtor e o consumidor existem dois ou mais intermediários.

Produtor → **Grossista** → **Retalhista** → **Consumidor**

Rita Rebelo Santos

O comércio e distribuição



Profissional Técnico de Comércio 10.º
2017-18

Tipos de Comércio



Profissional Técnico de Comércio 10.º
2017-18

Independente Tipos de Comércio

Normalmente constituído por empresas familiares, de dimensões pequenas, empregando um n.º reduzido de trabalhadores.

Encontra-se nos centros habitacionais, junto aos consumidores ou pequenos centros urbanos.

Ex: minimercados, lojas de roupa, etc.



Profissional Técnico de Comércio 10.º
2017-18

Tipos de Comércio



Independente



Retalho de proximidade

Retalho especializado

Retalho não sedentário/ ambulante



Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Integrado/organizado



É de grande dimensão, reunindo as funções grossistas e retalhistas, explorando cadeias de venda, identificadas pela mesma insígnia e aplicando políticas comuns de gestão.

Ex: Pingo Doce, Worten.



Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Integrado (ou organizado)

Grandes armazéns – num mesmo edifício coloca-se à disposição do consumidor, diversas categorias de produtos, arrumados em seções.

Ex: El Corte Inglés.



Rita Rebelo Santos

Tipo de comércio integrado

Comércio Integrado/organizado				
Grandes Armazéns	Armazéns Populares	Grandes Superfícies Generalistas	Grandes superfícies Generalizadas	Franchising
				

Tipos de Comércio

Integrado (ou organizado)

Armazéns populares – versão menos sofisticada dos grandes armazéns, dirigida a clientes com menor poder de compra. Apresentam uma menor diversidade de produtos.

Ex: minipreço.



Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Integrado (ou organizado)

Grandes Superfícies generalistas – são lojas de grande dimensão, oferecendo uma grande diversidade de bens, principalmente alimentares e de higiene.

Ex: Jumbo.



Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Integrado (ou organizado)

Grandes superfícies especializadas- de grande dimensão mas dirigidas a uma mesma espécie de produto.

Ex: Fnac.



Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Integrado (ou organizado)

Franchising – empresas que mantêm a independência jurídica e financeira mas estão ligadas à empresa-mãe por políticas de gestão comuns.

Ex: Benetton.

UNITED COLORS
OF BENETTON.

Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Associado

É um tipo de comércio cooperativo onde empresas mantêm a sua independência jurídica associando uma ou várias atividades para conseguirem competir com o comércio integrado.

Ex: Cooperativa Grula.



Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Associado



Vantagens:

- Centralização das compras;
- Liberdade de compra dos aderentes;
- Possibilidade de os aderentes saírem a qualquer momento;
- A remuneração dos aderentes é feita em função dos montantes de compras.

Rita Rebelo Santos

Tipos de Comércio

Exercícios

1. Leia o texto.

O setor do retalho (alimentar e não alimentar) registou um desempenho positivo no primeiro semestre de 2017, com um crescimento de 3,8% face ao período homólogo.

No retalho não alimentar, as categorias equipamentos de telecomunicações e grandes eletrodomésticos foram as que mais cresceram neste segmento (17,1% e 10,1%, respetivamente).

Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição, outubro de 2017

- 1.1 Explícite o significado de «setor do retalho», apresentando dois exemplos.
- 1.2 Pode afirmar-se que a Distribuição em Portugal, no período referido, reflete um clima de maior confiança dos consumidores na recuperação económica do país? Justifique a sua resposta.

Rita Rebelo Santos

Comércio e distribuição

Jogo

Entra em Kahoot.it

Rita Rebelo Santos

O comércio e distribuição



Rita Rebelo Santos

Métodos de venda

Nem sempre o ponto de venda é um local físico onde vendedor e consumidor se encontram para consumir o ato de venda.

Existem diversos métodos de venda.

Rita Rebelo Santos

Métodos de venda

As novas tecnologias têm desempenhado um papel muito importante na evolução dos métodos de venda, nomeadamente na venda à distância ou venda sem loja.

Rita Rebelo Santos

Métodos de venda

Modalidades:

- Marketing direto;
- Venda automática (ou vending);
- Comércio eletrónico (ou cibervenda);
- Venda direta.

Rita Rebelo Santos

Métodos de venda

Marketing Direto

Modalidade de distribuição pela qual os produtos são divulgados e apresentados através de meios como o telefone, o correio, a televisão ou um catálogo, como acontece, por exemplo, com as vendas por catálogo como da La Redoute ou as televendas.

LA REDOUTE



Rita Rebelo Santos

Métodos de venda

Venda automática

Venda através de equipamentos automáticos.



Rita Rebelo Santos

Métodos de venda

Venda direta (ou porta a porta)

Existe o contacto direto entre vendedor e comprador, mas não no ponto de venda mas sim no domicílio do cliente ou no local de trabalho.



Rita Rebelo Santos



Métodos de venda

Cibervenda

Venda através de internet.



Rita Rebelo Santos

O processo de venda - Etapas

- ❖ Acolhimento dos clientes
- ❖ Criação de uma relação de confiança
- ❖ Levantamento das necessidades do cliente
- ❖ Apresentação do produto
- ❖ Tentativa de fecho e fecho de venda.

Rita Rebelo Santos

O processo de venda - Etapas

Acolhimento do cliente

Numa primeira fase, o cliente é acolhido no ponto de venda. Este acolhimento deve ser feito tendo em atenção o tipo de negócio de que se trata.

Ex: Num stand de automóveis de gama elevada, os clientes, geralmente consideram o atendimento personalizado essencial para a concretização da venda.

Ex: Num hipermercado, os clientes deverão valorizar a rapidez no atendimento.

Rita Rebelo Santos

O processo de venda - Etapas

Criação de uma relação de confiança

A receção ao cliente deve efetuar-se de acordo com a estratégia da empresa, mas sempre de modo a permitir criar uma relação de confiança.

Rita Rebelo Santos

O processo de venda - Etapas

Levantamento das necessidades do cliente

O vendedor deverá ser capaz de escutar ativamente o seu cliente e procurar apurar quais as suas necessidades, pois o processo de decisão de compra inicia-se quando o cliente toma consciência que tem uma determinada necessidade.

Rita Rebelo Santos

O processo de venda - Etapas

Apresentação do produto

O vendedor deve apresentar os produtos que poderão interessar ao cliente, esclarecendo todas as dúvidas que este possa ter e fornecendo toda a informação pertinente. Nesta etapa, o vendedor deverá expor as características/qualidades do produto, de forma a despertar o interesse no cliente. E fornecer as informações sobre preços e formas de pagamento.

Rita Rebelo Santos

O processo de venda - Etapas

Tentativa de fecho/fecho de venda

Depois de percorridas as etapas anteriores, segue-se a etapa de tentativa de fecho, ou seja, o momento em que o cliente toma a decisão de aquisição. A etapa final é o fecho da venda que ocorre com o processo de pagamento.

Rita Rebelo Santos

O processo de venda - Etapas

Reclamação ou assistência pós-venda

Numa fase pós-venda, é importante dar atenção às eventuais reclamações que possam ocorrer e, nos casos em que é possível, também é aconselhável efetuar um contacto com o cliente de modo a determinar o seu grau de satisfação em relação ao produto adquirido.

Rita Rebelo Santos

Módulo 4

Moeda e financiamento da atividade económica

Rita Rebelo Santos

Moeda e financiamento da atividade económica

Moeda: noção e funções

A moeda é um bem de aceitação generalizada que expressa o valor dos bens e serviços.



https://www.youtube.com/watch?v=Ifp_fqTnJ20

Da troca direta à troca indireta



As primeiras trocas, nas sociedades primitivas, assumiram uma forma muito simples, a troca direta.

A troca direta consiste na troca de um bem diretamente por outro bem.

Inconveniente da troca direta

- dupla coincidência de desejos;
- atribuição de valor aos bens;
- elevado número de transações;
- fracionamento dos bens;
- transporte dos bens.

Moeda e financiamento da atividade económica

Da troca direta à troca indireta

Os inconvenientes da **troca direta** foram ultrapassados com a introdução de um intermediário na troca – a moeda.

Passou-se assim à **troca indireta**.

A troca indireta permitiu a separação da operação de troca em duas fases: a compra e a venda.

Inconvenientes da moeda-mercadoria

- era utilizada para fins não monetários;
- era difícil de dividi-la em pequenas parcelas;
- o seu transporte constituía, por vezes, um obstáculo;
- era difícil guardá-la no tempo.

Inicialmente a moeda assumiu a forma de moeda-mercadoria, pois eram utilizados bens como intermediários nas trocas

Da troca direta à troca indireta

Os inconvenientes da moeda-mercadoria foram ultrapassados com a introdução dos metais como moeda. A moeda passou assim à fase de **moeda metálica**.



Vantagens da moeda metálica

- Era facilmente divisível em pequenas parcelas;
- Não se deteriorava, pois apresentava grande durabilidade;
- O seu transporte era fácil e cómodo;
- Era aceite por todos e em qualquer momento;
- Era difícil de falsificar, devido ao seu elevado valor, mesmo em pequenas parcelas;
- Tinha uma baixa procura para fins não monetários;
- Ser rara e escassa, pois tratava-se de um metal precioso.

Evolução da moeda

Moeda metálica

- Moeda pesada
- Moeda contada
- Moeda cunhada

Papel moeda

- inconvertível
- de curso forçado
- fiduciária

Com a letra de câmbio, a moeda passou a assumir um suporte em papel, sendo designada por moeda-papel.

A **moeda-papel** era uma moeda **representativa** do ouro e da prata depositados previamente e era **convertível** nesses metais.



A **moeda escritural** traduz-se em inscrições contabilísticas realizadas pelos bancos nas contas dos seus clientes que previamente constituíram um depósito à ordem.

A moeda escritural pode ser movimentada através de cheques, de cartões de débito ou de crédito ou ainda de transferências, através do *homebanking*.



Funções da moeda

- **unidade de conta ou medida de valor**, pois é em moeda que se expressa o valor dos bens e serviços;
- **meio de pagamento**, pois, sendo aceite por todos, a moeda permite adquirir os bens e serviços;
- **reserva de valor**, pois é possível guardar moeda com vista a adquirir bens e serviços no futuro.

Consolidação dos conteúdos das aulas 92 e 93

A moeda

- Resolução do TESTE Interativo DA LEYA “Formas e funções da moeda”
- Atividade das pp. 111 e 113 do manual adotado.
- Preenchimento de um cheque (simulação).



PowerPoint utilizado nas duas aulas lecionadas em IPP IV no dia 26 de fevereiro de 2018 (10h40-11h30; 11h40-12h30).



Módulo 4

Moeda e financiamento da atividade económica



Aulas n.º 94 e 95

Rita Rebelo Santos

A Moeda – Revisões dos conteúdos

Visionamento, pela segunda vez, e análise crítica do vídeo “A História do Dinheiro”, de forma a resumir e comentar os conteúdos, lecionados nas aulas anteriores.

https://www.youtube.com/watch?v=Ifp_fqTnJ20

Desmaterialização da moeda

O processo de **desmaterialização da moeda** consiste na perda do seu *suporte físico* inicial – o ouro ou a prata.

A passagem da moeda-papel ao papel-moeda, em que a moeda perde a sua convertibilidade em metal precioso, mostra bem o processo de desmaterialização por que foi passando.

Desmaterialização da moeda

Este processo de desmaterialização foi acentuado com a criação da moeda escritural, pois, através de simples jogos de escrita, passou a ser possível efetuar as mais variadas transações sem qualquer intervenção física de moeda.



Desmaterialização da moeda

Desmaterialização da Moeda

- É a separação gradual da moeda do seu suporte físico;
- Este processo foi acentuado com a moeda escritural.



Desmaterialização da moeda

Moeda Electrónica

• Resulta da utilização de cartões informatizados em máquinas postas pelos bancos à disposição dos seus clientes em vários locais, dentro e fora das suas instalações, como seja na rua, nos centros comerciais, etc. Deste modo, o possuidor de um desses cartões, Cartão Multibanco, poderá em qualquer dia e hora ter acesso à sua conta bancária.



Desmaterialização da moeda

O processo de desmaterialização da moeda

A moeda assumiu formas crescentemente virtuais: da consagração da base de papel (a nota de banco, assistida por moedas subsidiárias de metais menos ricos do que ouro) passou-se à moeda assente nos depósitos bancários mobilizados por cheque e por transferências bancárias – a moeda escritural. Nas últimas décadas, o advento da informática levou a consolidar aspetos imateriais das formas monetárias. Desenvolveram-se os cartões de crédito e de débito, modalidades em que o utente faz as suas aquisições com dispensa de utilização de cheque ou numerário. Passa-se a formas cada vez mais imateriais: são criadas «moedas inteligentes», que incorporam um microprocessador suscetível de armazenar toda uma série de informações.

Estamos, sem dúvida, no limiar da era da moeda eletrónica que constitui o último estágio de um longo processo de desmaterialização das formas monetárias.

Adaptado de: Prof. Doutor Paulo de Pitta e Cunha, www.oa.pt (consultado em dezembro de 2012)

Desmaterialização da moeda

Teste n.º 2 da Leya

https://20.leya.com/catalogs/index.html#product_catalogs/38de3e76-46af-46f2-9f64-0010f8a15908/entries/99aea090-aa84-48db-9bc3-22542b70b4f1/resources/d86710eb-bbed-4e32-883b-ff186eaae6c7/collection

Desmaterialização da moeda

Exercícios

- Resolver as questões, a pares, presentes na página 115;
- Responde:
 - Justifica a afirmação:
"A moeda fiduciária constituía um risco para os depositantes".
 - Um cheque e um cartão de débito (multibanco) são moeda escritural? Justifica a resposta.
- Desenha, no teu caderno, a tabela que consta no quadro e preenche-a.

A moeda

Elabora um kahoot sobre a moeda com 5 perguntas e 5 respostas.

PowerPoint utilizado na aula lecionada em IPP IV no dia 28 de fevereiro de 2018 (8h30-9h20).



Módulo 4

Moeda e Financiamento da Atividade Económica



Rita Rebelo Santos

O preço de um bem: noção e componentes

O **preço de um bem** corresponde à quantidade de moeda que é necessário despendar para se poder obter um determinado bem ou serviço.

Preço de custo e preço de venda

O **preço de custo** é aquele que as empresas produtoras pagam pelas matérias-primas que adquirem e os salários devidos aos trabalhadores, por cada unidade produzida.

O **preço de venda** é aquele que o produtor estabelecerá, para cada produto, que será superior ao preço de custo verificado.

A margem de lucro

A diferença entre o preço de venda e o preço de custo constitui a margem de lucro.

Exercício

Explica, do ponto de vista económico, a seguinte situação:

“O preço dos bilhetes para um concerto de um cantor mundialmente conhecido é superior ao dos bilhetes para um concerto de um artista menos conhecido.”

Fatores explicativos da formação do preço dos bens

- Os custos de produção;
- Custos do fator trabalho;
- O número de compradores e de vendedores.

Ficha Formativa**Módulo 4: A Moeda e o Financiamento da Atividade Económica**

“Definimos preço como a ‘contrapartida, em valor monetário, de um produto’. E dizemos que um produto é caro quando o consumidor não dá valor aos benefícios oferecidos por esse produto e, pelo contrário, dizemos que um produto é barato quando o consumidor valoriza mais esses benefícios do que a contrapartida monetária ou quando considera existirem disponíveis os mesmos benefícios a um valor monetário inferior.

De qualquer modo, devemos considerar que o consumidor não compra produtos, compra benefícios, ou seja, o produto é apenas a forma que ele encontra para satisfazer determinadas necessidades, portanto de acordo com os benefícios que o produto lhe oferece. [...]

Ficha Formativa

O preço de venda de um produto deve ser fixado em função do valor que o consumidor atribui aos benefícios gerados pelo consumo de determinado produto. [...] Assim, e como um produto vale (valor monetário) pelos benefícios que propicia ao consumidor, benefícios esses que se transformam em vantagens, quando o consumidor as identifica e reconhece, quanto maior for o número de vantagens que o produto oferece ao consumidor maior poderá ser o seu valor monetário.

[...] Quando falamos em benefícios e vantagens, convém referir que se trata não apenas de dados objetivos (melhor aço, melhor plástico ou melhor pele, por exemplo) mas sim de uma série de fatores subjetivos, em que figuram vantagens associadas à exclusividade do produto, à imagem que o consumo do mesmo sugere, à moda e ao prestígio, por exemplo.

Ficha Formativa

Só deste modo podemos explicar os diversos fenómenos que ocorrem com esta componente do *marketing mix*. O mesmo produto, que tem um custo à porta da fábrica de €10, pode ser vendido a €2000 ou mais, por ser portador de um *logo*, de um emblema ou de uma marca de exclusividade.

Enquanto num segmento o produto é promovido como o 'sapato que lhe oferece mais conforto' e vendido a preços de uns sapatos de boa qualidade, no segundo não é promovido como sapato, mas apenas como um produto da casa XPTO, o que lhe confere, de imediato, um valor (preço) dez vezes superior".

In www.portal-gestao.com, acedido em janeiro de 2013

Ficha Formativa

Questões a abordar:

- ✓ Comentar o primeiro parágrafo do texto, tendo em atenção a noção de preço de um bem.
- ✓ Comentar o terceiro parágrafo do texto, explicando a importância da utilidade que os consumidores conferem aos bens.
- ✓ Esclarecer como os custos de produção interferem na formação dos preços dos bens.
- ✓ Explicar o sentido do último parágrafo do texto.
- ✓ Indicar de que forma a intervenção do Estado pode contribuir para a definição dos preços dos bens.

PowerPoint utilizado nas duas aulas lecionadas em IPP IV no dia 01 de março de 2018 (8h30-9h20; 9h30-10h20).



Módulo 4

Moeda e financiamento da atividade económica



Aulas n.º 97 e 98

Rita Rebelo Santos

A Inflação

Visionamento, pela segunda vez, e análise crítica do vídeo “A História do Dinheiro”, de forma a resumir e comentar os conteúdos, lecionados nas aulas anteriores.

https://www.youtube.com/watch?v=Ifp_fqTnJ20

PowerPoint utilizado nas duas aulas lecionadas em IPP IV no dia 05 de março de 2018 (10h40-11h30; 11h40-12h30).



Módulo 4

Moeda e financiamento da atividade económica



Aulas n.º 99 e 100

Rita Rebelo Santos

A Poupança

Visionamento e análise crítica do vídeo “A poupança”, de introdução tema.

http://www.rtp.pt/noticias/economia/dia-da-poupanca_v494567

Apêndice D – Questionário

Link de acesso ao questionário sobre a utilização dos telemóveis em sala de aula. <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdtblMYq4RjpdQLnUo7KLCtdwMI3iIErYEEhBDE7M13PdGg/viewform?c=0&w=1>

Avaliação do uso do telemóvel nas aulas de Economia

Este questionário tem como objetivo avaliar a motivação para o uso do telemóvel nas aulas de Economia, bem como, a própria utilização e a utilidade do uso dessa ferramenta tecnológica.

O questionário é anónimo e destina-se, exclusivamente para efeitos de um estudo de investigação.

***Obrigatório**

- Por favor, assinale uma das opções em cada questão.

Sexo: *

Masculino

Feminino

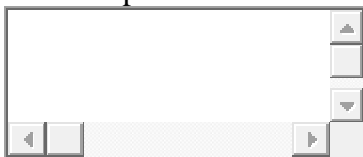
1 - Tem alguma dificuldade em manusear o seu telemóvel?

Sim

Não

1.1 - Se respondeu sim, explicite qual.

A sua resposta

A rectangular text input field with a light gray border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically, likely for expanding the text area. At the bottom left, there are two small square buttons, likely for undo and redo actions. A horizontal scroll bar is visible at the bottom of the input area.

2 - Considera que o uso do telemóvel pode dinamizar as aulas de Economia? *

Nunca

Às vezes

Sim

Muito

Sempre

3 - Costuma usar o telemóvel em sala de aula, mesmo sem autorização do(a) professor(a)? *

Nunca

Às vezes

Sim

Muito

Sempre

4 - O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial o uso do telemóvel, poderá diminuir ainda mais a distância entre professores e a nova geração tecnológica de estudantes? *

Não

Depende

Sim

4.1 - Se respondeu depende. Explícite. Depende de quê?

A sua resposta

5 - É fácil entender e executar as orientações dadas pela professora para a uso do telemóvel nas aulas de Economia? *

Nunca

Às vezes

Sim

Muito

Sempre

6 - Já conhecia o jogo Kahoot? *

Sim

Não

7 - Após a explicação concedida pela professora, foi fácil jogar Kahoot através do telemóvel? *

Sim

Não

8 - Através das explicações dadas pela professora foi fácil elaborar um Kahoot com os conteúdos da disciplina? *

Sim

Não

9 - Em relação às pesquisas solicitadas pela professora, o uso do telemóvel permitiu uma maior eficiência (rapidez de resposta e de domínio dos conteúdos)? *

Nunca

Às vezes

Sim

Muito

Sempre

10 - O acesso à Internet foi possível pela "Wifi" da escola? *

Nunca

Às vezes

Sim

Muito

Sempre

11 - Gosta da ideia de ter sempre disponível o telemóvel para o desenrolar das aulas de Economia? *

Não

Depende

Sim

11.1 - Se respondeu depende. Explícite. Depende de quê?

A sua resposta

12 - O facto de ter o telemóvel em cima da secretária, de forma a poder ser rapidamente utilizado, é tentador em mexer nele noutros momentos da aula, sem que a sua utilização tenha sido solicitada? *

Sim

Não

13 - De forma geral, considera que a utilização do telemóvel, em aula, foi útil aquando da leção e compreensão dos conteúdos da disciplina de Economia? *

Nada

Pouco

Útil

Bastante

Sempre

14 - De uma forma global, considera pertinente o uso do telemóvel nas aulas de Economia? *

Não

Às vezes

Sim

Bastante

Sempre

15 - Gostaria que outros professores adotassem estratégias no sentido de utilizarem o telemóvel, nas suas aulas, das diferentes disciplinas? *

Não

Depende

Sim

15.1 - Se respondeu depende. Explícite. Depende de quê?

A sua resposta



SUBMETER

Apêndice E – Diário de Campo

Diário de Campo (IPP III e IPP IV)

O primeiro contacto (presencial) da mestranda com a professora cooperante foi no dia treze de outubro de 2017, em que se encontraram na ESHN, numa das salas de professores. As professoras trocaram os respetivos horários de docentes, de forma a facilitar a marcação de observação e lecionação de aulas pela mestranda. Ainda nesse dia, via *e-mail*, a professora cooperante aceitou a proposta da mestranda em relação às datas e turmas para assistir às suas aulas. A mestranda iniciou a observação de aulas no dia 25 de outubro de 2017.

A mestranda lecionou seis aulas, no decorrer de IPP III, na turma 10.º PTC, na disciplina de Economia, assistidas pela professora cooperante. Cada aula teve a duração de cinquenta minutos. A aula do dia vinte e nove de novembro foi assistida, também, pela professora orientadora do mestrado.

Data:23/11/2017 Hora:8h30/9h20 Turma: 10.ºPTC Sala: A506	Descrição	Reflexão
	A professora entrou com a professora cooperante na sala de aula, seguidas dos alunos da turma. A professora fez a chamada, estavam os doze alunos presentes. Faltavam dois alunos, Andreia e Leandro, que já desistiram desta área e de estudar no ensino diurno. A lição foi a número 46. A professora escreveu o sumário no quadro referente às duas aulas (n.º 46 e 47), visto ir lecionar as duas e serem apenas interrompidas por um intervalo de dez minutos (desta forma, seguindo o exemplo da professora cooperante). Sumário: O comércio e a distribuição. tipos de comércio. tipos de circuitos de distribuição. Resolução e correção de exercícios. Iniciou-se a aula fazendo uma abordagem aos conteúdos a lecionar, colocando questões orais de enquadramento e contextualização do tema. Posteriormente, foi projetado um <i>PowerPoint</i> (que se junta como apêndice 1). A professora fez esquemas no quadro e os alunos copiaram os apontamentos e esquemas para os cadernos diários.	A professora entrou na sala expectante e um pouco nervosa. Afinal, estava perante uma nova abordagem: dar a primeira aula com uma professora a assistir e a avaliá-la e, também, por se tratar de uma turma do ensino profissional, realidade muito diferente daquela a que se habituou, pois sempre lecionou no ensino regular. Assim, que começou a falar... esqueceu tudo o resto e o nervosismo passou. Adora lecionar, de estar em contacto com crianças e jovens. A aula correu bem, tendo alcançado os objetivos estipulados no plano da aula.

<p>A aula correu sem sobressaltos. Os alunos mostraram-se bastante participativos, empenhados e motivados para a aprendizagem.</p> <p>Tocou para a saída. “Continuaremos daqui a dez minutos!”, afirmou a professora e os alunos saíram para o intervalo.</p>		
<p>Data: 23/11/2017</p> <p>Hora: 9h30/10h20</p> <p>Turma: 10.ºPTC</p> <p>Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>Tocou para a entrada. Estavam as professoras na sala de aula e os alunos entraram. A professora fez novamente a chamada (uma forma de decorar os nomes dos alunos, pois pela moldura humana presente na sala, rapidamente constatou que estavam todos presentes). Repetiu o sumário e fez um breve resumo (oral) do que tinham realizado na aula anterior. Seguiram o previsto no sumário, tendo como suporte o <i>PowerPoint</i> (Apêndice C), os quadros brancos e marcadores (utilizou quatro cores para melhor identificar os esquemas feitos), o manual da disciplina de Economia (que a professora cooperante havia facultado para tirar fotocópias das páginas referentes ao conteúdo em causa), e ainda os cadernos diários dos alunos.</p> <p>Resolveram vários exercícios que constam do manual adotado. A professora questionou os alunos se todos tinham telemóvel e se o acesso à <i>internet</i> era rápido na escola. Responderam afirmativamente a ambas as questões, à exceção de um aluno que tem telemóvel antigo sem acesso à <i>internet</i> (a colega de secretária rapidamente se voluntariou para realizarem as tarefas em conjunto) e, como tal, pediu-lhes que efetuassem uma pesquisa no Google: “O que significa MARL?”. Foram rápidos, pesquisaram, responderam e voltaram a guardar o telemóvel, uns na mala, outros na mochila e outros deixaram-nos em cima da secretária.</p> <p>Para finalizar a aula, e em jeito de avaliação formativa dos conteúdos lecionados, a mestranda convidou um aluno, tendo uma aluna se oferecido, para fazer, em conjunto, um teste interativo da Leya, referente aos tipos de comércio. Projetou o teste, a aluna passou as</p>		<p>A segunda aula decorreu de forma positiva.</p> <p>A sugestão de pesquisa no Google foi muito bem aceite e rapidamente respondida de forma acertada, proporcionando o cumprimento dos objetivos delineados com a respetiva atividade.</p> <p>A resolução e correção do teste interativo da Leya foi adequado e ajustado aos conteúdos lecionados na primeira e segunda aula lecionadas.</p>

<p>questões, tendo os alunos respondido acertadamente a todas as questões, como verificaram, em conjunto, no final com os dados da correção. Tocou para a saída. Os alunos saíram. A mestranda apagou o quadro, desligou e arrumou o computador portátil, desligou o projetor e despediu-se da professora cooperante.</p>		
<p>Data:27/11/2017 Hora:10h40/11h30 Turma: 10.ºPTC Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>As terceira e quarta aulas tiveram como sumário: os tipos de comércio: independente, integrado e associado. Resolução e correção de exercícios. Jogo didático: <i>kahoot</i> “comércio e distribuição”.</p> <p>A mestranda escreveu o sumário no quadro, enquanto os alunos entravam e se sentavam nos seus lugares (sempre nos mesmos). Fez a chamada e, enquanto eles passavam o sumário das lições números 48 e 49 para os cadernos diários, deslocou-se pela sala de forma a verificar os cadernos diários. Pôde constatar que, na sua maioria são organizados, apresentando cadernos limpos, bem organizados e aprazíveis para quem os vê/lê. Estavam presentes os doze alunos. A discente colocou questões referentes à matéria lecionada na aula anterior de forma a realizar o enquadramento e contextualização dos conteúdos a lecionar. Projetou um <i>PowerPoint</i> com os conteúdos das aulas números 3 e 4 (junto como apêndice C). Expôs os conceitos, deu exemplos e pediu aos alunos para participarem ativamente na aula, dando exemplos diferentes dos tipos de comércio. Tocou para a saída. Disse à turma que podia sair e que, na próxima aula, precisariam dos telemóveis.</p>		
<p>Data:27/11/2017 Hora:11h40/12h30 Turma: 10.ºPTC Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>

<p>Os alunos entraram na sala, assim que deu o toque de entrada. Perguntaram à mestranda se iam usar mesmo os telemóveis para jogar, ao que respondeu afirmativamente. Estavam realmente entusiasmados com a ideia de jogar em aula.</p> <p>A discente verificou se estavam todos presentes e constatou que um aluno estava a faltar por motivos de indisposição física (na primeira hora de aula ele já não se estava a sentir muito bem, com dores de cabeça), tendo ido para casa com a Encarregada de Educação. Começaram por passar rapidamente o <i>PowerPoint</i>, em silêncio, somente para visualizarem os conteúdos lecionados. Posteriormente, resolveram os exercícios que constavam no referido <i>PowerPoint</i>. Os alunos responderam às questões nos cadernos diários.</p> <p>De seguida, a mestranda explicou o jogo <i>kahoot</i> (instruções e regras) e as suas finalidades. Projetou o código referente ao jogo que ela própria tinha elaborado em casa denominado “comércio e distribuição”. Os alunos acederam à plataforma, bem como a professora cooperante e jogaram.</p> <p>Quando terminou o jogo, restavam dois minutos para terminar a aula e aproveitaram para realizar uma pequena reflexão sobre a importância dos jogos didáticos nas aulas de Economia. Os alunos afirmaram ser de extrema importância, um elemento poderoso de motivação nos alunos e, ainda, facilitador de aprendizagens.</p> <p>Tocou e saíram dizendo: «Até amanhã, “storas”!». A mestranda organizou e arrumou tudo (à semelhança das outras aulas anteriores), despediu-se da professora cooperante e foi-se embora.</p>		<p>O entusiasmo com que receberam o jogo <i>kahoot</i> permitiu à mestranda realizar a tarefa do jogo de forma célere e eficiente, tendo os alunos compreendido de forma rápida as regras do jogo e as suas finalidades.</p> <p>Fica a ressalva ao facto de a professora cooperante também querer participar e demonstrar interesse em conhecer o jogo, de forma a poder, também, aplicá-lo em contexto sala de aula com as restantes turmas. Tal facto é relevante e demonstra a necessidade de “dar a conhecer” aos professores novas ferramentas pedagógicas, através de formação.</p>
<p>Data:29/11/2017 Hora:8h30/9h20 Turma: 10.ºPTC Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>A quinta aula foi a aula a que, além da assistência da professora cooperante, teve a professora orientadora do Instituto da Educação presente.</p>		<p>A mestranda ficou muito satisfeita com o resultado final, pois considerou que foi uma boa aula, semelhante às aulas que lecionou (sozinha). Utilizou os</p>

<p>A mestranda enviou, por <i>e-mail</i>, no dia anterior, o plano de aula para ambas as professoras. Algo nervosa, algo expectante... lá entraram na sala, as três, seguidas pelos alunos que se sentaram e copiaram o sumário: A venda e o processo de venda (noção, finalidades, etapas, exercícios e jogo didático).</p> <p>Ao fazer a chamada, verificou que estava a faltar uma aluna. Após o sumário, pediu aos alunos que abrissem o manual na página 51. Nessa altura, já tinha o seu portátil emparelhado com o projetor da sala, ao qual acedeu e projetou o <i>PowerPoint</i> (apêndice C) de forma que a aula fosse sequencial. (Os nervos e a ansiedade, assim que olhou para os alunos, desapareceram, por completo. Sentia-se muito confortável naquele lugar e, além disso, quer a professora cooperante, quer a professora orientadora do Instituto da Educação, com quem já tinha aprendido muito em diversos aspetos, transmitiram confiança.</p> <p>Assim, lecionou os métodos de venda, as suas modalidades, com atenção a conceitos, um exemplo dado pela professora e outros exemplos solicitados aos alunos. Posteriormente, abordaram o processo de venda e as suas etapas (aqui verificou-se a transversalidade de conteúdos). De seguida, resolveram (individualmente) e foram corrigidas oralmente algumas questões do manual referente aos métodos de venda e as suas etapas.</p> <p>Para finalizar a aula, os alunos resolveram um <i>kahoot</i> elaborado pela mestranda, “Venda e processo de venda”.</p>		<p>métodos interrogativo, expositivo e ativo.</p> <p>Fez a ligação da transversalidade de conteúdos com outra disciplina, técnicas de venda, o que entende ser muito positivo para os alunos, de forma a conseguirem enquadrar várias disciplinas num todo que é o Curso Profissional de Comércio.</p> <p>Foi muito motivador observar a agilidade com que os alunos ligam a aplicação nos telemóveis, jogam ao <i>kahoot</i> e, facilmente, apreendem os conteúdos.</p>
<p>Data:30/11/2017</p> <p>Hora:8h30/9h20</p> <p>Turma: 10.ºPTC</p> <p>Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>O sumário da sexta e última aula lecionada pela discente em IPP III foi: Ficha Formativa “O comércio e a distribuição”. Elaboração de um <i>kahoot</i> com base nas atividades das páginas 49 e 51 do manual.</p> <p>Iniciaram a aula com um breve resumo do subtema “comércio e distribuição”, através de exemplos, próximos da realidade dos alunos, o que gerou conversas paralelas, tendo de terminar com elas</p>		<p>A discente verificou que, se bem que é positivo ter-se uma aula com grande participação dos alunos, pois é mais motivadora, também se poderá tornar mais difícil controlar a gestão de tempo e ainda as conversas paralelas</p>

<p>rapidamente, apesar do interesse da discussão. Deixaram a ideia no ar de um possível futuro debate.</p> <p>Posteriormente, a mestranda entregou uma ficha formativa a cada aluno da turma (fotocópias que tirou em casa e levou para a escola) que ora junto em Apêndice C. Os alunos resolveram a ficha formativa a pares, corrigiram-na e, em três grupos de quatro elementos cada, elaboraram um <i>kahoot</i>, com 3 questões, tendo por base as pp. 49 e 51 do manual (páginas de atividades sobre o subtema). Fizeram o jogo e jogaram os 3 jogos feitos pelos alunos.</p>	<p>existentes entre os alunos. Tem de se encontrar um ponto de equilíbrio. Após 3 ou 4 minutos, provocados pela discente para debate, em que já estavam a existir conversas paralelas, teve de intervir e controlar a aula e a turma.</p> <p>Foi gratificante ver o entusiasmo com que os alunos criaram e jogaram os seus próprios jogos.</p> <p>O jogo <i>kahoot</i> apresentou-se como um instrumento facilitador de aprendizagem.</p>
---	---

IPP IV

Data: 22/02/2018 Hora: 8h30/9h20 Turma: 10.ºPTC Sala: A506	Descrição	Reflexão
	<p>A turma é composta por 14 alunos. Estavam 12 alunos presentes na aula. A professora cooperante, aquando da chamada, transmitiu que um aluno e uma aluna da turma, à semelhança das aulas em que já tinha assistido, continuam a faltar, não se sabendo, ainda, se irão mudar de curso ou desistir de estudar, pois, entretanto, um deles atingiu a maioridade. Uma das alunas chegou dez minutos atrasada e foi alertada, pela professora, dessa situação, ao que respondeu que o autocarro chegou atrasado a Torres Vedras. Um outro aluno bateu à porta às 9h07. A discente deixou-o entrar e, logo de seguida, o aluno justificou a sua ausência (foi fazer análises clínicas), entregando a respetiva justificação à professora cooperante. Posteriormente, sentou-se no seu lugar e esteve atento à parte restante da aula, tendo o colega de secretária explicado,</p>	<p>A professora cooperante já tinha comunicado à turma que regressaria nesta data e começaria a lecionar, logo no primeiro dia de encontro com a turma.</p> <p>Foi muito bem acolhida quer pela turma quer pela professora cooperante à semelhança do que aconteceu em Iniciação à Prática Profissional III (IPP III). Nesta primeira aula, os alunos encontravam-se muito entusiasmados com o facto de poderem usar o telemóvel em sala de</p>

<p>em voz baixa e sem perturbar o decurso da aula, o que tinham feito na sua ausência.</p> <p>A lição foi a número 92, com o sumário (escrito pela mestranda no quadro com marcadores): módulo 4 – A moeda: evolução (da troca direta à troca indireta). Tipos de moeda (moeda-mercadoria, moeda metálica, moeda-papel, papel-moeda e moeda escritural).</p> <p>A mestranda preparou a apresentação de um <i>PowerPoint</i>, que se junta em apêndice C. A mestranda começou por definir o conceito “moeda” e, posteriormente, passou o vídeo “A história do dinheiro”. Após o seu visionamento, houve uma breve análise crítica à questão abordada pelo vídeo.</p> <p>Seguiu o estipulado no sumário, tendo como suporte quer o referido <i>PowerPoint</i>, quer o manual da Editora Plátano, adotado pela ESHN, na disciplina de Economia, no ensino profissional. Assim, a mestranda utilizou como recursos didáticos: o manual adotado, um dos três quadros brancos disponíveis na sala de aula, bem como os respetivos marcadores.</p> <p>Solicitou aos alunos que copiassem, para o caderno diário, os apontamentos do <i>PowerPoint</i>. Os alunos preencheram, cada um deles, um cheque (imagem retirada da <i>internet</i>).</p> <p>Nem todos os alunos eram portadores do manual escolar, mas, rapidamente, a situação foi resolvida, visto existir um manual por cada secretária (com dois alunos).</p> <p>Quando tocou para a saída, pelas 9h20m, tinha terminado os conteúdos enunciados no sumário e disse “usufruam do intervalo. Até já!”. O sumário foi cumprido, tendo alcançado os objetivos previstos para a aula.</p>		<p>aula. As reações mantiveram-se positivas quando a mestranda lhes comunicou que só na segunda aula iriam usar o telemóvel como ferramenta de trabalho, contudo, os alunos poderiam ter em cima da secretária o dispositivo tecnológico, ainda que sem som e sem o usarem. Assim fizeram e cumpriram as orientações.</p> <p>Quando a mestranda solicitou aos alunos que copiassem os apontamentos do <i>PowerPoint</i>, estes reagiram de forma positiva.</p> <p>A turma em geral, e cada aluno, em particular, estiveram muito atentos, participativos, interessados nos conteúdos abordados, bem como na disciplina, e demonstraram espírito crítico e curiosidade no decorrer da aula.</p>
<p>Data:22/02/2018</p> <p>Hora:9h30/10h20</p> <p>Turma: 10.ºPTC</p> <p>Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>

<p>A segunda aula iniciou com os 12 alunos presentes na sala (a mestranda fez a chamada). Após os dez minutos de intervalo, a discente escreveu o sumário da lição número 93, no quadro branco. Sumário: As funções da moeda. Trabalho a pares: Pesquisa, seleção e visionamento de pequenos vídeos sobre a moeda (uso do telemóvel).</p> <p>A mestranda projetou, novamente, o <i>PowerPoint</i> no slide “funções da moeda”, solicitou a um aluno que o lesse. Depois, pediu, com braço no ar, que lhe dessem exemplos das diferentes funções da moeda. Todos participaram, mesmo quem não colocou o braço no ar, pois foi questionado pela docente (dois alunos mais introvertidos). Posto isto, copiaram para o caderno o que consta no slide em questão.</p> <p>Enquanto os alunos copiavam (a discente congelou a imagem no projetor), preparou o teste interativo dos recursos do grupo Leya “Formas e funções da moeda”. Assim que terminaram de copiar, pediu que um dos alunos se oferecesse como voluntário (quase todos se ofereceram), para seguir o teste no computador da sala (o portátil da discente) estando o teste projetado e sendo resolvido em conjunto, pelo grupo turma. Posteriormente, resolveram, em conjunto, de forma oral, as atividades propostas no manual, nas páginas 111 e 113, referentes às questões abordadas nas aulas 92 e 93.</p> <p>Como última atividade desta aula, e em pares, com o uso do telemóvel, pesquisaram, selecionaram e projetaram pequenos vídeos (de dois a três minutos de duração) sobre a moeda. No final de cada projeção, cada par fez um pequeno comentário ao vídeo exposto. Um dos alunos tem um telemóvel antigo, sem acesso à <i>internet</i>, mas a colega de secretária disponibilizou-se para realizarem a pesquisa, em conjunto, no telemóvel dela.</p> <p>A aula terminou com o comentário do último par.</p> <p>A mestranda disse-lhes que, no dia seguinte, a aula também seria com ela e desejou-lhes: “Resto de dia feliz!”</p>	<p>Os alunos não se atrasaram no intervalo, tendo mesmo alguns chegado à sala antes de ter tocado para a entrada. Sabiam que a mestranda e a professora cooperante estaríamos na sala de aula.</p> <p>Os alunos primam pelo gosto de terem os cadernos diários atualizados e onde constem os conteúdos lecionados nas aulas.</p> <p>O facto de um dos alunos ser proprietário de um telemóvel antigo, sem acesso à <i>internet</i>, não foi motivo nem de risos, nem de comentários depreciativos. Pelo contrário, mostraram-se solidários com o colega.</p> <p>A aluna que já se tinha destacado pela sua excelente participação em IPP III voltou a evidenciar-se, mostrando-se ativa, perspicaz, com espírito crítico e bastante participativa nas atividades desenvolvidas no decorrer da aula. De um modo geral, o grupo/turma esteve atento, participativo, dedicado ao trabalho e ao cumprimento quer das regras de sala de aula, quer do sumário, pois ansiavam pela pesquisa no telemóvel, sendo esta a última atividade prevista para a aula.</p>	
<p>Data:26/02/2018</p> <p>Hora:10h40/11h30</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>

Turma: 10.ºPTC Sala: A506		
<p>A terceira aula iniciou com 11 dos 12 alunos da turma presentes na sala (a mestranda fez a chamada), visto ter faltado à aula uma aluna. Escreveu sumário da lição número 94 (escrito no quadro branco): Resumo dos conteúdos lecionados da moeda através de uma análise crítica. A desmaterialização da moeda. Leitura e interpretação do texto “O processo de desmaterialização da moeda”.</p> <p>Iniciaram a aula com o visionamento, pela segunda vez, do vídeo: “A História do Dinheiro”, de forma a resumir e comentar os conteúdos lecionados nas aulas anteriores, através de uma análise crítica. Vários alunos participaram de forma assertiva e ativa, manifestando espírito crítico na atividade proposta. A professora teve de intervir de forma a que todos participassem na análise, de forma a que nenhum aluno fosse prejudicado por ser introvertido/inseguro.</p> <p>Posteriormente, explicou o processo de desmaterialização da moeda, recorrendo a um <i>PowerPoint</i> elaborado pela discente e aceite pela professora cooperante e, ainda, ao manual adotado.</p> <p>Como última tarefa da aula, escolheu um aluno que leu, em voz alta, um texto adaptado do Prof. Doutor Paulo de Pitta, incluído no <i>PowerPoint</i>. Distribuiu uma fotocópia, por aluno, com o texto, acima exposto, para que, nela, fizessem a sua interpretação e análise. Terminaram a aula, trocando ideias das diferentes interpretações feitas pelos alunos, tendo a mestranda feito uma síntese do texto.</p> <p>A planificação da aula, elaborada pela mestranda foi cumprida. Tocou e os alunos saíram para o intervalo, tendo alguns alunos permanecido na sala, conversando entre eles.</p>		<p>Os alunos foram pontuais. Explicaram o motivo da ausência da colega que faltou, como estando doente.</p> <p>Os alunos mostraram-se ativos e ficaram surpreendidos, pela positiva, com o visionamento, pela segunda vez, do mesmo vídeo, pois alegaram “nunca tinha pensado nisto, mas a minha visão do vídeo mudou”, “mudou, porque agora já sabemos a evolução da moeda quer pelo vídeo, quer pelas aulas anteriores”.</p> <p>Dois alunos quiseram prestar os seus conhecimentos da moeda eletrónica, nomeadamente no uso de cartões de débito, na companhia dos pais. Ouvimo-los com atenção (foi espontâneo e não estava planificado).</p>
Data:26/02/2018 Hora:11h40/12h30 Turma: 10.ºPTC Sala: A506	Descrição	Reflexão
<p>A quarta aula iniciou com os 11 alunos presentes. A aluna que faltou ao primeiro tempo continuou a faltar. Não foi feita a chamada, mas a</p>		<p>A turma do ensino profissional e do curso de Técnico de Comércio adotou</p>

<p>mestranda verificou que estavam todos presentes. Após os dez minutos de intervalo, foi escrito o sumário da lição número 94 no quadro branco. Sumário: Resolução e correção das atividades propostas no manual, na página 115, acerca da desmaterialização da moeda. Resolução e correção do texto interativo 2, da Leya (Economia A, 10.º). Elaboração de um <i>kahoot</i>.</p> <p>A mestranda projetou as questões presentes na página 115 do manual, pois constam do <i>PowerPoint</i>, tendo solicitado aos alunos que as resolvessem a pares. Como se encontram sentados em secretárias com capacidade para dois alunos, foi relativamente fácil formar os pares, sendo que uma aluna, que estava sem par, se juntou a duas colegas. Foi-lhes dado um tempo de 10 minutos para resolução das questões, ao que anuíram. Findo o tempo combinado, corrigiram os exercícios e seguiram para a tarefa seguinte, a resolução do teste interativo 2, da Leya. Como os alunos já conhecem bem os procedimentos, foi célere a resolução do teste, tendo sido uma aluna a passar as questões no computador, sendo ela uma aluna mais introvertida que aceitou o desafio.</p> <p>Como última tarefa, a mestranda lembrou como se acede à aplicação <i>kahoot</i>, como se elabora um <i>Quiz</i> referente aos conteúdos lecionados pela professora, no âmbito do módulo 4 (a moeda: evolução, tipos, funções e a sua desmaterialização) e quais as regras (elaboração de 5 questões, com 30 segundos para os colegas responderem a cada questão; trabalho desenvolvido a pares). Os alunos mantiveram os pares e o trio. Elaboraram os <i>kahoots</i>.</p> <p>Para finalizar, a professora projetou a aplicação e realizaram os cinco jogos. Tocou quando estavam a resolver a quarta questão do último grupo. Os alunos quiseram terminar o jogo. A professora cooperante também participou ativamente.</p> <p>Após o jogo, houve a despedida dizendo a mestranda “até quarta-feira”.</p>		<p>uma postura muito correta tendo sido eficiente, célere e ativa no decorrer da aula.</p> <p>Os alunos cumpriram a tarefa de resolução dos exercícios da página 115 do manual e apresentaram-se, de forma ordeira, durante o período de correção das mesmas questões, tendo as mesmas sido respondidas por quem a mestranda solicitou.</p> <p>Na apresentação do Jogo <i>kahoot</i> (os pares e o trio) assumiram a responsabilidade de condução daqueles momentos da aula, tendo a mestranda ido sentar-se ao lado da professora cooperante. Estiveram muito bem, quer na postura, quer nos conteúdos dos <i>kahoots</i> elaborados.</p> <p>Aula muito produtiva e na qual a utilização do telemóvel ocorreu sem incidentes e tendo mesmo sido benéfica para a aula e o seu normal funcionamento.</p>
<p>Data:28/02/2018 Hora:8h30/9h20 Turma: 10.ºPTC</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>

Sala: A506		
<p>A quinta aula iniciou com 10 alunos presentes na sala (foi feita a chamada). Uma das alunas chegou com treze minutos de atraso, tendo falta de atraso (marcada pela professora cooperante) e faltou um aluno da turma (não se sabia o motivo). Após os dez minutos de intervalo, a discente escreveu o sumário da lição número 96 no quadro branco. Sumário: O preço de um bem – noção e componentes. Resolução de um teste interativo e de uma ficha formativa. Pesquisa de preços em sites de hipermercados.</p> <p>Esta aula foi assistida pela professora orientadora do Mestrado.</p> <p>A aula decorreu de acordo com o exposto no sumário. Iniciou-se a aula, fazendo uma introdução ao tema com questões acerca do significado “o preço dos bens”. Posteriormente, fez-se um enquadramento teórico em <i>PowerPoint</i> projetado, à semelhança das aulas anteriores. Nesse enquadramento, foi abordada a noção de preço de um bem, foram apresentados e explicados os fatores que influenciam a formação dos preços, e relacionou-se o preço de custo com o preço de venda.</p> <p>Seguidamente, a mestranda projetou uma frase no quadro que os alunos e, à semelhança do que aconteceu com os apontamentos, copiaram para o caderno diário. Foi-lhes solicitado, pela discente, que refletissem naquela frase que, em seguida, seria alvo de uma análise crítica por parte do grupo/turma, tendo, assim, promovido um pequeno debate em que a professora agiu como se se tratasse de moderadora.</p> <p>Como tarefa seguinte, foi entregue aos alunos uma ficha formativa (junta em apêndice), composta por várias questões de interpretação de um texto retirado do portal da Gestão. Os alunos resolveram, individualmente, as questões da ficha formativa e, posteriormente, corrigiram-na, oralmente, com a mestranda, mediante o braço no ar para poderem responder às diversas questões.</p> <p>Em seguida, um dos alunos, voluntário, foi passar o teste interativo “preço de um bem – noção e componentes”, do grupo Leya, de acordo com as regras já explicitadas nas aulas anteriores.</p>		<p>Os alunos entraram na sala de aula e cumprimentaram as duas professoras e a mestranda. O telemóvel de um aluno vibrou no decorrer da aula, tendo o mesmo pedido desculpa pelo sucedido e tendo desligado o vibrador do telemóvel.</p> <p>Os alunos comportaram-se como nas aulas anteriores: participativos, interessados nos conteúdos, focados e empenhados nas tarefas da aula.</p> <p>Aquando da pesquisa dos preços dos bens nos sites de hipermercados, houve alguma agitação na sala, o que se afigurou como sendo normal, atendendo ao tipo de tarefa que estavam a realizar e pelo facto de estarem a trabalhar em pares / trio.</p> <p>O grupo/turma ficou entusiasmado com o facto de irem receber o <i>PowerPoint</i> da aula seguinte por e-mail.</p>

<p>Como última atividade desta aula, em pares e um trio, os alunos fizeram uma pesquisa sobre o melhor preço de alguns bens que a mestranda enumerou no quadro (arroz vaporizado, esparguete, leite e ovos). Esta pesquisa partiu do browser Google e teve incidência nos diversos hipermercados que cada par e trio conheciam. A mestranda foi acompanhando a pesquisa junto de cada grupo. No final, apontaram-se os melhores preços dos diversos bens.</p> <p>A mestranda cumpriu o estabelecido no plano de aula e terminou chamando a atenção dos alunos de que iriam receber, no <i>e-mail</i> da turma, o <i>PowerPoint</i> referente à aula seguinte.</p>		
<p>Data:01/03/2018 Hora:8h30/9h20 Turma: 10.ºPTC Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>A sexta aula iniciou com 11 alunos presentes na sala (a mestranda fez a chamada). Faltou um aluno à aula. Escreveu o sumário da lição número 97 no quadro branco. Sumário: A inflação: noção (inflação e deflação); as consequências da inflação. Pesquisa, seleção e visionamento de pequenos vídeos, no <i>Youtube</i>, sobre a inflação (trabalho a pares).</p> <p>A discente solicitou aos alunos que abrissem o e-mail da turma e descarregassem o <i>PowerPoint</i> que enviei para lá. Assim o fizeram, mas alguns alunos já tinham feito o <i>download</i>. Seguiram a aula pelos telemóveis, a turma, a mestranda e a professora cooperante. Após a abordagem às noções de inflação e deflação, os alunos copiaram para o caderno o slide respeitante ao conteúdo abordado. Posteriormente, uma aluna leu o slide das consequências da inflação e a mestranda pediu-lhes que dessem um ou dois exemplos práticos e assim foi. Quatro alunos quiseram dar exemplos práticos. Como tarefa seguinte, os alunos resolveram (em 10 minutos) e corrigiram todos juntos (por ordem numérica) as questões da página 117 do manual sobre a Inflação.</p>		<p>Os alunos entraram bem-dispostos e com vontade de trabalhar. Estavam motivados com o facto de irem trabalhar com o <i>PowerPoint</i> nos seus telemóveis. A mestranda levou o <i>PowerPoint</i> em papel para o aluno que não tem acesso à <i>internet</i> no seu telemóvel.</p> <p>A aula fluiu com normalidade e tranquilidade. Os alunos aderiram de forma bastante positiva à tarefa proposta de seguirem a aula através o telemóvel.</p> <p>Uma das alunas estava, aquando da resolução das atividades do manual, a consultar uma rede social, a discente chamou-a a atenção e, sob o olhar reprovador da turma, ela lamentou a</p>

<p>A atividade seguinte foi realizada em pares (os já formados desde o início das aulas) e o trio. Os grupos pesquisaram, no <i>Youtube</i>, nos seus telemóveis, pequenos vídeos (com cerca de 3 minutos) sobre a inflação. O desafio consistia em identificar qual o melhor vídeo, atendendo aos requisitos exigidos: cerca de 3 minutos de visionamento, o tema fulcral ser a inflação e o que melhor a explicasse (de uma forma lúdico didática). Cada grupo projetou o seu vídeo. Todos, de uma forma geral, cumpriram os requisitos exigidos. A turma e a professora cooperante elegeram o grupo de duas alunas como tendo mostrado o melhor vídeo.</p> <p>A aula terminou quando faltavam dois minutos para tocar. Aproveitaram para falar sobre o estudo da discente, que respondeu a algumas curiosidades dos alunos acerca do mesmo. Tocou e alguns alunos foram ao intervalo, outros ficaram a conversar com a professora cooperante e com a discente dentro da sala.</p>		<p>situação e referiu que tal não voltaria a acontecer.</p> <p>Assim que tocou para a saída, alguns alunos foram ao intervalo, outros ficaram a conversar com as professoras acerca do Exame Nacional de Economia A, pois alguns alunos desta turma tencionam seguir um percurso universitário.</p>
<p>Data:01/03/2018 Hora:9h30/10h20 Turma: 10.ºPTC Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>A sétima aula iniciou com os 11 alunos que tinham estado presentes na aula anterior (a discente não fez a chamada, usando a forma de observação direta). Após os dez minutos de intervalo, escreveu o sumário da lição número 98 no quadro branco. Sumário: A medida de preços no consumidor (o IPC); a fórmula; as taxas de variação. Resolução e correção de exercícios no manual.</p> <p>Os alunos continuaram a acompanhar esta aula recorrendo aos seus telemóveis, visionando e copiando os apontamentos do <i>PowerPoint</i>. Seguiram o sumário, definindo IPC, conhecendo a fórmula de cálculo, visionando e compreendendo alguns exemplos e resolvendo as questões previstas na página 124 do manual adotado (trabalho individual), recorrendo ao uso da calculadora do telemóvel.</p>		<p>Os alunos não se atrasaram no intervalo, à exceção de dois alunos que foram alertados pelo incumprimento das regras de sala de aula. Pediram desculpa e sentaram-se nos seus lugares, sem perturbar mais o normal funcionamento da aula.</p> <p>Os alunos conheciam e estão habituados a usar a calculadora do telemóvel, sempre que lhes é permitido nas outras disciplinas. Usaram-na como sendo mais uma ferramenta pedagógica. Tiveram uma postura adequada ao tipo de aula que estavam a</p>

<p>A discente solicitou que as respostas (apresentação da fórmula e dos cálculos) fossem escritas no quadro. Foram alguns alunos resolvê-las ao quadro (levantaram o braço no ar para irem ao quadro responder). No final do plano da aula estar concluído, sobraram cinco minutos, que foram devidamente aproveitados solicitando a discente ajuda na elaboração do questionário a aplicar à turma. Primeiramente, a discente explicou em que consistia o questionário, referiu que iam responder ao mesmo através da internet e solicitou à turma que fizessem uma breve reflexão no tipo de questões que devessem ser incluídas no referido documento.</p>		<p>ter, mostrando-se calmos, trabalhadores, empenhados e motivados com as tarefas da aula. Especial atenção ao facto de os alunos desta turma terem sido muito críticos em relação ao estudo da discente e tendo, os mesmos, feito diversas sugestões de questões a incluir no questionário. Gostaram, em particular, do facto de o questionário ser respondido de forma <i>online</i>.</p>
<p>Data:05/03/2018 Hora:10h40/11h30 Turma: 10.ºPTC Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>A oitava aula iniciou com os 12 alunos presentes na sala (tendo sido feita a chamada). A discente escreveu o sumário da lição número 99 no quadro branco. Sumário: A poupança: noção e destinos. A taxa da poupança. Resolução e correção dos exercícios da página 125 do manual.</p> <p>A aula iniciou-se com a projeção de dois pequenos vídeos sobre a poupança (<i>links</i> em apêndice C junto ao <i>PowerPoint</i> das 8.ª e 9.ª aulas lecionadas). Posteriormente, os alunos comentaram os vídeos fazendo aproximações à noção e aos destinos da poupança. No fim deste tempo de análise dos vídeos, a discente solicitou que abrissem o manual e encontrassem a definição de poupança e quais os seus destinos possíveis. Após a mestrandia ter ditado uma noção de poupança e de os alunos terem copiado, do quadro, o esquema referente aos destinos da poupança, apresentou a fórmula da taxa de poupança e referiu a sua importância. Para finalizar a aula, os alunos resolveram as questões da página 125 do manual, tendo utilizado a calculadora do telemóvel para efetuarem os cálculos solicitados.</p>		<p>Os alunos estavam todos presentes na sala de aula. Foram, como sempre, motivados e dedicados ao trabalho, participativos e com espírito crítico.</p> <p>Mais uma vez, a discente constatou o gosto dos alunos desta turma em terem todos os conteúdos lecionados expostos no caderno diário, pois quando quis fazer referência aos apontamentos do manual (pediu para sublinharem o mais importante) responderam, em coro, que queriam copiar para o caderno.</p> <p>Os alunos foram ao intervalo, para que a professora cooperante a mestrandia pudessem ir tomar um café, não deixando nenhum aluno na sala de aula sem um professor.</p>

<p>A aula terminou com o toque, quando quase todos os alunos já tinham resolvido as questões acima mencionadas.</p> <p>Nesta aula, não foi cumprido o sumário na íntegra, pois os exercícios não foram corrigidos, tendo sido estipulado que iniciariam a próxima aula com a correção dos exercícios.</p>		
<p>Data:05/03/2018</p> <p>Hora:11h40/12h30</p> <p>Turma: 10.ºPTC</p> <p>Sala: A506</p>	<p>Descrição</p>	<p>Reflexão</p>
<p>A nona, e última aula, iniciou com os 12 alunos presentes na sala, findo o intervalo de 10 minutos (a discente não fez a chamada, usou o método de observação direta). Escreveu o sumário da lição número 100 no quadro branco. Sumário: Correção dos exercícios resolvidos na aula anterior. Resolução e verificação do teste interativo “A utilização da poupança – O consumo e a poupança”. Conversa com os alunos sobre o uso do telemóvel nas aulas de Economia.</p> <p>A aula teve início com a correção, no quadro, das questões da página 125 do manual, resolvidas na aula anterior (os alunos foram selecionados pela mestrandia de forma a privilegiar todos os alunos). Posteriormente, a discente selecionou um aluno, que ainda não tivesse intervindo no quadro ou no computador portátil, para ir passar as questões do teste interativo no computador e, em conjunto com a turma, resolver o teste. A resolução do teste correu bem, tendo a turma obtido um resultado de 100%.</p> <p>Como terceira e última tarefa, a mestrandia questionou acerca da utilidade do uso do telemóvel nas aulas de Economia, vantagens e desvantagens, o que pode alterar, retirar e/ou acrescentar ao uso do telemóvel nas aulas.</p> <p>Nos últimos cinco minutos de aula, estiveram a despedir-se e a falar acerca do futuro daqueles jovens da turma do Curso Profissional de Técnico de Comércio.</p>		<p>Os alunos chegaram ao mesmo tempo que a professora cooperante e a discente à sala de aula, tendo somente dois alunos chegado cinco minutos atrasados, alegando que estiveram na fila do bar para comer qualquer coisa.</p> <p>O grupo/turma esteve atento, participativo, dedicado ao trabalho e ao cumprimento quer das regras de sala de aula, quer do cumprimento do sumário. Revelaram ter, além de espírito crítico, criatividade, fazendo algumas sugestões do uso do telemóvel nas aulas de Economia.</p> <p>A discente despediu-se dos alunos e da professora cooperante, mas teve de prometer que regressaria antes do final do ano letivo, de forma a mostrar os resultados do inquérito.</p> <p>Assim o fez e, no final de maio, regressou à aula de Economia e projetou os resultados do inquérito a que cada aluno respondeu, individualmente.</p>

Guião de Entrevista – Professora Cooperante

a) Ensino Profissional e Ensino Regular

Como caracteriza o ensino profissional?

Teve um grande desenvolvimento nos últimos anos com uma oferta escolar muito diversificada.

Quais as principais diferenças entre o ensino regular e o ensino profissional?

A certificação, o prosseguimento de estudos e a entrada no mercado de trabalho.

Como caracteriza o ambiente e funcionamento das turmas (de ensino profissional e ensino regular) em sala de aula?

Depende das turmas, mas regra geral, as aulas do ensino profissional têm sempre que incluir atividades práticas que levem os alunos a consolidar os conhecimentos, pois têm uma grande carga horária que não lhes permite trabalhar fora das aulas de forma regular.

No ensino regular, já é possível desenvolver aulas expositivas mais longas, pois os alunos, regra geral, têm um nível de concentração mais elevado, e consolidam os conhecimentos com trabalhos de casa.

b) Conhecimento dos alunos

Tendo em conta que leciona Economia quer no ensino regular quer no ensino profissional, como caracteriza essas mesmas turmas, em:

A) Idades;

B) Aproveitamento;

C) Comportamento.

Em regra, os alunos do ensino regular são mais jovens (têm menos retenções anteriores), têm melhor aproveitamento e melhor comportamento.

Isto acontece porque o ensino profissional, com o alargamento da escolaridade obrigatória, recebe todos os alunos que não têm lugar no ensino regular. Por norma, quanto ao comportamento, tendo a ser mais tolerante com os alunos dos cursos profissionais, embora não permita que ultrapassem determinados limites, por se considerar que muitos destes alunos estão em risco de abandono escolar.

Utiliza diferentes metodologias, técnicas pedagógicas, recursos em cada uma das disciplinas que leciona à turma de ensino profissional e ensino regular?

Como já referi acima, as estratégias são diferentes. Desde logo, temos critérios de avaliação diferentes, pelo que estratégias e recursos têm que ser diferentes.

No Ensino Regular, a avaliação sumativa contribui com 75% para a avaliação final e no ensino Profissional 60%.

Como costuma fazer as planificações das suas aulas? Diferencia-as de turma para turma, mesmo quando leciona a mesma disciplina?

Tenho em conta:

- O programa da disciplina;
- O calendário;
- Contexto turma (nível de ensino, continuidade pedagógica...)

. As planificações de longo e médio prazo, têm prazos a cumprir para a sua entrega? A quem as entrega?

- Sim, finais de setembro;
- Planificações de Longo Prazo entrego-as ao coordenador de departamento;
- Planificações de Médio Prazo do Ensino profissional ao Diretor de Turma (DT).

. Acerca da prática letiva e outros papéis que desempenhe ou tenha desempenhado na Escola, quer mencionar algum?

Quanto à prática letiva:

- Matemática e Ciências da Natureza – 2.º ciclo - 2anos;
- Matemática 3.º ciclo - 1 ano;

- Atividades Económicas – 9.º ano;
- Introdução à Política, Relações Públicas, Administração Pública, Sociologia, Direito, Economia do Ensino Regular, Economia do CEF, Economia do Ensino Profissional, Comercializar e Vender do Ensino Profissional e Sociedade Tecnologia e Ciência nas Novas Oportunidades.

Este ano não exerço qualquer cargo.

Ao longo da minha longa carreira, só não exerci cargos de direção.

Já fui:

DT, mediadora nos cursos das Novas Oportunidades, Delegada de Grupo, Vice-Presidente do Conselho Pedagógico, Orientadora de Estágio de Profissionalização em Serviço e Professora Titular Avaliadora. (de memória, creio que não me esqueci de nenhum).

Anexos

Anexo A – Critérios de avaliação do curso PTC na ESHN

Escola Secundária Henriques Nogueira

Ano Letivo de 2017/2018

Critérios Específicos de Avaliação

Ensino Secundário – Cursos Profissionais

Departamento de Ciências Económicas e Empresariais

Parâmetros	Critérios	Instrumentos	%
Conhecimentos / competências específicas	. Domínio das competências e dos conceitos das disciplinas. . Capacidade de comunicação, utilizando os conceitos e o vocabulário específico das disciplinas: . Capacidade de pesquisar, selecionar e tratar a informação;	Testes sumativos e/ou outros instrumentos com o mesmo carácter	60%
Saber fazer / saber ser	<div> . Respeito pelas regras da escola . Solidariedade e cooperação </div> <div> . Utilização dos materiais de trabalho. . Iniciativa e autonomia na realização das tarefas. . Evolução do desempenho </div> <div> . Correção na utilização da língua portuguesa . Pertinência das intervenções orais </div>	. Fichas de trabalho . Atividades práticas . Trabalhos individuais . Trabalhos de grupo . Portefólios . Registos de observações	40%